

2007

FLÁVIA MARIA MARQUES

OS SENTIDOS QUE OS ESTUDANTES DO PRIMEIRO ANO DO
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DA PUC-SP ATRIBUEM AO SEU
PROJETO DE FUTURO PROFISSIONAL

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia da Educação sob a orientação da Prof. Dra. Wanda Maria Junqueira Aguiar.

PUC/SP
São Paulo
2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

BANCA EXAMINADORA

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Dedico este trabalho a meu pai, Newton
Marques (in memoriam) pelo seu
idealismo e dedicação à Educação.
Ao Marcelo,
e aos meus filhos Daniel e Guilherme

AGRADECIMENTOS

À Ia (Wanda Maria Junqueira Aguiar), pela enorme generosidade ao doar-se de corpo e alma no trabalho de orientação de seus alunos, e igual competência ao fazê-lo, o que a torna uma pessoa especial. Sinto-me grata em ter sido sua orientanda.

Às professoras Abigail Alvarenga Mahoney e Laurinda Ramalho de Almeida, pela acolhida e atenção no início do curso.

À prof. Ana Mercês Bahia Bock e ao prof. José Roberto Heloani que gentilmente participaram de meu exame de qualificação e muito contribuíram com suas sugestões.

Ao meu marido, Marcelo, e aos meus filhos, Daniel e Guilherme, que me acompanharam intensamente neste processo, muitas vezes abrindo mão de nossa convivência. Juntos apostaram, viveram e compartilharam desta rica experiência.

À minha mãe, Maria Genoeffa, que muito me incentivou em diferentes momentos da minha vida profissional e, especialmente, na concretização deste projeto.

Aos meus irmãos, Fábio, Marcelo e Maurício, às minhas cunhadas, Kátia e Cristina, e ao meu sobrinho Renato, que mesmo de longe acompanharam o passo-a-passo deste percurso.

À minha prima Macamo, pelas ligações telefônicas e pela preocupação com o

A Irene e Helena, secretárias do programa, pela prontidão quanto às nossas solicitações durante o curso.

À CAPES, pela bolsa concedida durante o curso.

RESUMO

Esta pesquisa investiga os sentidos que os jovens estudantes do primeiro ano de graduação de Administração da PUC-SP atribuem aos seus projetos de futuro profissional, bem como os elementos que os compõem e seus múltiplos determinantes. As transformações que nossa sociedade tem sofrido nas últimas décadas, como o avanço tecnológico, os processos de flexibilização e precarização do trabalho e a globalização da economia têm trazido mudanças, que são constitutivas de suas subjetividades. Consideramos, igualmente, o discurso ideológico da qualificação permanente e o apelo ao sucesso econômico elementos importantes na constituição dos jovens na contemporaneidade e em seus projetos de futuro.

O referencial teórico metodológico que embasa essa pesquisa é o da Psicologia Sócio – Histórica, representada pelo pensamento de Vigotski. Para tanto, foi realizado um grupo focal e duas entrevistas. A análise empreendida consistiu na aglutinação de pré-indicadores, que foram sistematizados em indicadores, os quais, articulados e sistematizados, nos evidenciaram quatro núcleos de significação. Nestes, atentou-se para jovens com imensa dificuldade em projetar-se no futuro, apresentando sonhos fragilmente delineados e fluidos. Atrelem suas necessidades às condições materiais que almejam, o “ganhar dinheiro”, porém, não visualizam os meios concretos para realizar tais desejos. Vivem no imediatismo, no presente, no desejo constante de aproveitar a vida, trazendo como consequência sonhos empobrecidos e jovens desprovidos de motivação, entristecidos, apáticos e descrentes quanto ao futuro. Mas, paradoxalmente, também apresentam uma ilusão quanto ao diploma da PUC, apostando na qualificação em uma universidade reconhecida, como garantia para o futuro.

Palavras-chave: Subjetividade, Estudantes Universitários, Projeto de Futuro Profissional, Mercado de Trabalho, Psicologia Sócio-Histórica.

ABSTRACT

This research investigates the importance that freshmen students of the Administration course from PUC University/Sao Paulo allocate to their professional future projects, as well as the elements and multiple determinants that compose these projects. The transformations our society has gone through the last decades, as the technological advancement, flexibilization processes, precarization of work and the economy globalization have brought changes, which are constituents of the subjectivity of these students. We consider, equally, the ideological speech of continuous qualification and the appeal of economical success as important elements in the constitution of these young students at contemporarity and their future projects.

The theoretical methodology reference on which this research is based is that of the Sociohistorical Psychology, represented by the thought of Vigotski. For that, one focal group and two researches were performed. The analysis done consisted on the agglutination of the pre-indicators, that were systematized in indicators, and when articulated and systematized, were confirmed to us by four core meanings. On these we observed young people with an immense difficulty of self-projecting in the future, presenting dreams which are fluid and have a fragile delimitation. They couple their needs to the material benefits they aim, the “earning a living”, however they do not visualize concrete ways of reaching such desires. They live on the short term, on the present, on the constant desire to enjoy life, and as a consequence these young people end up having poor dreams, lacking motivation, and are saddened, apathetic and incredulous about the future. But paradoxically, they also present some illusion regarding their diploma from PUC, betting on the qualification of a recognized university as a guarantee to the future.

Key-words: Subjectivity, University Students, Professional Future Project, Working Market-Place, Sociohistorical Psychology

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
I - O TRABALHO E SEU SIGNIFICADO	9
-I.1 O capitalismo e suas transformações na contemporaneidade.....	11
-I.2 O sistema de flexibilização e a subjetividade do indivíduo.....	13
-I.3 A reinvenção dos valores no mundo moderno	15
-I.4 A globalização da economia e a nova realidade que se impõe.....	20
-I.5 Desemprego, precarização do trabalho e exclusão	26
-I.6 Pedagogia do mercado: pedagogia das competências e da empregabilidade...	30
II- REFERENCIAL TEÓRICO.....	34
-II.1 Quem é Vigotski?.....	34
-II.2 A concepção de homem e de mundo na Psicologia Sócio Histórica	36
-II.3 As funções psicológicas na abordagem histórico-cultural de Vigotski.....	39
-II.4 A linguagem e o pensamento	42
-II.5 A categoria sentido, necessidade e motivo como constitutivos da Subjetividade	46
III- O MÉTODO	49
-III.1 Pressupostos	49
-III.2 Procedimentos da pesquisa	55
-III.3 Procedimentos de análise	60
IV- ANÁLISE.....	64
-IV.1 Aplicação do método na pesquisa.....	64
-IV.2 Análise dos Núcleos de Significação.....	76
-IV.2.1 A escolha de um curso baseada na falta de clareza, indecisão e possibilidade de inserção.....	76
-IV.2.2 O diploma como salvaguarda para o desemprego	87
-IV.2.3 As diferentes realidades: aluno Prouni e alunas PUC-SP.....	96
-IV.2.4 Desejos de futuro e a frágil idealização deste: uma dor a ser evitada .	106
V- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116

INTRODUÇÃO

O tema que me propus a investigar surgiu da experiência que adquiri ao atuar na área de Orientação Profissional, entendida como uma área mais ampla do que a escolha da profissão propriamente dita, posto que integra os diversos campos de trabalho que se relacionam à preparação do jovem para sua inserção no mercado, à busca do primeiro emprego, e reflexões sobre a escolha profissional.

Trabalhando há sete anos na área, ora como docente, ora como educadora, ora como orientadora profissional, e por vezes integrando esses papéis em um único, no qual a orientação não se descola da formação, me dei conta de que o eixo norteador que atravessa meu trabalho consiste em desvendar, refletir e ajudar o jovem a apreender o sentido que ele atribui ao seu futuro profissional. Inicialmente trabalhando como docente do núcleo central no Programa Educação para o Trabalho (PET) do SENAC, voltado para a capacitação de jovens de baixa renda para a inserção no mercado, entrei em contato com suas angústias e apreensões frente ao mundo do trabalho. Tais sentimentos de descrença apareciam como resultantes de sua condição socioeconômica desfavorecida, muitas vezes limitadora quanto à sua colocação no mercado. Relegados a ocupações inferiores na escala de trabalho, bem como a trabalhos precários, sem carteira assinada e com salários irrisórios, nutriam certo pessimismo em seus planos de continuidade de estudo. Nesse mesmo período atuava em disciplinas como Ética e Cidadania e Plano de Vida e Trabalho, também no SENAC, porém, com alunos de cursos técnicos, onde novamente o intuito do trabalho baseava-se em resgatar sonhos e projetos e levá-los a refletir sobre as perspectivas e ações voltadas para a sua concretização.

Em ONGs (Organizações Não-Governamentais) atuo como orientadora profissional na grade dos cursos de qualificação, na qual me deparo com a preocupação dos alunos em conseguir um primeiro emprego e o desejo em escolher um curso universitário, sonho incontestado da maioria deles. Como orientadora profissional atendo também as demandas de

escolha profissional dos alunos de escolas privadas, grande parte escolas de elite de São Paulo.

Diante dessa pluralidade e riqueza proporcionada pelos espaços de trabalho dos quais participo e do contato com jovens provenientes de diversas regiões de São Paulo, em suas diferentes realidades, acabo me confrontando a todo o momento com a ambigüidade dos sentimentos desses jovens em relação ao seu futuro profissional. Além disso, como orientadora profissional tenho observado que nos últimos anos tem aumentado a procura pelo curso de Administração de Empresas, denominado, por este motivo, curso de mercado. De tal modo que essa questão me mobilizou a conhecer melhor quem são os jovens que escolhem esse curso e investigar, uma vez feita a escolha e já ingressos em uma universidade, quais os sentidos que atribuem ao seu projeto de futuro profissional.

Nossos sujeitos da pesquisa são alunos de graduação do curso de Administração da PUC-SP. Escolhemos essa universidade, por ser ela considerada uma instituição com sólido reconhecimento no Brasil, por seu diferencial de universidade privada com alma/funcionamento de universidade pública e pela ênfase que seus cursos dão à formação humanística do aluno, aspecto esse que também diferencia o curso de Administração do de outras universidades privadas de São Paulo.

O aumento de jovens freqüentando faculdades e Universidades é um fenômeno relativamente recente no Brasil. A partir da década de 80, ocorreu um aumento expressivo no número de universidades e, com a ampliação de vagas no ensino médio, verificou-se um aumento na procura de vagas em Universidades, Instituições de Ensino e Centros Universitários, enfim, na educação superior.

Paralelo a isso, verificou-se ainda que, diferentemente do que ocorria há décadas atrás, quando freqüentar uma universidade representava um rito de passagem para o mundo adulto, hoje a procura se dá em busca de uma formação contínua, de uma qualificação permanente, de

profissional: “Eu quero saber qual é o curso que fará com que eu seja diretor de empresa, qualquer curso... quero ser diretor”, ilustram a angústia e a ansiedade do jovem diante das múltiplas determinações a que está submetido. Há uma distorção, “ser mediano” personifica o fracasso e traz à tona o pensamento: “Eu não sou bom o bastante”. Sennett (1999) é um autor que estudou bem as mudanças nas relações do trabalho e as alterações na tradicional imagem do “trabalhador”. Segundo o autor, os indivíduos, afetados pela competição crescente, começaram a adaptar suas condutas psicológicas ao perfil do “vencedor”. O vencedor deve ser criativo, afirmativo e, sobretudo, superficial nos contatos pessoais.

Ainda de acordo com Sennett, pede-se que os trabalhadores sejam ágeis, estejam abertos a mudanças a curto prazo, assumam riscos continuamente e dependam cada vez menos de leis e procedimentos formais. Essas são algumas das pressões que o jovem sofre constantemente e é dessa maneira que a nova ordem do trabalho está configurada.

Na literatura consultada constata-se que há uma gama de estudos que aborda os cenários da escolha profissional. Apesar de, indiretamente, emergirem questões sobre as perspectivas de futuro, esse não é o foco principal dessas pesquisas. Um dos pontos em comum que esses estudos apresentam refere-se ao impacto ocorrido na subjetividade dos jovens, decorrente das intensas transformações sofridas por nossa sociedade nas últimas décadas. Novaes (2003), em seu estudo sobre “As determinações sociais no problema da escolha profissional: contradições e angústias nas opções dos jovens das classes sociais de alta renda”, nos aponta o quanto o caráter de instabilidade e de intenso grau de complexidade no mundo contemporâneo acarreta para o indivíduo, em processo de escolha do futuro profissional, um confronto direto com a incerteza. Valore (2005), em sua tese “Subjetividade no discurso de recém-graduados da UFPR: uma análise institucional”, também trata indiretamente do tema – projeto de futuro. Porém, parte de outra perspectiva, da formação e inserção desses recém-graduados no mercado de trabalho. A autora investiga como os

discursos correntes dos processos de qualificação e de inserção profissional delineiam os cenários das novas ordens de subjetividade no mundo contemporâneo, bem como investiga os efeitos de subjetivação produzidos no dizer de si mesmos, de suas expectativas, do mundo do trabalho e projeto de vida.

Encontramos, ainda, alguns estudos que discorrem sobre o projeto de vida dos jovens. Nessa perspectiva, temos a pesquisa de Liebesny “Trabalhar. Para que serve? O lugar do trabalho no projeto de vida de adolescentes de 8ª série do 1º grau”, nesta, ao considerar que o projeto profissional constitui-se em uma dimensão da construção do projeto de vida, a questão do trabalho surge como tema relevante. Liebesny (1998), em sua pesquisa, indica que o trabalho para os jovens não se configura como transformador de si ou de suas relações e, sim, uma atividade voltada para a realização pessoal do jovem, a constituição da família e aquisição de bens. A autora analisa ainda o quanto os padrões de expectativas futuras estão próximos dos modelos veiculados por uma sociedade liberal e individualista.

A tese de Telerman (2004), *Projetando o Futuro: “A Questão Feminina dos 18 aos 21”*, é a que mais se aproxima e apresenta similaridade com nossa pesquisa, pois ao trabalha com jovens estudantes de graduação do primeiro ano de diversos cursos, que se encontram no mesmo contexto que nossos sujeitos, ou seja, a PUC-SP. A pesquisa investiga a construção do projeto de vida das jovens. Porém, além da preocupação do gênero referente ao casamento e à sexualidade, investiga ainda a questão da profissionalização das jovens inseridas em um curso universitário, preparação para o exercício de uma atividade profissional, um passaporte para o futuro.

Adotamos como referencial teórico para o desenvolvimento de nossa pesquisa a Psicologia Sócio-histórica, que se fundamenta nas idéias de Vigotski. Trabalhar nessa concepção é considerar os referenciais sociais e culturais que interagem na construção da subjetividade humana. Conforme Ana Bock (2001), “o mundo social e o mundo psicológico

caminham juntos em seu movimento”. Para a referida autora, “falar de subjetividade humana é falar da objetividade em que vivem os homens. A compreensão do ‘mundo interno’ exige a compreensão do ‘mundo externo’, pois são dois aspectos do mesmo movimento, de um processo no qual o homem atua e constrói / modifica o mundo e este, por sua vez, propicia a constituição psicológica do homem” (Bock, 2001:22).

Portanto, para apreendermos os sentidos do projeto de futuro dos jovens, faz-se necessário refletir e analisar as relações dos sujeitos com a realidade histórica em que vivem.

Conforme nos referimos acima, nossa sociedade tem sofrido grandes alterações e essas alterações não são só estruturais, são também referenciais. O indivíduo sente-se desorientado perante os valores da sociedade. Segundo Gentil (1996), a era moderna é um tempo de desorientação, onde as referências estão em permanente transformação, ou mesmo em que a única referência que o indivíduo pode se apoiar é justamente essa transformação permanente.

Beatriz Sarlo (2000) também se refere a essa inversão nos papéis dos valores enquanto referenciais sólidos para a vivência do indivíduo em sociedade. Para esta autora, “quando nem a religião, nem as ideologias, nem a política, nem os velhos laços comunitários, nem as relações modernas podem oferecer uma base de identificação ou um fundamento suficiente para os valores [...]” (p.28), então, o que dá a referência é o mercado, pois a permanência que era um traço constitutivo de referência foi rompida pelo fluir da novidade. Portanto, em busca de referências sólidas, que privilegiavam o que era durável, e diante dessa realidade instável e fragmentária, em constante processo de transformação, o indivíduo sente que perdeu o apoio nas referências do passado e tem apreensões em relação ao futuro, que se apresenta, segundo Whitaker (1997:11) “como uma incógnita”. E é através da vivência em um presente tão incerto que construímos as imagens que nos preparam para o futuro.

Sabemos de antemão que os jovens ocupam hoje lugar privilegiado na nossa sociedade. Segundo Beatriz Sarlo (2000), o mercado define o que vivemos hoje como “cultura

jovem”, cujo traço básico é o individualismo. “Consumidores efetivos ou consumidores imaginários, os jovens encontram no mercado de mercadorias e bens simbólicos um depósito de objetos e discursos fast, preparados especialmente para eles [...] No mercado, as mercadorias devem ser novas, devem ter o estilo da moda. A renovação incessante, necessária ao mercado capitalista, captura o mito da novidade permanente que também impulsiona a juventude. Nunca as necessidades do mercado estiveram afinadas tão precisamente ao imaginário de seus consumidores” (p.40). A juventude é induzida pela mídia a tornar-se um perfil de consumidor, uma nova fatia do mercado consumidor, cultuada por todos em um modelo de beleza, liberdade e sensualidade a ser seguido.

Como podemos, então, entender os sentidos atribuídos pelos jovens aos seus projetos de futuro profissional em uma cultura do descartável, onde o curso universitário é, muitas vezes, visto como um produto a ser consumido?

Na perspectiva sócio-histórica, pensamos o sujeito como um construtor de si mesmo. Um sujeito que está sendo constituído permanentemente nas e pelas configurações de seu cotidiano, na mesma medida que é constituinte dessas mesmas configurações. Assim, as questões que nossa sociedade contemporânea nos apresentam, tais como o desemprego estrutural, a sociedade de mercado, a pressão a que estão submetidos constantemente em relação ao sucesso e modificações sofridas pelos processos tecnológicos, constituem-se em determinações importantes nos sentidos que os jovens atribuem ao seu projeto profissional.

A relevância desta pesquisa centra-se na possibilidade de discussão mais ampla sobre os jovens. Conhecê-los, saber o que pensam, o que sentem, quais são suas expectativas, esperanças e temores, torna-se fundamental para quem trabalha com eles. Em nossa sociedade, o olhar do jovem volta-se para o futuro. É necessário auxiliá-lo em sua trajetória na universidade, em suas expectativas e seus projetos de vida, ajudando-o a discriminar o que é reprodução do discurso ideologicamente instituído e a possibilidade de constituição de sua

subjetividade através de uma maior apropriação das mediações constitutivas de suas formas de pensar, sentir e agir. Auxiliá-lo ainda na construção de estratégias, não apenas de inserção, como também de manutenção no mercado de trabalho. Enfim, acompanhá-lo e ajudá-lo a construir sentidos frente a uma realidade fragmentada, em constante transformação.

I - O TRABALHO E SEU SIGNIFICADO

Somente o trabalho tem na sua natureza ontológica um caráter claramente transitório. Ele é em sua natureza uma inter-relação entre homem (sociedade) e natureza, tanto com a natureza inorgânica [...], quanto com a orgânica, inter-relação [...] que se caracteriza acima de tudo pela passagem do homem que trabalha, partindo do ser puramente biológico ao ser social [...]. Todas as determinações que, conforme veremos, estão presentes na essência do que é novo no ser social estão contidas **in nuce** no trabalho. O trabalho, portanto, pode ser visto como um fenômeno originário, como modelo, protoforma do ser social [...] ((Lukács, 1980 apud Antunes, 1999:136)

É através do trabalho, como atividade, que o homem transforma a realidade natural em uma realidade cultural ou humana. Nesse processo, o homem não somente se constrói, como também cria relações com os outros homens. O trabalho, portanto, é constitutivo da subjetividade humana na medida em que simultaneamente altera a natureza e transforma o próprio ser que trabalha.

Enquanto atividade social, o trabalho exerce desde os primórdios das civilizações a função de subsistência do ser humano, em suma, sua sobrevivência. Todo e qualquer trabalho pode ser estendido a qualquer tipo de atividade humana, seja ela material ou mental, construções concretas ou intelectuais.

O homem, enquanto ser social, apresenta uma capacidade teleológica em relação ao trabalho. É a capacidade de antever o processo de trabalho, de idear a configuração que quer imprimir ao objeto deste, antes de sua realização. É este o processo de desenvolvimento da consciência, sua humanização e também o que distingue o homem de todas as formas não-humanas.

A noção de trabalho e de seu modo de produção

o

sociedades nos traz uma visão dos diferentes níveis de importância atribuídos ao trabalho no decorrer do tempo.

A concepção do trabalho nas civilizações antigas estava associada a esforço, tortura e a uma condição menor do sujeito, por ser então considerado vergonhoso trabalhar. Essa visão permeou a idéia de trabalho como castigo. A história descrita pela Bíblia sobre Adão e Eva retrata a idéia de castigo aos dois personagens, por terem comido o fruto proibido. Assim, o trabalho foi uma penalidade imposta na tentativa de compensar o pecado original.

Essa forma de servidão de trabalho visto como castigo se estendeu até o final da Idade Média. Com o protestantismo do séc. XVI o trabalho foi encarado como uma forma de servir a Deus e meio de obter riquezas. Na segunda metade do século XIX, com a industrialização e produção de mercadorias em escala mundial, ocorre uma transformação da relação homem - trabalho, que se acentua na virada do século XIX para o século XX, com o surgimento e prevalência do fordismo e taylorismo, que inauguraram a racionalidade no trabalho. Mais recentemente, as crises – tanto social como financeira de mercado – que emergiram nas três últimas décadas do século XX, trouxeram fragilização, precarização e profundas mudanças na ordem do trabalho, que se estendem até a atualidade. Foi através desses contínuos e incessantes avanços industriais que chegamos à época moderna.

Focando a questão norteadora desta pesquisa, concordamos com Whitaker (1997), ao apontar que um dos processos mais desafiadores para quem entra no mercado de trabalho hoje é o de tentar entender como essa idéia de castigo (do trabalho) foi superada pela idéia de virtude, e como executar um trabalho passou a significar condição para obter felicidade e realização pessoal.

Vemos que, na nossa era, o trabalho ocupa lugar privilegiado na sociedade, pois ao longo de sua história foi adquirindo valores morais e sociais que acabaram incorporados à vida humana, tornando-se o sentido dela.

E a busca de uma vida cheia de sentido, dotada de autenticidade, encontra no trabalho seu lócus primeiro de realização. A própria busca de uma vida cheia de sentido é socialmente empreendida pelos seres sociais para sua auto-realização individual e coletiva. (Antunes, 2001:143)

Qual é, então, o real valor do trabalho em nossa sociedade capitalista?

I.1- O Capitalismo e suas transformações na contemporaneidade

A sociedade contemporânea presencia um cenário crítico, de grandes mutações e metamorfoses. Torna-se crucial tentar compreender quais são seus principais significados e suas importantes conseqüências no que diz respeito ao mundo do trabalho.

Foi principalmente a partir da Revolução Industrial que começaram a surgir problemáticas decorrentes do estabelecimento de novos paradigmas relacionados ao homem e ao mundo do trabalho. Iniciou-se, nessa sociedade, o contraste entre o trabalho artesanal e o industrial. Com o advento do taylorismo/fordismo, período que vigorou na grande indústria ao longo de praticamente todo o século XX, o padrão produtivo vigente, baseado na produção em massa das mercadorias e, conseqüentemente, uma estrutura de produção mais homogeneizada, obedecia a uma estrutura de mando vertical, instaurando-se, assim, uma divisão hierárquica de trabalho.

Esse padrão produtivo culminou no trabalho parcelar e fragmentado, com o indivíduo destituído de qualquer participação na organização do processo de trabalho e a separação entre elaboração e execução da produção. O trabalho passou a assumir caráter desprovido de sentido na medida em que se resumia a uma atividade repetitiva e automatizada. É por esse motivo que esse processo apresenta formas não-humanas de trabalho, devido à grande alienação que apresenta.

Podemos falar que, com a crise dos anos 70, houve uma reorganização capitalista, quando novos processos de trabalho emergiram: mutações organizacionais e tecnológicas, mudanças nas formas de gestão, transformações nas relações de trabalho, novos padrões de

busca de produtividade e novas formas de adequação da produção à lógica do mercado. Surge o que Harvey (2005:140) denominou acumulação flexível.

O conceito de acumulação flexível mostra-se suficientemente significativo para elucidar os sinais e marcas de modificações radicais em processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e de hábitos de consumo que ocorreram nas últimas décadas do século XX.

O capital continua norteando e funcionando como o princípio básico da vida econômica. Vivemos numa sociedade baseada na produção e lucratividade. O capital, tal como concebido, subordina estritamente todas as funções reprodutivas sociais ao imperativo absoluto de sua extensão. Sua função é expandir constantemente o valor de troca. Assim, a completa subordinação das necessidades humanas à reprodução do valor de troca – no interesse da auto-realização expansiva do capital - tem sido o traço mais notável do sistema de capital desde sua origem (Antunes, 2001:21).

No capitalismo, a concepção do trabalho como processo de humanização do ser social, sofre, segundo Antunes (2005), um processo de estra

I.2 - O sistema de flexibilização e a subjetividade do indivíduo

[...] a classe-que-vive-do-trabalho sofreu a mais aguda crise deste século, que atingiu não só a sua materialidade, mas teve profundas repercussões na sua subjetividade e, no íntimo inter-relacionamento destes níveis, afetou a sua forma de ser (Antunes, 2005:23).

As alterações que a sociedade sofreu a partir da década de 70, que resultaram em novos paradigmas e em uma nova concepção do capitalismo imposto à organização social, afetaram de forma substancial a subjetividade e os valores do indivíduo. A maneira de ser da classe trabalhadora tornou-se mais heterogênea, fragmentada e complexificada (Antunes, 2005: 55).

Há uma transformação qualitativa na configuração do trabalho, que nesse sistema flexibilizado necessita cada vez menos do trabalho estável e cada vez mais das diversificadas formas de trabalho parcial, terceirizado, temporário, subcontratado, precário. Enfim, com

O próprio conhecimento torna-se uma mercadoria de consumo. Há enorme interesse no conhecimento científico e técnico, pois vivemos num mundo que impele o indivíduo a uma vasta gama de necessidades e desejos, que a todo o momento está em um movimento de satisfação e urgência de renovação. Assim, “o conhecimento da última técnica, do mais novo produto ou da mais recente descoberta científica, implica a necessidade de alcançar uma importante vantagem competitiva” (Harvey, 2005:151).

Simultaneamente, para responder à demanda por trabalhos mais informatizados nas esferas do setor de serviços ou nas comunicações, como em outros setores, existe a necessidade de uma maior dimensão intelectual do trabalho.

No bojo das mudanças, ocorre uma alteração na imagem tradicional do trabalhador, que como consequência passa a ter novo perfil e novo conceito de qualificação profissional. Para interagir profissionalmente nesse mercado, há a valorização da formação técnica específica, e a habilidade pessoal ganha novo destaque enquanto orientador de perfil. No espaço produtivo mais complexificado, faz-se necessário a migração da personificação do trabalho para a personificação do capital, onde o trabalhador que não demonstrar vontade, disposição e desejo será substituído pelos que demonstram tal perfil. Em suma, há uma revolução do que se pede desse trabalhador neste mundo contemporâneo.

Segundo Harvey (2005), esse trabalhador deve atender à expectativa de ser adaptável, flexível e, se necessário, geograficamente móvel, como também se espera que seja ágil, esteja aberto a mudanças a curto prazo, assuma riscos continuamente e que dependa, cada vez menos, de leis e procedimentos formais.

Desse modo, as características de rotina, repetição e permanência do sistema fordista de produção dão lugar à flexibilidade, variabilidade, generalidade e mudança constante do sistema da produção flexível. Além disso, para seu funcionamento, esse sistema exige agora novas técnicas e novas formas organizacionais de produção, com “sua ênfase na solução de

problemas, nas respostas rápidas e, com frequência, altamente especializadas, e na adaptabilidade de habilidades para propósitos especiais” (Harvey, 2005:146).

O colapso do sistema fordista dá início a um período de rápida mudança, de fluidez e de incerteza que, como já vimos, é o sistema de acumulação flexível, o qual traz uma total reformulação das formas de pensar e agir do indivíduo e, conseqüentemente, uma nova visão de vida.

Harvey (2005) reforça esse conceito, pois segundo o autor:

A acumulação flexível foi acompanhada na ponta do consumo, portanto, por uma atenção muito maior às modas fugazes e pela mobilização de todos os artifícios de indução de necessidades e de transformação cultural que isso implica. A estética relativamente estável do modernismo fordista cedeu lugar a todo fermento, instabilidade e qualidades fugidias de uma estética pós-moderna que celebra a diferença, a efemeridade, o espetáculo, a moda e a mercadificação de formas culturais. (Harvey, 2005: 148)

Surge então, uma questão fundamental quanto aos valores desse capitalismo flexível.

I.3 - A reinvenção dos valores no mundo moderno

Podemos dizer que a cultura do consumo, em oposição à cultura do modelo de produção industrial, pode ser vista como o símbolo de nosso sistema econômico atual. O capitalismo, que em seu funcionamento adquire um caráter indutor e supridor de necessidades pessoais e sociais, incide de maneira impactante na estruturação da subjetividade, como também no funcionamento da sociedade como um todo.

Nesse sentido, de acordo com Harvey (2005: 118), “o capital tem um papel de plasmação de modos de consumo e estilos de vida, que são influenciados pelas propensões sociais e psicológicas, como o individualismo e o impulso de realização pessoal [...]”, pela busca de segurança, da identidade coletiva, da necessidade de adquirir respeito próprio, de adquirir posição ou mesmo de alguma outra marca de identidade individual.

Em meio a essas mudanças de normas e valores é que o individualismo ganhou destaque como uma categoria que assume um valor central em nossa cultura. De acordo com Gentil (1996), o individualismo é um processo complexo, de múltiplas dimensões e que engendra novas formas de subjetividade. Em nossa sociedade tornou-se substrato básico na construção social da subjetividade, nos processos de socialização e formação de identidade (Gentil, 1996:84).

O individualismo acompanhou as transformações da sociedade, pois por um tempo foi subsumido aos interesses de uma classe social, e na atualidade tornou-se um valor quase universal. Gentil (1996) inicia a conceituação dessa categoria definindo-a como um rompimento de uma cadeia de tradições. Ele a identifica em alguns movimentos, tais como quando a unicidade do indivíduo é colocada em primeiro lugar, para além do pertencimento a um grupo. Assim também, quando o que conta é o próprio rumo em detrimento do rumo indicado a ser seguido, ou seja, quando o caminho não está mais “clara e visivelmente traçado” e cada um tem de encontrar para si o seu próprio caminho. (Gentil, 1996: 88)

Assim, o referido autor apóia-se em Dumont, que conceitua o individualismo como a constituição de um ser moral independente, autônomo, que valoriza, acima de tudo, sua individualidade, constituindo a ideologia das sociedades ocidentais modernas. Dessa forma, a ideologia individualista valoriza o indivíduo, em contraposição ao holismo, onde a totalidade social é valorizada e o indivíduo humano é negligenciado ou subordinado. Vemos ocorrer então, uma crescente exacerbação da importância da vida privada.

Além do individualismo, a competitividade também permeia as relações de nossa época. Seu discurso é tão importante nos tempos presentes que Santos (2003: 194) a compara com o lugar que, no início do século, ocupava o progresso e, no pós-guerra, o desenvolvimento. Os estilos de vida competitivos trazem para o indivíduo uma vivência de ansiedade, a qual está diretamente ligada ao apelo pelo sucesso econômico e à necessidade de

status, como também com as questões de incerteza, descontinuidade e superficialidade que a nova economia nos impõe.

Sennett (2005) é o autor da nossa atualidade que bem analisa a nova economia e suas relações com as mudanças estruturais na ordem do trabalho. Para ele, a dimensão do tempo no novo capitalismo, os mercados de ação global ou o livre-comércio, e não simplesmente a transmissão de dados hi-tech, é o que dá o tom e que afeta mais diretamente a vida emocional das pessoas fora do local de trabalho.

Como Harvey (2005), Sennett (2005) em sua análise, também lança mão do termo flexibilidade para elucidar as questões impostas pelo capitalismo atual. E o faz focando, principalmente, as redes institucionais modernas e as novas maneiras de organizar o tempo, sobretudo o tempo do trabalho.

De acordo com Sennett (2005), o tempo na vida dos indivíduos, na era pré-capitalismo flexível, era vivido por muitos como linear e previsível. O trabalhador podia projetar sua linha do tempo presente e futuro, sua entrada no trabalho e também sua aposentadoria. Tinha a oportunidade de conquistar uma nítida história para si mesmo, e sua vida tinha sentido, pois contava com a possibilidade de tornar-se o autor de sua própria vida.

Em nossa era, contudo, esse estilo de vida desmoronou. E é visto hoje em dia como um estilo conformista, o qual é abominavelmente desprezível, pois o indivíduo, na nova ordem do trabalho, é impelido a correr riscos e manter-se continuamente aberto às mudanças. O passado estável é, então, confrontado por um novo regime.

Em oposição a essa estabilidade do passado, os valores de nossa época, são valores de camaleão, e podem ser traduzidos através das palavras de Sennett (2005): “Não há longo prazo”. Ele sustenta que as relações entre os trabalhadores, e conseqüentemente entre as pessoas, são frágeis e superficiais. A nova ordem impõe ao indivíduo constantes mudanças,

formas passageiras de vinculação, o que abala a confiança mútua e o comprometimento no ambiente de trabalho e em suas relações sociais. O indivíduo precisa exercer o desprendimento necessário da família, dos lugares, das tradições culturais e de seu sentido quanto às projeções da própria vida.

Ainda de acordo com o autor:

Como se podem buscar objetivos de longo prazo numa sociedade de curto prazo? Como se podem manter relações sociais duráveis? Como pode um ser humano desenvolver uma narrativa de identidade e história de vida numa sociedade composta de episódios e fragmentos? As condições da nova economia alimentam, ao contrário, a experiência com a deriva do tempo, de lugar em lugar, de emprego a emprego. (Sennett, 2005:27)

As experiências do indivíduo com o tempo, lugar e trabalho traduzem essa moderna forma de flexibilidade. Essa palavra “flexibilidade”, tão importante para contextualizar uma época, tem sua origem, conforme nos aponta Sennett (2005: 53), na língua inglesa do século quinze. Seu sentido derivou originalmente da simples observação de que, embora a árvore se dobrasse ao vento, seus galhos sempre voltavam à posição normal. “Flexibilidade” designa essa capacidade de ceder e recuperar-se da árvore, o teste e restauração de sua forma. Em termos ideais, o comportamento humano flexível deve ter a mesma força tênsil: ser adaptável a circunstâncias variáveis, mas não quebrado por elas.

Essa premissa do indivíduo adaptável, a despeito do conhecimento de que em sua história o ser humano sempre se deparou com o risco e a incerteza, ganha destaque nos dias atuais, pois estar continuamente exposto ao risco faz com que tenhamos a sensação contínua de estar sempre começando de novo, de se provar todos os dias, de se reinventar, num estado contínuo de vulnerabilidade.

Além disso, Sennett (2005) nos afirma que, por mais cego ou perigoso que seja correr riscos, esse impulso responde a um conjunto cultural de motivações, que é reforçado e

cultuado pela exagerada ambigüidade de sucesso e fracasso exposta pela mídia no dia-a-dia. “Não correr riscos é uma estabilidade que corresponde quase como uma morte em vida”

Toda essa vivência de assumir riscos, de ser adaptável, de ter de lidar constantemente com mudanças, da polarização entre sucesso e fracasso que é o dia-a-dia do ser humano, traz uma grande ansiedade em relação ao tempo e ao que pode acontecer a qualquer momento, uma vez que as experiências passadas parecem não mais servir de guia para as novas mudanças.

O novo valor atribuído ao transitório, ao fugidio e ao efêmero, a própria celebração do dinamismo, revela um anseio por um presente estável, imaculado e não corrompido. (Jürgen Habermas apud Harvey, 2005:291)

Vários são os autores que discutem a questão das referências que norteiam a vida do ser humano na sociedade atual. Na realidade, a emergência dessa questão configura-se em um dos tantos dilemas e desafios que enfrentamos. Gentil (1996) nos mostra enfaticamente a idéia de que a era moderna é um tempo de desorientação, em que as referências estão em constante transformação. Segundo essa ordem de desorientação, o peso recai sobre o indivíduo, que se vê obrigado a encontrar o seu sentido a partir de sua própria experiência e por isso está cada vez mais aprisionado em sua particularidade.

Harvey (2005) resgata como relevantes as considerações de Simmel (1978), o qual sugere que “é justamente nesses períodos de fragmentação e de insegurança econômica que o desejo de valores estáveis faz surgir uma ênfase intensificada na autoridade das instituições básicas – a família, a religião, o Estado” (p. 161). Sendo assim, podemos supor que em nossa sociedade individualista, transitória e volátil o desejo dos valores comuns torna-se constante.

Ainda de acordo com Harvey (2005:263), quanto maior a efemeridade, tanto maior a necessidade de descobrir ou produzir algum tipo de verdade eterna que nela possa residir. O revivalismo religioso, a busca de autenticidade de autoridade na política são casos pertinentes.

O retorno do interesse por instituições básicas (como a família e a comunidade) e a busca de raízes históricas são indícios da procura de hábitos mais seguros e valores mais duradouros num mundo cambiante.

I.4 - A globalização da economia e a nova realidade que se impõe

Ianni (2000) é outro autor que estuda as relações dos valores que se estabelecem no novo cenário, um cenário onde os valores que eram mais ou menos sedimentados tornam-se abalados. Contudo, esse autor relaciona essas questões aos seus estudos sobre o fenômeno da globalização, pois segundo afirma:

Muitas coisas estão mudando no mundo, abrindo outras perspectivas sociais, econômicas, políticas e culturais. Mesmo as coisas que não sofreram maiores abalos, já não podem mais ser como antes. Alteraram-se as relações no jogo das forças em curso na vida das sociedades nacionais e da sociedade mundial. (Ianni, 2000: 26)

Para o referido autor, a globalização representa uma drástica ruptura nos modos de ser, sentir, agir, pensar e fabular. A nova realidade abala as convicções e a visão do mundo. (Ianni, 2000:13)

A globalização está presente na realidade e no pensamento das pessoas. Essas mesmas pessoas têm seus comportamentos e anseios pasteurizados pela sociedade global, pois, embora não apresentem conhecimento aprofundado dos movimentos de produção e do mercado mundiais, sofrem toda a influência desse novo paradigma que se apresenta.

No intuito de contextualizar esse processo que nos invade, torna-se pertinente resgatar que o processo de globalização já ocorreu em outros momentos da história. Segundo Sposati (2003), “ele já acontece há muito tempo e teve muita importância no final do séc. IX, com outro nome: imperialismo. As cruzadas, na Idade Média, desejavam criar um só mundo. O capital está percorrendo hoje o caminho que já realizou há 500 anos”. (p.49)

A maior abrangência atual, no entanto, se vale da agilidade e da conectividade da Internet, se vale da padronização e do alcance das lanchonetes fast-food, das simultâneas transmissões via satélite de fatos e eventos, da linguagem comum e já decodificada. O processo atual, é por isso mesmo, mais completo, ágil e eficiente. Configura-se como algo nunca visto anteriormente nessa escala, tal o raio de sua intensidade e generalidade.

Ianni (2000), entre tantas definições, conceitua a globalização: [...] “Com a internacionalização do capital, o mundo transformou-se na prática em uma imensa e complexa fábrica que se desenvolve conjugadamente com o que se pode denominar “shopping center global”. A dispersão geográfica das forças produtivas (o capital, a tecnologia, a força de trabalho, o planejamento e o mercado) intensificou-se e generalizou-se” (p.57). A nova divisão internacional do trabalho e da produção, amplamente agilizada e generalizada por meio dos recursos eletrônicos, concretiza a globalização

O avanço tecnológico, com todas as transformações e modificações que promove, propicia o encurtamento das distâncias e do tempo consumido nas comunicações, colaborando para a supressão das barreiras de capital e para o ingresso em muitos mercados.

Podemos dizer que as transformações tecnológicas talvez possam ser consideradas o aspecto de maior repercussão que o fenômeno da globalização proporciona. São transformações em direção ao que Castells (2005) denomina de Sociedade da Informação, um novo paradigma tecnológico que se organiza em torno da tecnologia da informação.

Castells (2005) inclui entre as tecnologias da informação o conjunto convergente de tecnologias em microeletrônica, computação (software e hardware), telecomunicações/rádiodifusão, e optoeletrônica.

Segundo esse autor, houve uma constelação de grandes avanços tecnológicos nas duas últimas décadas do século XX, que tem sua continuidade operando na atualidade. A transformação tecnológica está se expandindo exponencialmente em razão de sua capacidade de criar uma interface entre campos tecnológicos mediante uma linguagem digital comum, na qual a informação é gerada, armazenada, recuperada, processada e transmitida. Por isso é que Nicholas Negroponte diz que vivemos em mundo que se tornou digital. (Castells, 2005:68)

Apesar do processo de globalização não ser novo, o conceito de globalização é novo. Ele apareceu na década de 80 nas escolas de administração dos EUA, e por apresentar um caráter abrangente e genérico, não prescinde de uma única definição. Reduzir seu conceito a uma lógica meramente econômica ou tecnológica seria um equívoco.

Beck (2001:44), em suas análises sobre os significados, controvérsias e dimensões da globalização, traz à tona a distinção entre as várias dimensões: “a da comunicação técnica, ecológica, a econômica, a da organização trabalhista, a cultural e a da sociedade civil, etc”.

Para o autor, a globalização significa os processos, em cujo andamento os Estados nacionais vêem a sua soberania, sua identidade, suas redes de comunicação, suas chances de poder e suas orientações sofrerem a interferência cruzada de atores transnacionais. (Beck, 2001:30)

Esse mesmo autor, na tentativa de elucidar o controvertido conceito de globalização, faz um ensaio, utilizando-se de pontos de vista de diversos autores que privilegiam uma dimensão específica da globalização. Dentre os principais autores por ele estudados (Wallerstein, Rosenau e Bauman), cada um situa a origem e as conseqüências da globalização em um setor da atividade institucional: econômica, tecnológica, política internacional, cultura global ou ainda as novas desigualdades sociais em escala mundial.

Segundo Beck (2001), na visão de Wallerstein predomina a lógica do sistema capitalista mundial, onde os espaços sociais são transnacionais e ocorre um rompimento com a visão estatal nacional de sociedade. Há uma substituição por formas de vida integradas transnacionalmente, que sobrepujam as fronteiras por espaços mais amplos de atuação social. [...] “a característica mais perceptível destes “espaços” é a supressão das distâncias” (p. 67).

Beck cita Rosenau, que trabalha a dimensão política pós-internacional da globalização. Segundo este autor, a humanidade ultrapassou a era da política internacional; esta se caracterizava pelo predomínio e monopólio do cenário internacional pelos Estados nacionais. Na era pós-política internacional, os atores nacionais-estatais são obrigados a partilhar o cenário e o poder global com organizações internacionais, companhias transnacionais, além de movimentos políticos e sociais transnacionais.

A transição da política dominada pelo Estado nacional (monocêntrica) para uma política policêntrica (atores nacionais e transnacionais) remete Rosenau, ainda que em contraste a Wallerstein, à dimensão tecnológica da globalização e à sua dinâmica específica. Para ele, “foi a tecnologia que reforçou a interdependência entre as comunidades locais,

nacionais e internacionais, numa medida que não foi experimentada por nenhum outro período da história” (Beck, 2001:73).

Outra dimensão da globalização diz respeito à tese da convergência da cultura global, ou globalização cultural. “A essa tese foi cunhado o termo McDonaldização, a qual explicita a imposição e a universalização crescente de unificação de estilos de vida, de símbolos culturais e formas transnacionais de convivência” (Beck, 2001:85). Sob essa ótica, as identidades e as culturas locais são arrancadas de seus solos e substituídas por símbolos do mundo das mercadorias provenientes das companhias multinacionais de propaganda, qual seja, a aparência e a imagem. Nessa medida, a essência se transforma em aparência e inicia-se um processo de exclusão para aqueles que não sobrevivem à equiparação entre essência e aparência.

Beck (2001), após utilizar-se de vários argumentos, das visões de vários autores, de tentar um denominador comum ou mesmo procurar uma lógica própria para o fenômeno da globalização, traz em relação a esse processo a questão das conseqüências preocupantes que resultam da desigualdade social. E Zygmunt Bauman é o autor que descreve essas conseqüências.

Riqueza globalizada, pobreza localizada é uma frase que sintetiza uma das facetas da globalização. Para Bauman, “globalização e localização não são apenas dois momentos ou duas faces de um mesmo objeto: são simultaneamente as forças propulsoras e as formas de expressão de uma nova polarização e estratificação da população mundial em ricos globalizados e pobres localizados” (Beck, 2001:106).

“Globalização e localização podem ser faces inseparáveis de uma mesma moeda: porém as duas partes da população mundial vivem em faces distintas e enxergam apenas uma delas – da mesma forma como os homens vêem e observam apenas uma face da lua. Alguns habitam o globo e outros estão acorrentados aos seus lugares de origem...” (Beck, 2001:106)

É nessa direção que Held (2001) compartilha com a questão do par inclusão/exclusão proveniente da globalização, pois para ele trata-se de um processo profundamente desagregador, na medida em que uma parcela significativa da população mundial não é diretamente afetada pela globalização, ficando fundamentalmente excluída de seus benefícios. Por esse motivo, a globalização não pode ser considerada um processo universal pertencente a todos.

Em termos econômicos, a globalização reforça o valor do capital no âmbito do mercado. Dessa maneira, a sociedade passa a ser baseada na prestação pessoal, individualizada, fragmentada, onde tudo passa a ter valor de troca (mercadoria) e o mundo toma como realidade as idéias neoliberais de um só capital.

O neoliberalismo é uma estrutura político-econômica, um substrato ideológico das transformações do capitalismo. Não é uma forma nova de funcionamento. Na realidade, é uma estrutura que estabelece políticas que legitimam suas ações, pois com o processo de globalização e seu objetivo de abrir mais mercados e fazer circular mais amplamente o capital, torna-se necessária a desregulamentação do Estado e a diminuição das barreiras administrativas e políticas. O Estado, até então principal provedor das necessidades sociais e laborais do indivíduo, cede lugar às privatizações.

A onda de privatizações e desmonte do Estado está dentro de uma lógica ideológica do neoliberalismo que é coadjuvante da globalização. Utiliza-se da realidade de um Estado ineficiente em administrar serviços públicos como motivo para o programa de privatizações. Porém, essa política de expansão de livre mercado não é a causa da ineficiência apontada mas, sim, seu efeito.

I.5 - Desemprego, precarização do trabalho e exclusão

Do mesmo modo que a globalização nos oferece um mundo mais aberto e receptivo, que a tecnologia nos possibilita uma amplitude social e uma capacidade de nos relacionarmos com o mundo de uma maneira infinita, essa mesma tecnologia que nos inclui nesses novos sistemas, tem igualmente, a capacidade de nos excluir. Nesse sentido, a globalização que tem em sua eficácia a agilidade e a rapidez, traz embutida em si a polaridade entre inclusão e exclusão.

Nota-se, no entanto, que as maravilhas desse avanço tecnológico acabam reforçando ou aprofundando as desigualdades sociais, em lugar de trabalharem a favor da redução ou eliminação dessas desigualdades, uma vez que essa inovação tecnológica não é harmonicamente eqüitativa e encontra-se ao alcance de poucos.

O reflexo dessas transformações repercute na desregulamentação da força de trabalho, no achatamento de salários, na elevação do desemprego estrutural e do subemprego em todas as suas formas.

O desemprego estrutural, na concepção de Paul Singer, ocorre porque os que são vítimas da desindustrialização, em geral, não têm pronto acesso aos novos postos de trabalho. Estes vão sendo tipicamente substituídos pela mão-de-obra feminina, muitas vezes empregada em tempo parcial. “[...] O desemprego estrutural causado pela globalização é semelhante em seus efeitos ao desemprego tecnológico: ele não aumenta necessariamente o número total de pessoas sem trabalho, mas contribui para deteriorar o mercado de trabalho para quem precisa vender sua capacidade de produzir”. (Singer, 2003:23)

É nesse contexto que o tema do trabalho e emprego torna-se complexo, pois se altera a discussão sobre o sentido do trabalho como possibilidade de transformação de relações sociais e de atividade humana vital, à dimensão do emprego. Paul Singer (2003) distingue, de

maneira clara, emprego de ocupação/trabalho. “Emprego refere-se a qualquer atividade que implica assalariamento ou atividade onde o empregador compra a força de trabalho e a capacidade de produzir do empregado. Ocupação é toda atividade que proporciona sustento” (p. 12). Trabalho informal pode ser uma ocupação, por exemplo.

Constata-se uma drástica transformação nas relações de produção essenciais, que passam cada vez mais à compra de serviços do trabalho humano ao invés de contratar força de trabalho.

Em sua análise, Singer (2003) utiliza-se do termo precarização do trabalho, que tem um sentido mais amplo e que descreve mais adequadamente o que está ocorrendo, ao invés da palavra desemprego. A precarização do trabalho, segundo o autor, toma a forma de relações “informais” ou “incompletas” de emprego. Ele cita Mattoso (1993:126) que relata: “[...] esta ampliação da insegurança no emprego deu-se praticamente em todos os países avançados [...] através da redução relativa ou absoluta de empregos estáveis ou permanentes nas empresas e da maior subcontratação de trabalhadores temporários, em tempo determinado, eventuais, em tempo parcial, trabalho em domicílio ou independentes, aprendizes, estagiários, etc.” (p.25) Postos de trabalho que, em sua maioria, não oferecem ao seu eventual ocupante as compensações usuais que as leis e contratos vinham garantindo.

Singer faz uma analogia da condição de trabalho a que está sujeito o trabalhador: “trata-se de evitar estoques de mão-de-obra sem utilidade imediata, tal como funciona o método just in time na gestão de estoques” (p.25). Sendo assim, é crescente a vivência do trabalhador de que sua força de trabalho é usada como se fosse uma mercadoria descartável.

Nessa mesma orientação de pensamento, temos o trabalho que, ao invés de ser um dever do trabalhador, que participa do processo de produção social e, em última instância, é voltado para sua subsistência, transforma-se em um direito, e em um privilégio, na medida em que não pode ser garantido a todos. Essa insuficiência de oportunidades revela paradoxos

impensáveis até pouco tempo atrás. No sistema de trabalho, nos moldes fordistas, em que a automatização do ser humano, a repetição e a não-criatividade estavam presentes, muitas críticas foram e são proferidas contra esse sistema de trabalho alienante, porém frente à escassez de trabalho, ocorre um movimento contrário: encontrar formas de inserir o indivíduo nesse mesmo sistema, que é representativo de estabilidade, segurança e busca do pleno emprego.

De acordo com Marcio Pochmann, as modificações mais perversas no mercado de trabalho, como o desassalariamento, o desemprego e a geração de ocupações precárias, marcam uma fase negativa para os que dependem do próprio esforço para viver (Pochmann, 2000:51), e as conseqüências, em termos de qualidade de vida são preocupantes e vêm gerando adoecimento dessa população excluída, com sintomas físicos e psíquicos de ordens diversas.

Em sua análise sobre a precariedade do mercado de trabalho e do desemprego, Frigotto (2004), ao fazer alusão à situação dos que vivem em situação de desemprego, resgata o que “Viktor Frankl, nos anos 1940, denominava de vida provisória em suspenso ao referir-se à situação dos tuberculosos e dos que viveram a experiência dos campos de concentração”. (Frigotto, 2004:183)

E Forrester (1997) em uma poética, porém realística e drástica referência ao desemprego, descreve a “vida provisória em suspenso” a que estão submetidos esses indivíduos:

Não se sabe se é cômico ou é sinistro, por ocasião de uma perpétua, irremovível e crescente penúria de empregos, impor a cada um dos milhões de desempregados – e isso a cada dia útil de cada semana, de cada mês, de cada ano - a procura “efetiva e permanente” deste trabalho que não existe. Obrigá-lo a passar horas, durante dias, semanas, meses e, às vezes, anos se oferecendo todo dia, toda semana, todo mês, todo ano, em vão, barrado previamente pelas estatísticas. Pois, afinal, ser recusado cada dia útil, de cada semana, de cada mês, de cada ano, será que isso constituiria um emprego, um ofício, uma profissão? Seria isso uma colocação, um job, ou mesmo uma aprendizagem? Seria um destino plausível? Uma ocupação razoável? Uma forma

realmente recomendável de emprego no tempo? (Forrester, 1997:14 apud Frigotto, 2001:45)

Para Singer (2003), o desemprego é uma das mais importantes formas de exclusão social. Apesar de a exclusão social apresentar vários aspectos e ocorrer em diversos graus, a exclusão econômica é que mais vítimas faz, principalmente quando se refere aos países do terceiro mundo. Para melhor compreensão desse conceito, faz-se necessário distingui-los de outros conceitos inter-relacionados, a desigualdade e a pobreza.

A desigualdade, na visão de Singer (2003) refere-se principalmente à renda, consumo ou acesso a serviços e oportunidades. Porém, isso deve ser visto de uma maneira relativa, pois o grau da desigualdade é de difícil mensuração. A pobreza também é vista como uma situação relativa, que deve, contudo, ser relacionada com um mínimo. [...] há uma espécie de referência comum na noção das necessidades básicas, cuja satisfação deve ser assegurada a todos. Pobres são os desprovidos da satisfação daquilo que se consideram suas necessidades básicas. (Singer, 2003:61)

A exclusão social pode ser vista como uma soma de várias exclusões, habitualmente muito inter-relacionadas. Aqueles que foram expulsos do mercado de trabalho formal, ou do mercado da residência formal (em contraste com o informal, composto por cortiços e favelas), ou da escola, ficam em desvantagem na competição por novas oportunidades, tornando-se candidatos prováveis a novas exclusões. Contrariamente à desigualdade e pobreza, que são situações, a exclusão social é um processo, embora captado estatisticamente pelo número de excluídos. (Singer, 2003:62)

A exclusão econômica não é decorrente somente das inovações tecnológicas e das mudanças do mercado de trabalho, como está intrinsecamente associada ao desenvolvimento da economia que rege esse mesmo mercado. Uma economia “aquecida” produz menos

exclusão social. Porém, sempre teremos excluídos no jogo econômico, pois o sistema capitalista não contempla a todos do mesmo modo.

Ocorre também no funcionamento da sociedade um “processo perverso de naturalização da exclusão e da violência que penetra no palco institucional e no tecido social e cultural”. (Frigotto, 2004:200) Essa naturalização da exclusão foi muito bem sintetizada por Veríssimo na seguinte frase (1996): “O paraíso que o neoliberalismo triunfante oferece ao capitalismo no mundo todo não é o da exclusão sem represália, é o da exclusão sem culpa”. (Frigotto: 200)

I.6 - Pedagogia do mercado: pedagogia das competências e da empregabilidade

Cabe principalmente aos excluídos do mercado formal, atingidos pelo desemprego e pela precarização, as concepções e políticas de formação educacional centradas no treinamento do indivíduo e sua concomitante extensão para o mercado. São respostas ou soluções que o capitalismo dá ao desemprego, ao oferecer treinamento para o desempregado. Vincular o processo educacional à construção de competências, trata-se de mais uma ilusão concedida ao trabalhador.

Essas competências laborais são as que se voltam especificamente para o desenvolvimento de habilidades básicas, competências para a produtividade, qualidade total e competitividade. Em suma, é a capacidade do indivíduo de dominar um conjunto de tarefas que configuram determinada função, em que se apresente apto a competir num mercado de trabalho acirrado. Ou, indo um pouco mais além, que esteja adequado às necessidades da modernização produtiva.

Vários são os autores que tecem uma análise crítica a essa concepção ideológica da pedagogia voltada para o mercado. Frigotto (2004) considera que a pedagogia das competências e da empregabilidade, expressa, nos planos pedagógico e cultural, a ideologia

do capitalismo flexível (p.197). Carlos Paris (2002) avalia que esta é uma pedagogia adequada ao projeto social da globalização e que objetiva uma “domesticação das massas”, que restringe a responsabilidade do cidadão ao “trabalho bem-feito” (apud Frigotto, 2004:197). E Martins (2004) critica essa educação em sua função reducionista de instruir e adaptar, em voltar-se à formação de competências, posto o empobrecimento que acarreta sobre os fins educacionais. Esta autora acrescenta ainda que “essa adaptação passiva dos trabalhadores responde a uma exigência do capital” (p.53).

O conceito de capital humano considerado o alicerce para a adoção do ideário da pedagogia das competências e da empregabilidade que se efetivou nos anos 90, em decorrência da desqualificação da escola pública.. Segundo Frigotto (2004), essa concepção de pedagogia de mercado provém de Bourdieu e Wacquant (2000) “que a caracterizam como uma nova vulgata ou uma espécie de nova língua que reatualiza a teoria ou a ideologia do capital humano dos anos 1970”. (Frigotto, 2004:192)

Em sua análise, Martins (2004) é enfática ao afirmar que “não compartilha com modelos pedagógicos reducionistas, que identificam a formação escolar com a construção de competências” (p.68), e recorre à obra Construir as competências desde a escola, de Philippe Perrenoud (1999), para tratar sobre esse tema, já que este autor é para ela, a referência na disseminação desta noção no ideário pedagógico brasileiro.

A competência, segundo Perrenoud é assim definida: “uma capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles” (Perrenoud, 1999:32 apud Martins, 2004:68). Esta noção pressupõe uma formação orientada para a ação, uma competência a ser adquirida que é determinante na mobilização dos recursos do indivíduo para atender às demandas sociais. Em vista disso, Martins (2004) ressalta que “a noção de competência apresentada por Perrenoud é imbuída de uma estreita vinculação entre a construção do conhecimento e a realidade social”. Mas, a

autora, apesar de concordar que a vinculação é um dado relevante, compartilha com a concepção de Marx, de que “essa vinculação está a serviço do sujeito, visto que ele é o sujeito desta realidade e do efetivo dever-ser, pelo exercício de sua capacidade transformadora” (p. 69) e não só de prepará-lo para a produção social, que se constitui, no momento atual, dos valores econômicos do mercado.

Em face dessa realidade, da globalização da economia, da tecnologização e precarização das relações de trabalho, essas condições fazem com que o ideário da pedagogia de mercado se torne senso comum, com uma força tal que incute ao indivíduo a responsabilidade por seu sucesso ou insucesso profissional.

Frigotto (2004), ao abordar essa questão, aponta que “a ideologia do capitalismo flexível aumenta sua eficácia na medida em que efetiva a interiorização ou subjetivação de que o problema depende de cada um, e não da estrutura social, das relações de poder. Trata-se de adquirir o “pacote” de competências que o mercado reconhece como adequadas ao “novo cidadão produtivo” (p.197). Assim, o credo ideológico reforça a promessa da empregabilidade como uma salvação a ser perseguida.

O conceito de empregabilidade caracteriza-se pela possibilidade de o trabalhador manter-se no mercado de trabalho a partir de suas condições pessoais e pelo conjunto de competências que possui ou pode desenvolver dentro ou fora do emprego/ocupação. É o oposto do antigo sonho da relação vitalícia com o emprego. O que deve ser vitalício é o conhecimento e o saber fazer para enfrentar a competitividade.

A empregabilidade, como expressa Forrester (1997), “se revela como um parente muito próximo da flexibilidade e até como uma de suas formas. Trata-se, para o assalariado, de estar disponível para todas as mudanças, todos os caprichos do destino, no caso, dos empregadores” (apud Frigotto, 2001:45).

Podemos apontar uma contradição quando falamos da flexibilidade do trabalhador. Sendo esta tratada pelo discurso ideológico como uma solução para o desemprego e quase sinônimo das inúmeras competências exigidas pelo mercado, ela deixa de ser vista como um problema em si, deixa de ser vista como fruto do capitalismo desordenado e como falta de lugar para aqueles que foram expulsos do mercado ou que correm o risco do desemprego e, sem essa consciência, o indivíduo sofre o peso sobre si, solitariamente.

Tanto a literatura especializada como a mídia supervalorizam as potencialidades individuais, e não levam em conta a dura realidade do mercado de trabalho, quando, na força do seu discurso ideológico, acusam a vítima de ser seu próprio algoz, ou seja, a vítima do desemprego não conseguiu um lugar no mercado devido à insuficiência de suas habilidades e competências, ou mesmo por não ter acertado em suas escolhas. É um processo perverso culpar os que são vítimas de uma exclusão de classe por sua situação de vítimas.

Acreditamos que, para que haja a reversão desse processo precisaríamos contar com vários fatores, dentre os quais, uma proposta democrática de desenvolvimento, com um projeto econômico, político e cultural que favoreça a criação de empregos e renda. Aliado a isso, há a necessidade de uma educação emancipatória voltada para a construção da cidadania, que vá “em direção de um questionamento e da negação do ideário que iguala o trabalho, condição para a humanização dos homens, e o emprego, condição para a venda da força de trabalho e sua decorrente coisificação, colocando no centro deste questionamento a historicidade da existência humana e as possibilidades de transformação”. (Martins, 2004:71)

II- REFERENCIAL TEÓRICO

Para o desenvolvimento desta pesquisa, o referencial teórico metodológico adotado é o da Psicologia Sócio-Histórica, que tem como um de seus autores centrais Vigotski (1896-1934)

II.1 - Quem é Vigotski?

Lev Semionovich Vigotski é considerado um dos mais importantes teóricos da psicologia soviética do início do século XX. Nasceu na Bielorrússia em 1896, em uma família judaica. Sua família possuía uma situação financeira privilegiada e tinha, no bojo de seus valores, o envolvimento com a cultura e o desenvolvimento intelectual.

O meio familiar propiciou seu desenvolvimento. Recebeu influência da mãe, uma pessoa extremamente culta, que falava vários idiomas e era apaixonada por poesia, e de seu pai, chefe de departamento de banco e representante de uma companhia de seguros, um homem inteligente e preocupado com a cultura. Além dos pais, seu tutor, Salomon Ashpiz, e seu primo mais velho, David Vigodsky, que chegou a ser um importante lingüista, também exerceram influência sobre Vigotski.

Teve pois, uma formação eminentemente humanista e filosófica. Seus estudos sempre estiveram voltados para a literatura, a lingüística, as línguas clássicas, a crítica e a filosofia. Esses estudos formaram a base de seu pensamento crítico posterior: a questão metodológica e teórica da Psicologia.

Formou-se em Direito em 1917 e aproximou-se da Psicologia quando assumiu o cargo de professor de Literatura e de Psicologia na escola de magistério em Gomel, cidade onde morava. Foi nesse período que começou a se interessar pelos aspectos teóricos e metodológicos dessa ciência.

Em 1924 Vigotski recebeu um convite para trabalhar no Instituto de Psicologia de Moscou, que estava sendo reestruturado. Começa a trabalhar com dois pesquisadores, Alexander Romanovich Luria e Aléxis N. Leontiev, que o acompanharam até a sua morte. Os três se tornaram conhecidos como a Troika, e essa união foi extensamente produtiva, com uma grande e diversa produção.

Vigotski foi acometido pela tuberculose em 1920 e com a ameaça de morte prematura, passou a trabalhar mais intensamente, tendo participado de inúmeros projetos, em diferentes cidades e produz quase 200 publicações no período de 1920 a 1934 (ano de sua morte).

Vigotski apresentava preocupações com os problemas sociais e culturais de seu tempo. Segundo Molon (2003:21), ele emerge na Psicologia em um momento extremamente significativo. A revolução russa se consolidava, inaugurando uma nova sociedade que, tendencialmente, procurava a compreensão de um novo homem, exigindo, assim, novas bases de sustentação teórica e metodológica e novas implicações no campo dos problemas práticos.

Ao mostrar-se preocupado com a necessidade de entender a constituição do sujeito inserido em uma determinada cultura e ao mesmo tempo com a criação de uma “ciência geral” para a Psicologia, Vigotski empreendeu-se em seu estudo crítico da crise da Psicologia. Para ele, “o desenvolvimento psicológico dos homens é parte do desenvolvimento histórico geral de nossa espécie e assim deve ser entendido. A aceitação dessa proposição significa termos de encontrar uma nova metodologia para a experimentação psicológica”. (Vigotski, 2000: 80)

Seu trabalho “Significado histórico da crise da psicologia” aponta um quadro geral dos caminhos de desenvolvimento da ciência psicológica, podendo, dessa maneira, ser considerado a síntese de suas idéias fundamentais quanto à metodologia específica do conhecimento psicológico.

No primeiro quarto do século XX a ciência psicológica atravessava uma situação de crise devido à confrontação das correntes biotrópica (orientada para a ciência da natureza) e sociotrópica (orientada para o mundo da cultura). O intuito de Vigotski era alcançar a síntese de ambas as correntes. Ao analisar as correntes psicológicas como o behaviorismo, a gestalt e a psicanálise, compreendeu que essas correntes não poderiam se constituir em uma Psicologia geral, visto que seus princípios explicativos não continham a necessária compreensão da totalidade do comportamento humano. Criticou tanto as psicologias subjetivas idealistas quanto as psicologias objetivistas mecanicistas, defendendo a unidade entre a Psicologia e o comportamento e entre o fenômeno subjetivo e o fenômeno objetivo.

Ao verificar que os fatos da vida psíquica se diferenciavam essencialmente de outros fenômenos da realidade, Vigotski, já um representante da jovem Psicologia russa, questiona-se: qual é o objeto da psicologia? Quais são os princípios explicativos priorizados em seu estudo?

O autor empreende sua análise em oposição ao método idealista e esboça o esquema de uma ciência partindo da interpretação marxista do conhecimento teórico, dos princípios do reflexo e do historicismo. Vê o idealismo como um anti-historicismo de princípio e escreve: “por maior que seja a abstração, esta encerra sempre uma concentração da realidade concreta, ainda que seja apenas uma concentração muito frágil”.

Além dos princípios de Marx, Vigotski apóia-se nos princípios de Engels e Spinoza e sintetiza uma teoria fundamentada nos aspectos históricos e culturais do desenvolvimento das funções psíquicas superiores, aplicando os princípios do marxismo aos problemas da Psicologia e inaugurando uma Psicologia social dialética.

II.2 - A concepção de homem e de mundo na Psicologia Sócio Histórica

“O ser humano constrói a sua própria história assim como ele é por ela construído”
(Marx)

A Psicologia Sócio-Histórica, uma nova visão, uma nova proposta inaugurada por Vigotski, surge como uma concepção crítica à visão naturalizante do psiquismo que a psicologia vem preconizando desde seus primórdios. Essa nova referência passa a ocupar um lugar de contraposição à ciência positivista, cuja característica é a naturalização dos fenômenos sociais e humanos.

Desde Wundt, considerado o marco do início da Psicologia, por distingui-la como ciência, a Psicologia carregava as contradições do humano: objetivo/subjetivo, interno/externo, natural/social.

É dessa maneira que a Psicologia Sócio-Histórica se apresenta como possibilidade de superação dessas visões dicotômicas, já que várias perspectivas teóricas como o behaviorismo, a gestalt e a psicanálise, entre outras, empreenderam sua compreensão e explicação da complexa relação do homem com o mundo, apoiando-se e centralizando seus esforços em um lado do fenômeno e apresentando limites quanto à superação da dicotomia. O pêndulo oscila sempre entre interno/externo, natural/social, comportamento/vivências, autonomia/determinação.

Situar-se em qualquer um desses lados significa que a compreensão do fenômeno psicológico é incompleta, pois sempre falta o outro lado. Segundo nos aponta Bock (2001), “esses aspectos não mais podem ser vistos como oposição um ao outro”.

De acordo com a autora, a Psicologia Sócio-Histórica:

“Fundamenta-se no marxismo e adota o materialismo histórico e dialético como filosofia, teoria e método. Nesse sentido, concebe o homem como ativo, social e histórico. A sociedade, como produção histórica dos homens que, através do trabalho, produzem sua vida material. A realidade material, como fundada em contradições que se expressam nas idéias. E a história, como o movimento contraditório constante do fazer humano, no qual, a partir da base material, deve ser compreendida toda produção de idéias, incluindo a ciência e a psicologia.” (Bock, 2001:17)

Portanto, nessa concepção, o homem só pode ser compreendido em sua inserção num mundo social.

A realidade é uma construção social baseada nas experiências dos indivíduos que a constituem e por esta são constituídos. A realidade social, econômica e cultural não é algo exterior ao homem, pois sociedade e homem vivem em uma relação dialética, onde se incluem e se excluem ao mesmo tempo, num mesmo movimento.

O fenômeno psicológico, na visão naturalizante, foi fortemente influenciado pelas idéias liberais construídas com o advento do capitalismo, e essa visão permanece na Psicologia até a atualidade. “É o fenômeno que existe em nós, como estrutura, processo, expressão, ou qualquer uma de suas conceituações, porque somos humanos e ele pertence a nossa natureza. Fica então naturalizado o fenômeno psicológico. Algo que lá está como possibilidade, quando nascemos, algo que está pronto para desabrochar”. (Bock, 2001:22)

Em oposição a essa conceituação, a Psicologia Sócio-Histórica acredita que o fenômeno psicológico se desenvolve ao longo do tempo. Assim, de acordo com Bock (2001:22), o fenômeno psicológico:

- não pertence à Natureza Humana;
- não é preexistente ao homem;
- reflete a condição social, econômica e cultural em que vivem os homens.

Vemos ainda que, nessa concepção, o homem sobrepuja sua condição biológica, pois somente essa condição não é suficiente para seu desenvolvimento e para a vida em sociedade. O homem precisa se apropriar de formas socialmente construídas para satisfazer suas necessidades. Ele “é constituído na e pela atividade e revela em sua forma de existência – todas as suas expressões – a historicidade social, a ideologia, as relações sociais, o modo de

produção. Ao mesmo tempo, esse homem expressa a sua singularidade, o novo que é capaz de produzir, os significados sociais e os sentidos subjetivos”. (Aguar e Ozella, 2006:224)

II.3 - As funções psicológicas na abordagem histórico- cultural de Vigotski

“A abordagem dialética, admitindo a influência da natureza sobre o homem, afirma que o homem, por sua vez, age sobre a natureza e cria, através das mudanças nela provocadas, novas condições naturais para a sua existência.” (E

O que permitiu ao homem transformar a realidade natural em uma realidade cultural e humana foi o trabalho.

“O trabalho também constitui para Marx o meio, não da conciliação do homem e da natureza, pois aquele já faz parte desta, mas do salto evolutivo que permite ao homem fazer da realidade natural uma realidade cultural ou humana. Isso ocorre quando o homem produz os instrumentos para agir sobre a natureza e criar suas próprias condições de existência, assumindo assim o controle da própria evolução que é sua história”. (Pino, 2002:36)

Para Marx, o trabalho envolve três elementos simples: a atividade pessoal do homem, o objeto sobre o qual ele age, e o instrumento e o meio pelo qual age. O conceito de trabalho adquire um caráter de generalidade, pois pode ser estendido a qualquer tipo de atividade humana, material ou mental.

Conforme já mencionado, instrumento técnico e signos constituem os dois mediadores universais das relações dos homens com o mundo e entre si. Por instrumento técnico entende-se todo artefato criado pelo homem como meio de agir sobre o mundo natural e transformá-lo. É por esse meio que os homens produzem seus meios de existência e sua vida material. Os signos constituem-se em sistemas inventados pelos homens para representar a percepção que eles têm do mundo, deles mesmos e comunicar-se entre si. Eles nada modificam no objeto e servem como meio de influência do sujeito sobre si mesmo e sobre a sua psique. Graças a eles, a estrutura da personalidade transforma-se de modo radical, adquirindo um caráter qualitativamente novo.

Embora apresentem naturezas diferentes e formas de desempenho diferentes de mediação, o uso de instrumentos técnicos e o signo são processos que mantem entre si relações estruturais e genéticas e, por isso, não podem ser tratados como independentes.

Os signos psicológicos, segundo Vigotski (1996:481), sendo inicialmente externos, independentes da consciência individual (mas indispensavelmente social !) são assimilados

pelo sujeito, transformam-se de externos em internos (se interiorizam), assegurando a própria regulação ou auto-regulação.

Produto da ação humana e da cultura, os signos, uma vez apropriados, caracterizam o psiquismo humano. Pino (2003:39) nos mostra que o caminho para a constituição do psiquismo se dá através do modo de produção. Qualquer que ele seja, condiciona as relações dos homens com a natureza e deles entre si, determinando as condições de existência dos homens, que, por sua vez, vão condicionar o conjunto da vida social e seu modo de ser.

As relações sociais se constituem através das práticas sociais. Pino (2003:53) arrisca uma definição do que sejam essas práticas. De maneira concreta, são as relações sociais em que as pessoas estão envolvidas, são formas socialmente instituídas de pensar, de falar e de agir e que transformam o cotidiano em formas ritualizadas significativas. O autor exemplifica como sendo as práticas religiosas, familiares, jurídicas, educacionais, etc., que são próprias das pessoas que integram o mundo.

Por fim, ao assumir que a essência do homem são as relações sociais, idéia essa ancorada na tese de Marx, Vigotski muda os rumos do pensamento psicológico quanto à verdadeira natureza e origem das funções psicológicas.

A idéia de Marx “não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (Marx,1076 apud Pino, 2003:52) é aplicada por Vigotski a todas as outras funções psicológicas como o pensamento, a linguagem, a percepção, a memória, e revela o caráter cultural dessas funções.

“Nós nos tornamos nós mesmos através dos outros. Em sua fórmula puramente lógica, a essência do processo do desenvolvimento cultural consiste precisamente nisso”. (Vigotski, 1989 apud Pino, 2003:54)

O desenvolvimento cultural passa, segundo Vigotski, por três estágios: “desenvolvimento em si, para os outros, e para si mesmo” (1989, p. 56 apud Pino, 2003:54)

Nesse momento o autor introduz um novo elemento, que é o “para os outros”, que indica que o desenvolvimento cultural passa, fundamentalmente, através do “outro”, algo externo a ele, e, por outro lado, aponta que o mediador entre o indivíduo e o outro é a significação que este atribui às ações naturais daquele.

A significação, que é social e historicamente construída, tem o poder de converter o fato natural em fato cultural, permitindo a passagem do plano social para o pessoal.

“A capacidade de Significar - no duplo sentido de fazer sinal ao outro e de interpretar o sinal do outro – constitui a essência do ser humano. O poder de significar é o poder de criar as coisas, uma vez que estas só têm existência para o homem quando este as nomeia, ou seja, atribui-lhes uma significação. As coisas e o próprio homem são, no sentido de existir, na medida que significam algo para o homem. Talvez seja essa a real função das funções superiores: significar”. (Pino, 2003:56)

II.4 - A linguagem e o pensamento

Podemos verificar que, na discussão da significação, ou do ato de significar, o significado é o aspecto que torna possível a relação social, significados estes produzidos nas relações sociais e em determinadas condições históricas.

Vigotski conformou sua teoria dentro do campo da significação somente nos últimos trabalhos, principalmente na obra *Pensamento e Linguagem* (1934, 2000). O referido autor apontou em seus escritos a necessidade de investigar a consciência humana, e o pensamento e a linguagem seriam a chave para a apreensão de sua natureza.

Ao iniciar seus estudos das raízes genéticas do pensamento e da palavra, Vigotski (2001) indica que a relação entre estes conceitos não é uma condição prévia para o desenvolvimento da consciência humana, mas, sim, o produto dela. Aponta a existência de um período pré-intelectual no processo de formação da linguagem e de um período pré-linguístico no desenvolvimento do pensamento.

Através da investigação desses processos, o autor verificou que não existe um elo primário entre pensamento e palavra, e que a ausência desse elo não significa que pensamento e palavra sejam duas forças independentes e isoladas que fluem e atuam paralelamente uma à outra. Esse ponto de vista foi defendido por várias pesquisas desenvolvidas na época, que utilizavam como método de análise a decomposição da totalidade do pensamento discursivo em seus elementos constituintes, o pensamento e a linguagem. Este método, na visão do referido autor, estava condenado ao fracasso, pois não considerava as propriedades do todo.

Em contraposição a esses estudos, Vigotski apresenta outro método de análise na investigação, uma análise que desmembra a unidade complexa do pensamento discursivo em várias unidades, que “[...] não perdem as propriedades inerentes à totalidade e são suscetíveis de explicação mas contêm, em sua forma primária e simples, aquelas propriedades do todo em função das quais se empreende a análise. A unidade a que chegamos na análise contém, na forma mais simples, as propriedades inerentes ao pe

Ao operar com este conceito, Vigotski foi além do postulado da constância e imutabilidade do significado da palavra que as teorias anteriores do pensamento e da linguagem preconizavam. O autor introduz que os significados das palavras se desenvolvem e sofrem modificações, dentro de uma estrutura dinâmica e sob diferentes modos de funcionamento do pensamento.

“Contudo, uma vez que o significado da palavra pode modificar-se em sua natureza interior, modifica-se também a relação do pensamento com a palavra.” (Vigotski, 2001:408)

Nesse momento, o autor prossegue sua investigação detendo-se no estudo das relações do pensamento e da palavra na consciência desenvolvida. “[...] a relação entre o pensamento e a palavra é, antes de tudo, não uma coisa, mas é um movimento do pensamento à palavra e da palavra ao pensamento.” (Vigotski, 2001:409)

Vigotski refere-se a um desenvolvimento funcional, um processo em desenvolvimento que passa por fases e estágios, que sofre modificações. Para ele, o desenvolvimento também ocorre no percurso do pensamento à palavra, pois o pensamento se realiza na palavra, passa a existir por meio dela. E nesse mesmo processo, em que um depende do outro, a palavra ganha significação pelo pensamento.

Avançando nessas relações entre pensamento e linguagem, o autor dirige seus estudos para os aspectos da linguagem que não podem ser manifestados diretamente, como a linguagem interior, e aponta para a necessidade de métodos indiretos e das formas mediadas para compreendê-los.

“Trata-se da linguagem interior acessível à observação direta e à experimentação, isto é, de um processo interior por natureza e exterior por manifestação. É por este motivo que o estudo da linguagem egocêntrica é, para nós, o método fundamental de estudo da linguagem interior.” (Vigotski, 2001:427)

Ao pesquisar a linguagem egocêntrica na infância, Vigotski supera Piaget na natureza e importância teórica desse conceito. É através dos estudos da linguagem egocêntrica que se constata a semelhança genética e os vínculos com a linguagem interior. A linguagem egocêntrica, então, pode ser considerada a gênese para o desenvolvimento da fala interior. A linguagem egocêntrica, para Piaget, tem seu declínio com o início da idade escolar e desaparece ao longo do tempo, quando é deslocada para a linguagem socializada. Para Vigotski, ao contrário, é no início da atividade escolar que ocorre a transição, e não a extinção, da linguagem egocêntrica para a linguagem interna.

Para o autor, a fala interior é uma linguagem para si. Ela não só antecede a linguagem exterior como objetiva-se nesta através do pensamento e chega às palavras. No sentido oposto, do exterior para o interior, ocorre um processo de evaporação da linguagem para o pensamento.

Por sua estrutura e funcionamento próprio, a linguagem interior não deve ser vista como fala menos som, mas como uma unidade indissolúvel que está interligada à linguagem exterior. A passagem da linguagem interior para a exterior não é uma passagem mecanizada, reflexa de uma linguagem à outra, mas sim, a sua reestruturação, a sua transformação.

“[...] estamos efetivamente perante uma linguagem que se distingue totalmente da linguagem exterior. Por isso estamos autorizados a considerá-la um plano interior específico de pensamento verbal, que medeia a relação dinâmica entre pensamento e palavra.” (Vigotski, 2001:473)

Como apontamos acima, o caminho do pensamento à lin

Paulham mostrou que “o sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência [...] e que o significado é apenas uma dessas zonas de sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso [...]” (Vigotski, 2001:465)

Vigotski considera o significado das palavras uma zona estável, uniforme e exata. Na leitura desse autor, Aguiar (2001:105) aponta que o significado, para ele, é uma construção social, de origem convencional, relativamente estável, e o homem, ao nascer, encontra um sistema de significações pronto e historicamente elaborado. Portanto, o conceito de significado é mais restrito. Uma boa elucidação da restrição deste conceito é dada pelo autor: [...] “o significado da palavra é apenas uma pedra no edifício do sentido”.

No que se refere ao sentido das palavras, este seria de ordem inconstante, pois depende do contexto em que está inserido, ora aparece com um sentido, ora adquire outro. Há, assim, um dinamismo, uma vez que o sentido da palavra é móvel, complexo e inesgotável:

“O sentido real de cada palavra é determinado, no fim das contas, por toda a riqueza dos momentos existentes na consciência e relacionados àquilo que está expresso por determinada palavra”. (Vigotski, 2001:466)

II.5 - A categoria Sentido, necessidade e motivo como constitutivos da subjetividade

Para González Rey (2003:235) “O sujeito é sujeito do pensamento, mas não de um pensamento compreendido de forma exclusiva em sua condição cognitiva, e sim de um pensamento entendido como processo de sentido, ou seja, que atua somente por meio de situações e conteúdos que implicam a emoção do sujeito”. Podemos validar essa afirmação a partir do que Vigotski nos elucidou a esse respeito, ou seja, se quisermos entender o pensamento, precisamos entender as tendências afetivas e volitivas que deram origem a esse

pensamento, pois o que o movimenta e o que o origina são os desejos, as necessidades, interesses e emoções do sujeito.

As emoções, nessa concepção, têm sua posição assegurada enquanto elementos

necessidades. Aí sim este objeto/fato/pessoa vai ser vivido como algo que impulsiona/direciona, que motiva o sujeito para ação na direção da satisfação das suas necessidades”. (Aguiar e Ozella, 2006:228)

É então na relação do homem com a realidade social, é nesse encontro, que os motivos vão se configurando como objeto de satisfação para as necessidades. Faz-se necessário mencionar que esse é um movimento dinâmico e rico para o sujeito, pois diante da “possibilidade de realizar uma atividade que vá em direção da satisfação de suas necessidades, esse movimento, com certeza modifica o sujeito, criando novas necessidades e novas formas de atividade” (Aguiar e Ozella, 2006:228)

É a partir desse movimento, desse estado emocional que mobiliza, que leva o sujeito para a ação, que podemos nos aproximar do processo de constituição dos sentidos, os quais são definidos como sendo a síntese do racional e do emocional.

Para Aguiar e Ozella (2006:227), “o sentido refere-se a necessidades que, muitas vezes, ainda não se realizaram, mas que mobilizam o sujeito, constituem o seu ser, geram formas de colocá-lo na atividade. A categoria sentido destaca a singularidade historicamente construída”.

Já González Rey enriquece a compreensão do sentido, quando nos diz que: o sentido é responsável pela grande versatilidade e formas diferentes de expressão no nível psíquico das experiências histórico-sociais do sujeito. O sentido é subversivo, escapa do controle, é impossível de prever, não está subordinado a uma lógica racional externa. O sentido se impõe à racionalidade do sujeito, o que não implica a sua associação só ao inconsciente, como já foi dito, pois um mesmo sentido transita por momentos conscientes e inconscientes, até mesmo de forma contraditória. (2003:252)

III - O MÉTODO

III.1 - Pressupostos

No capítulo teórico, ao contextualizar Vigotski em seu tempo e em sua obra, constatamos sua preocupação em construir uma nova abordagem científica que pudesse dar conta de compreender o homem em sua totalidade e em sua relação com a sociedade. Para que isso fosse possível, fez-se necessário empreender uma busca de novos métodos de investigação e análise.

Assim, nas palavras do autor:

“A procura de um método torna-se um dos problemas mais importantes de todo o empreendimento para a compreensão das formas caracteristicamente humanas de atividade psicológica. Nesse caso, o método é, ao mesmo tempo, pré-requisito e produto, o instrumento e o resultado do estudo”. (Vigotski, 2000:86)

Para o autor, não existe um método alheio a uma concepção de realidade. Da mesma maneira, não se pode conceber um método sem a concepção de homem. Em nossa pesquisa recorreremos à Psicologia Sócio-Histórica, que se situa dentro do materialismo histórico dialético, por compartilharmos, justamente, de sua concepção de homem.

A pesquisa qualitativa, desenvolvida dentro dessa orientação, enfatiza a compreensão dos fenômenos a partir de sua historicidade, na qual o particular é considerado uma instância da totalidade social.

A investigação qualitativa constitui uma via de acesso a dimensões do objeto, ou seja, a subjetividade. Objeto este que não pode ser facilmente acessível através de métodos quantitativos. Nessa direção de pensamento, a perspectiva Sócio-Histórica tenta superar a visão reducionista das concepções empiristas. González Rey é um autor que se dedica ao estudo constante de um modelo de ciência que tenha uma maior aproximação da

subjetividade, “a pesquisa qualitativa se debruça sobre o conhecimento de um objeto complexo: a subjetividade, cujos elementos estão implicados simultaneamente em diferentes processos constitutivos do todo, os quais mudam em face do contexto em que se expressa o sujeito concreto”. (Rey, 2005a:51)

Conforme apontamos anteriormente, Vigotski, já em sua época, mais precisamente em 1934, apresentava preocupações quanto à necessidade de um novo método que pudesse apreender os processos internos e desvelar sua gênese. Para tanto, ele propõe três princípios básicos, apoiados nas leis da dialética e no materialismo-histórico.

O primeiro é que devemos analisar processos e não objetos. Nesse princípio, os processos psicológicos não devem ser analisados da mesma forma que a análise vigente fazia até então, tratando-os como objetos estáveis e fixos, e sim tratá-los como processos que estão sempre em movimento, e que devido a sua complexidade estão em constante modificação. Dessa forma, Vigotski (2000) diz: “se substituirmos a análise do objeto pela análise de processo, então, a tarefa básica da pesquisa obviamente se torna uma reconstrução de cada estágio no desenvolvimento do processo: deve-se fazer com que o processo retorne aos seus estágios iniciais”. (p. 82)

O segundo princípio refere-se a estudar um problema a partir da gênese e das bases dinâmico-causais, ou seja, é o princípio da explicação versus descrição. Cabe ao pesquisador compreender o fenômeno na sua essência, na sua totalidade, e ir além das aparências externas em vez de puramente descrevê-lo, já que as descrições não revelam as relações subjacentes a esses fenômenos. A tarefa da análise é revelar essas relações e procurar a essência dos fenômenos psicológicos e não somente as suas características perceptíveis. Para a elaboração desse princípio Vigotski (2000) apóia-se na seguinte premissa de Marx: “se a essência dos objetos coincidissem com a forma de suas manifestações externas, então, toda ciência seria supérflua”. (p. 83)

No terceiro princípio, o problema do comportamento fossilizado, Vigotski (2000) afirma que precisamos nos concentrar não no produto do desenvolvimento, mas no próprio processo de estabelecimento das formas. “Processos fossilizados são aqueles que esmaeceram ao longo do tempo, isto é, são processos que passaram através de um estágio bastante longo do desenvolvimento histórico e tornaram-se fossilizados”. (p. 84) São, então, os comportamentos automatizados ou mecanizados, que no decorrer da vida perderam sua origem, e sua aparência externa nada diz sobre sua natureza interna. Faz-se necessário para a compreensão desses comportamentos pesquisar como foram construídos, à luz de uma perspectiva histórica. Assim, “o estudo histórico do comportamento não é um aspecto auxiliar do estudo teórico, mas sim sua verdadeira base.” (Vigotski, 2000:86)

Vigotski construiu seu método baseado em uma perspectiva qualitativamente nova em direção à produção do conhecimento e desvelamento da realidade. E apresentou suas categorias como processuais, abertas, e ao definir o fenômeno, considera-o em suas relações com os outros.

Tal como Vigotski, González Rey (2005a) também compreende a epistemologia qualitativa como processos, que estão implicados na construção do conhecimento e na forma de produzi-los (p. 24). E apresenta-a como um esforço abrangente no estudo científico da subjetividade, onde o resgate do individual adquire um significado essencial na pesquisa.

Para González Rey (2005a), “a subjetividade não é um produto da cultura, é ela mesma constitutiva da cultura, não pode ser considerada resultado subjetivo de processos objetivos externos a ela, mas expressão objetiva de uma realidade subjetivada” (p. 29). Pedro Demo, em citação de González Rey (2005a:29), esclarece de uma forma simples essa questão: “Somos objetivos como fato social. Quero dizer, nossa subjetividade é um fato, mas a expressamos de modo subjetivo, à nossa maneira”. (1995:14)

As configurações da complexa constituição da subjetividade não pertencem a uma natureza humana universal, pois se expressam em um sistema complexo em permanente avanço, que não se esgota no sujeito, mas em um sistema aberto e em constante desenvolvimento. Assim, a subjetividade pode ser definida como “o sistema de significações e sentidos subjetivos em que se organiza a vida psíquica do sujeito e da sociedade”. (González Rey, 2005a:viii)

O processo de pesquisa qualitativa é dinâmico e relacional, pois implica uma relação entre o pesquisador e o sujeito, que se constituem como partes integrantes do processo investigativo. Sendo o pesquisador parte da própria situação da pesquisa, a neutralidade no processo torna-se impossível. Sua participação ativa implica um sujeito permanentemente reflexivo e comprometido com o processo construtivo da pesquisa. De acordo com González Rey (2005b), “o pesquisador como sujeito não se expressa somente no campo cognitivo, sua produção intelectual é inseparável do processo de sentido subjetivo marcado por sua história, crenças, representações, valores e todos aqueles aspectos em que se expressa sua constituição subjetiva” (p.36). Ele funciona como “um núcleo gerador de pensamento que é parte inseparável do curso da pesquisa”. (p.34)

Já as pessoas que são objeto de pesquisa, os sujeitos, dentro dessa abordagem, têm seu papel fundamental, tal qual o pesquisador, como condição do processo. Não se apresentam como meros objetos, como também não se expressam somente através de instrumentos previamente elaborados para essa finalidade, mas sim por uma necessidade pessoal que se desenvolverá, no próprio espaço de pesquisa através das relações que se constituirão no processo.

Outro fator importante para o desenvolvimento da pesquisa qualitativa, além do processo de interação pesquisador-pesquisado, é o lugar que se atribui à comunicação. Esta será “a via em que os participantes de uma pesquisa se converterão em sujeitos, implicando-se

no problema pesquisado a partir de seus interesses, desejos e contradições”. (González Rey, 2005b:14)

É também através da comunicação que podemos conhecer as configurações e os processos de sentido subjetivo que caracterizam os sujeitos individuais, como também conhecer o modo como as diversas condições objetivas da vida social afetam o homem (González Rey, 2005b:13). Dessa maneira, a comunicação configura-se como o espaço legítimo de informação na pesquisa, que por sua vez é o alicerce para a produção de conhecimento.

O conhecimento é fruto de uma construção interpretativa do pesquisador, sendo, portanto, uma produção humana, o qual se efetua no encontro da atividade pensante e construtiva do pesquisador e uma realidade composta por um domínio infinito de campos inter-relacionados. O conceito de “zona de sentido” elaborado por González Rey vem ocuonlaedoeedoÉü

produção teórica” (González Rey, 2005b:9). Aqui o teórico é compreendido como “processo de construção intelectual do pesquisador que acompanha a pesquisa” (p.11) e não se refere somente a redução exclusiva de utilização de teorias que são fontes de saber preexistentes.

O estudo da subjetividade implica embrenhar-se nas formas mais complexas de expressão do sujeito, implica aproximar-se de seus sentidos subjetivos. Mas o sentido não é algo que aparece diretamente nas respostas dos sujeitos, ele aparece disperso e necessita de nossas interpretações e construções para dar-lhes significado, “pois nenhuma manifestação parcial do sujeito reflete de forma direta e linear o sentido subjetivo, por isso é construído” (González Rey, 2005b:32). Portanto, apreender os sentidos em sua totalidade não é tarefa possível.

É nessa mesma linha de pensamento que Aguiar (2001) se questiona a respeito de como apreender esse sentido, esse algo que está além da aparência. A referida autora cita Vigotski, o qual propõe que “para apreender um processo interno é necessário exteriorizá-lo, relacionando-o com alguma outra atividade exterior” (p.130).

Aguiar (2001) aponta que a palavra com significado é a unidade de análise, e esta encerra em si as propriedades do pensamento, que por sua vez, também se constitui como uma mediação deste. Assim, a fala (palavra com significado) constitui o ponto de partida para a apreensão dos sentidos subjetivos dos sujeitos. Para compreensão da fala também é necessário buscar as múltiplas determinações que a compõem. “Cabe ao pesquisador buscar essas determinações (históricas e sociais) que se configuram no plano do sujeito como motivos, necessidades e interesses” (Aguiar:2001:131).

III.2 - Procedimentos da pesquisa

Os sujeitos participantes desta pesquisa são estudantes de graduação do segundo semestre do curso de Administração da PUC-SP. A opção por esses estudantes não foi aleatória, apesar de que poderíamos ter escolhido outros alunos de outros cursos de graduação, pois pesquisar sobre o projeto de futuro profissional dos jovens, saber o que pensam, o que sentem e qual o sentido de futuro para eles é uma prerrogativa importante para qualquer jovem que se encontra em uma universidade, pelo menos é o que se pode esperar deles, uma vez que já fizeram uma primeira opção de curso e se encontram em busca de um futuro profissional. O fato de a escolha ter recaído sobre esses estudantes de Administração, como já descrito na Introdução, foi devido a ser este considerado um curso atual do mercado. Partiremos agora para a descrição de como se efetivou o trabalho com eles.

A FEA-Faculdade de Administração, Economia, Contabilidade e Atuária da PUC-SP oferece aos seus alunos um Serviço de Atendimento e Orientação Psicopedagógico-SAOPSIPE. Contatamos então, as professoras de Psicologia responsáveis por esse serviço, para que nos auxiliassem na questão burocrática e operacional da pesquisa, ou melhor, a busca dos sujeitos. De posse das informações necessárias e com a cooperação dessas profissionais, foi passado um questionário em duas salas de aula do período matutino para os alunos responderem. A intenção do questionário foi basicamente utilizá-lo como procedimento de aproximação dos alunos, como também uma estratégia para convidá-los a participar de um grupo focal, um espaço de reflexão e discussão sobre seu projeto de futuro profissional.

É importante contextualizar a estratégia do grupo focal como um dos procedimentos escolhidos. Segundo Morgan e Krueger (1993), “a pesquisa com grupos focais tem por objetivo captar, a partir das trocas realizadas no grupo, conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações, de um modo que não seria possível com outros métodos,

como, por exemplo, a observação, a entrevista ou questionários. O grupo focal permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que, em outros meios, poderiam ser difíceis de se manifestar” (apud Gatti, 2005:9).

Gatti complementa a afirmação dos autores citados, pois para ela o trabalho com grupos focais “[...] constitui-se em uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e

Foram realizados dois encontros tal como segue descrito: na primeira sessão participaram 11 estudantes e foi pedido inicialmente que refletissem acerca do que esperam do futuro, qual é a representação que têm deste, ou, em linguagem mais simples, qual é a cara do seu projeto de futuro profissional. Foi explicado que a documentação do trabalho seria feita através da gravação de suas falas e a importância do sigilo foi explicitada e enfatizada. O encontro durou quarenta minutos.

Na segunda sessão, o grupo teve uma maior interação e conseqüentemente mais participação, o que facilitou suas falas emergirem naturalmente. Dessa forma tornou possível nos aproximar mais de seus modos de sentir, pensar e agir, constitutivos de sua subjetividade. Nessa sessão tivemos a participação de oito estudantes e a duração do encontro foi de uma hora e meia.

Como já explicitamos, a composição dos participantes do grupo focal foi aleatória, mas o que nos chamou atenção nessa composição, desde o início, foi a procura destes jovens por um espaço de reflexão baseado em questões relacionadas à escolha profissional, o que certamente não deixa de constituir em dado importante quando se está interessado em investigar sobre o projeto de futuro profissional. Nesse aspecto, o grupo foi homogêneo. Por outro lado, os sujeitos são heterogêneos no que concerne à classe social, questão de gênero, diferenças culturais e até mesmo dessemelhanças no local de moradia e em regiões opostas de São Paulo.

Apesar de trabalharmos com onze sujeitos no primeiro encontro e oito no segundo, vamos descrevê-los apoiando-nos principalmente no segundo encontro, quando pudemos conhecê-los melhor. Foram oito sujeitos, sendo sete moças e um rapaz. As moças são jovens pertencentes à famílias com médio e alto poder aquisitivo. São moradoras das regiões oeste e sul de São Paulo, e uma delas moradora de Alphaville (Barueri). Estudaram em colégios particulares de São Paulo, em sua grande maioria escolas renomadas e reconhecidas por sua

qualidade de ensino. Frequentaram cursos de línguas e têm acesso a bens culturais como cinema, teatro, livros e recursos tecnológicos como internet, celular, DVDs e tantos outros aparatos vistos como necessários à sua sobrevivência. Quanto à profissão de seus pais: três são engenheiros, três são administradores e um é geólogo. Duas mães trabalham em banco, uma é arquiteta e outra é funcionária pública. Três não trabalham. Cinco alunas não trabalham, uma trabalha com seu pai e outra faz estágio há pouco tempo.

O jovem sujeito de nossa pesquisa é bolsista pelo Prouni. Pertence a família de classe média baixa e é morador de Itaquaquecetuba. Atualmente trabalha em uma empresa de telefonia no setor de telemarketing e já trabalhou em outros locais também. Estudou em escola estadual e não fez curso de línguas. Seu pai trabalha em uma indústria metalúrgica, é líder do setor, ou seja, é encarregado. A mãe não trabalha.

Embora houvesse interação e cooperação dos alunos no desenvolvimento do grupo focal e considerando que o nosso objetivo visava abordar questões relacionadas à nossa pesquisa com mais profundidade, observamos por meio da transcrição do material obtido nas sessões que os conteúdos não contemplavam o tema norteador da pesquisa em sua totalidade, ou seja, corria-se o risco de resultar uma análise pautada em descrições pouco esclarecedoras sobre o tema. Ao constatarmos esse fato, partimos para a utilização de outros instrumentos que dessem conta de apreendermos o tema proposto. Desse modo, com a finalidade de avançar na coleta de dados, optamos pela realização de entrevistas semi-estruturadas.

Consideramos a entrevista um recurso técnico que nos permite maior aproximação dos significados e sentidos do sujeito, como também permite revelar esses mesmos significados e sentidos.

Para a realização das entrevistas elegemos dois sujeitos, os quais foram escolhidos segundo os critérios que adotamos para a escolha do melhor sujeito. Optamos por trabalhar com o rapaz e com uma aluna, os quais pela sua participação no grupo tiveram posições um

pouco diferentes. Esse critério permitiu-nos enriquecer a nossa pesquisa ao trabalharmos o contraponto manifesto em suas perspectivas de futuro, já que apresentaram perfis opostos.

Ao realizar o grupo focal e as entrevistas nos apoiamos no método desenvolvido por Aguiar e Ozella (2005), que propõem que:

[...] as entrevistas devem ser **consistentes** e suficientemente amplas de modo a evitar inferências desnecessárias ou inadequadas. Elas devem ser **recorrentes**, isto é, a cada entrevista, após uma primeira leitura o informante deverá ser consultado no sentido de eliminar dúvidas, aprofundar colocações e reflexões e permitir uma quase análise conjunta do processo utilizado pelo sujeito para a produção de sentidos e significados.

A leitura do material oriundo do grupo focal forneceu-nos os instrumentos para que pudéssemos trabalhar as entrevistas de maneira recorrente, aprofundando algumas questões que emergiram no grupo como questões importantes que ficaram ocultas, discutindo e analisando junto com o sujeito pontos de conflito, de contradições e de aspectos ainda não revelados, construídos junto com as intervenções do pesquisador.

Quanto ao procedimento utilizado é interessante destacar que não houve um aprofundamento em suas histórias de vida e trajetórias estudantis, mesmo considerando a importância que a história de vida do sujeito têm ao nos trazer elementos para a compreensão de sua subjetividade e concomitantemente, para a construção de seus projetos. Contudo, não optamos por esse recurso, visto que a escolha foi feita por um número maior de sujeitos através do desenvolvimento de grupo focal e duas entrevistas para aprofundar pontos significativos.

Faz-se necessário esclarecer que em nossa análise trabalhamos com o material que obtivemos tanto no grupo focal quanto nas entrevistas. Como procedimento para a compreensão das falas dos alunos, adotamos a letra R; para o aluno Prouni e para as alunas optamos por não nomeá-las, já que suas falas se mostraram bastante homogêneas em sua totalidade, ainda que tenha sido realizada entrevista com uma das alunas.

Ao transcrever o material da pesquisa procuramos nos manter fiel ao teor do conteúdo, como também aos modos de dizer dos alunos, mantendo inteiramente suas falas, com suas características e peculiaridades próprias (uso de gírias, vícios de linguagem e o uso abusivo do gerúndio, além de reproduzirem por meio dessas falas, a realidade em que vivem).

As falas de nossos sujeitos utilizadas na análise serão apresentadas em itálico e as palavras ou mesmo os recortes de frases que se mostram reveladores de conteúdos expressivos, aquilo que nos chama a atenção para a melhor compreensão do tema em questão, serão apresentadas em negrito.

Por fim, torna-se importante destacar que todas as manifestações dos sujeitos nos interessaram, analisamos todas as expressões, mas trabalhamos com aquelas falas mais significativas e reveladoras relativas ao nosso objeto de pesquisa, pois conforme nos assinala Rey (2005b): “a significação dos trechos de informação não é um processo arbitrário do pesquisador, mas sim um processo relacionado às suas possibilidades de articulação quanto ao modelo teórico em construção [...]” (p.112).

III.3 – Procedimentos de análise

Com o intuito de analisarmos os dados obtidos das entrevistas e do grupo focal realizados em nossa pesquisa, apoiamo-nos nos procedimentos de organização e análise do material, elaborados por Aguiar e Ozella (2006), autores que se fundamentam na abordagem da Psicologia Sócio-Histórica.

Segundo essa abordagem, o procedimento de análise consiste em apreender o processo constitutivo dos sentidos do sujeito, ou dos sujeitos da pesquisa, como também os elementos que gestam esse processo. A apreensão dos sentidos, segundo os autores (Aguiar e Ozella, 2006:228), “não significa apreendermos uma resposta única, coerente, absolutamente

definida, completa, mas expressões do sujeito muitas vezes contraditórias, parciais, que nos apresentam indicadores das formas de ser do sujeito, dos processos vividos por ele.”

Assim, é através da expressão do sujeito, que podemos aproximarmo-nos de algumas de suas zonas de sentido, uma vez que apreendermos o sujeito em sua totalidade, não é tarefa possível.

Para tanto, o procedimento para análise e organização do material obtido, consiste em três etapas.

Na primeira etapa, já de posse do material da pesquisa transcrito, recorreremos às várias leituras flutuantes desse material, as quais proporcionam ao pesquisador seu contato com o dado empírico e conseqüente familiarização e apropriação de seu conteúdo.

Segundo os autores Aguiar e Ozella (2006:229), “a palavra com significado é a primeira unidade que se destaca no momento empírico da pesquisa.”, e pode ser considerada, igualmente, como o elemento central nesse processo. Mas, os autores também enfatizam o quanto é fundamental que a palavra seja compreendida através do contexto que está inserida, o qual lhe confere significado. E contexto é entendido “desde a narrativa do sujeito até as condições histórico-sociais que o constituem” (Aguiar e Ozella, 2006:230). É, portanto, através da palavra com significado que emergem os temas mais diversos, os pré-indicadores.

De acordo com os autores, a apreensão dos pré-indicadores se dá através da maior freqüência com que aparecem nas falas, por sua importância enfatizada em seus discursos, pela carga emocional que apresentam, por suas ambivalências e contradições, etc.

A segunda etapa caracteriza-se pelo processo de aglutinação dos pré-indicadores, que desse modo, se constituem em indicadores e seus respectivos conteúdos. A aglutinação dos pré-indicadores ocorre através da “similaridade, complementaridade ou pela contraposição” (Aguiar e Ozella, 2006:230). Esse momento da análise, ainda que consista em uma

formulação do pesquisador, trabalha com o dado bruto, o empírico e apesar de estar muito próximo do núcleo de significação, o pesquisador ainda não prescinde de interpretação.

Faz-se importante assinalar que a intenção é sempre levantar indicadores, pré-indicadores, destacá-los e analisá-los integrados no todo, integrá-los e reintegrá-los no movimento.

O momento seguinte, após a aglutinação dos indicadores e de seus conteúdos temáticos, consiste em um processo de articulação desses indicadores, que resultará na construção dos núcleos de significação e sua nomeação. Essa é a terceira etapa do processo de análise dos dados.

Para que esse processo ocorra é fundamental lançarmos mão dos indicadores, que podem ser vistos como a matéria-prima da constituição dos núcleos de significação, tal como os pré-indicadores o são para os indicadores e para a composição dos núcleos de significação.

Segundo os autores, o critério de articulação para a organização dos núcleos de significação se dá por meio dos conteúdos semelhantes, complementares e contraditórios, sempre analisados a luz “das condições subjetivas quanto as contextuais e históricas do sujeito” (Aguiar e Ozella, 2006: 231).

Após a nomeação do núcleo e de posse de um quadro amplo e organizado composto pelos pré-indicadores, indicadores e seus conteúdos temáticos, núcleos de significação e os indicadores que os compõem, passamos então para a análise propriamente dita.

Para Aguiar e Ozella (2006:231), “a análise se inicia por um processo intranúcleo, avançando para uma articulação inter-núcleos. Em geral, este procedimento explicitará semelhanças e/ou contradições que vão novamente revelar o movimento do sujeito”. É mister enfatizar que, de acordo com a abordagem adotada para essa pesquisa, a Psicologia Sócio-

deve estar articulado “com o contexto social, político, econômico, em síntese, histórico, que permite acesso a compreensão do sujeito na sua totalidade” (Aguiar e Ozella, 2006:231).

IV- ANÁLISE

IV.1- Aplicação do método na pesquisa

Passaremos agora para a apresentação do modo pelo qual efetuamos a análise das informações obtidas, conforme já explicitamos no it

pensava... eu sempre pensei na área da saúde : Fisioterapia, Nutrição. Aí eu resolvi fazer cursinho para pensar melhor. Aí no fim do ano eu pensei assim: **Ah, vou prestar uma da área da saúde e uma de humanas.** Aí eu falei: ADM. Aí, **eu nem pensava em fazer ADM.** Já estava matriculada no curso de Fisioterapia, aí eu passei na PUC. Daí eu comecei a pensar: não vou fazer na PUC, que já estou matriculada, mas aí as pessoas começaram a falar na minha cabeça: - faz ADM. Já estava matriculada em Fisioterapia na UNICID . Aí falaram: - não, faz ADM e **começaram a me influenciar** dizendo que é um mercado maior.

[...] Foi sem querer que entrei aqui.

Eu tô mais por não saber, assim, porque **eu queria estar fazendo Rádio e TV.** Daí eu fiquei imaginando o que vai ser de mim fazendo Rádio e TV, **mas por eu ser bem indecisa,** eu acabei indo para a Administração. Mas eu também preferiria não estar na Administração e fazer uma coisa com prazer.

Foi por eliminação. Comecei eliminando Física, Engenharia. Aí, fui eliminando e fiquei entre ADM, Direito e Arquitetura. Daí, como é uma área mais ampla, eu optei pela Administração mesmo.

Pensava Direito ou Arquitetura. **Decidi de última hora.** Em outubro do ano passado... É a área do meu pai, Administrador.

PRÉ-INDICADORES:

- 12) Descobrir em mim mesma o que eu gosto 13) Eu não consigo descobrir
14) A minha vocação está mais para a área do Marketing 15) Um pouco mais voltado para o que eu tenho aptidão 16) Eu não desisti dessa possibilidade

Agora eu acho que essa pressão não me deixa escolher, **descobrir em mim mesma** o que eu gosto, **eu não consigo descobrir.**

A minha **vocação** está mais para a área de Marketing, Publicidade.

Vou seguir na área de Marketing, mesmo em ADM, pelo menos está um pouco voltado para o que eu tenho mais **aptidão.**

Mas talvez um dia eu me **descubra** para fazer outra faculdade, **eu não desisti dessa possibilidade,** mas eu acho que consigo ser feliz na Administração.

PRÉ-INDICADORES:

- 12) Descobrir em mim mesma o que eu gosto 13) Eu não consigo descobrir
14) A minha vocação está mais para a área do Marketing 15) Um pouco mais voltado para o que eu tenho aptidão 16) Eu não desisti dessa possibilidade

Agora eu acho que essa pressão não me deixa escolher, **descobrir em mim mesma** o que eu gosto, **eu não consigo descobrir.**

A minha **vocação** está mais para a área de Marketing, Publicidade.

Vou seguir na área de Marketing, mesmo em ADM, pelo menos está um pouco voltado para o que eu tenho mais **aptidão.**

Mas talvez um dia eu me **descubra** para fazer outra faculdade, **eu não desisti dessa possibilidade,** mas eu acho que consigo ser feliz na Administração.

PRÉ-INDICADORES:

- 17) Pressão da pessoa 18) Pressão da sociedade 19) Essa pressão não me deixa escolher 20) A pressão já restringe 21) Abrir mão de muita coisa de que a gente gosta 22) O mundo pede que a gente faça isso

Mas mesmo que eu tivesse alguma coisa, uma profissão que eu realmente gostaria de muito de seguir. Eu não sei se eu conseguiria **escolher** por ela, porque eu indiretamente sinto

muita pressão , de que eu preciso ganhar dinheiro. Eu não sei por quê.
Da sociedade, da pessoa, de você mesmo porque você acha que tem que manter o que tem ou até melhorar o seu padrão de vida .
Fazer o que gosta e ganhar dinheiro . Agora eu acho que essa pressão não me deixa escolher , descobrir em mim mesma o que eu gosto.
Eu acho que essa pressão não me deixa imaginar eu fazendo, por exemplo, imaginar se eu fosse atriz. Sabe, já restringe .
Eu acho, assim, que a gente vai ter que abrir mão de muita coisa que a gente gosta porque o mundo pede que a gente faça isso.

PRÉ-INDICADORES:
23) Preferiria fazer uma coisa com prazer 24) Fazer por dinheiro 25) Vai ter uma área que eu vou gostar 26) E não daria para fazer o que gosta 27) Fazer alguma coisa que dá dinheiro e dá prazer 28) Isso é bem real 29) Fazer o que gosta depois
Mas eu também preferiria não estar na Administração e fazer uma coisa com prazer .
Eu tenho que fazer coisas que eu me estresso, que eu não sinta prazer nenhum . Fazer por causa do dinheiro mesmo.
Mas eu acho que consigo ser feliz na Administração. Eu vou gostando , eu vou vendo na prática. Vai ter uma área que eu vou gostar .
Eu tive sorte de fazer um curso que não era o que eu pretendia, mas eu aprendi a gostar .
E não daria para fazer o que gosta . Fazer o que gosta não daria pra encher a barriga. Fazer alguma coisa que dá dinheiro e dá prazer , e ADM tem um leque muito grande para isso, porque você pode ir para o RH, Marketing, que tem um pouco a ver com publicidade...
Mas, nesse caso, eu acho que a pessoa falou que ela tem medo de não poder fazer o que ela gosta, que ela sempre gostou e tem que fazer uma coisa que ela não gosta e que dê dinheiro . Mas eu acho que isso é bem real .
Tudo bem, você pode não estar na carreira que você ame de paixão. Mas algum prazer no que você está fazendo você precisa achar. Alguma coisa boa ela tem para te oferecer. De tudo você pode tirar uma coisa boa .
Você faz Administração. Você tem um tempo razoavelmente bom e aí você faz o que gosta depois .

PRÉ-INDICADORES:
30) Administração 31) Mercado amplo 32) Vários caminhos 33) Leque muito grande 34) Muita oportunidade
E acabei vindo para a Administração, que é bem amplo e você ainda pode escolher a área que você quer.
Administração você tem vários ramos , você vai para o RH. Você pode fazer alguma coisa ligada com o que você goste.
Ah, mas você pode trabalhar com Publicidade, que envolve Marketing também. Administração te leva pra vários caminhos .
Fazer alguma coisa que dá dinheiro e dá prazer e ADM tem um leque muito grande para isso porque você pode ir para o RH, Marketing, que tem um pouco a ver com Publicidade, que é a área que eu quero seguir .
Você vai olhar lá no jornal de emprego. Administrador tem muita coisa e daí você vai lá,

Publicidade ou uma outra, entendeu? E pelo que vejo é verdade. É bem isso. **Muita oportunidade.**

PRÉ-INDICADORES:

35) Difícil ingressar

**36) Não tem isso e aquilo 37) Não tem oportunidade 38) Cada vez mais competitivo
39) Atualização 40) Empreendedor por necessidade ou abrindo seu próprio negócio
41) Eu não tenho inglês fluente 42) O mercado está se fechando**

Cada vez mais está ficando mais **difícil ingressar** no mercado de trabalho, no mercado mesmo.

Você não tem isso, não tem aquilo. O que eles querem também, além da **experiência**, eles **querem também muita coisa.**

Agora a maior parte **não tem oportunidade.** Vai da **sorte.**

Acho que está ficando cada vez mais **competitivo** o mercado hoje.

Ah, então eu vou evoluir nesse inglês para poder ter uma competição, **para conseguir ganhar.**

Você tem que estar se **atualizando**, tem que estar estudando. Algo **positivo** para você.
- Mas também pode ser algo **negativo**, porque você **precisa de atualização**, e se você estiver um pouco **desatualizado** você perde a sua vaga.

Outra coisa também é que cada vez mais não tem mais aquele funcionário que você tem sua **carteira assinada**, ou sempre tem que estar se tornando um **empreendedor por necessidade**, ou abrindo um negócio próprio para ter seu **emprego**

Não sei, mas eu não tenho inglês. Eu comecei agora na faculdade. Minha mãe tinha uma cabeça meio assim (mostra com as mãos paralelas ao rosto, dando a entender que a mãe tinha uma visão muito fechada, restrita das coisas). Ela achava que o inglês era supérfluo, era coisa fútil. Aí eu fui fazer agora. **Não adianta agora**, eu no segundo ano da faculdade ter um estágio bom, que **eu não tenho inglês fluente** ou pelo menos intermediário. Até lá eu ainda não vou ter.

O mercado está fechando. Antigamente bastava só ter faculdade, você tinha um emprego bom. Hoje não, você tem que ter faculdade, a melhor. Quanto melhor a faculdade, mais chance de emprego. Agora chegou ao ponto de ter duas faculdades. Faculdade e uma pós. Logo, logo, você vai ter que ter faculdade, pós e doutorado, e daqui a pouco MBA. Aí vai chegar a um ponto que você vai desistir. Aí vai para o meio da floresta e pronto, aqui tem fogo e água.

PRÉ-INDICADORES:

43) Trabalho 44) Sustento financeiro 45) Independência 46) Necessidade

Trabalho vai ser o meu **sustento**, tentar **não depender** do meu pai e **reconhecimento.**

Eu acho que **trabalhar** é uma **necessidade** para sobreviver.

O mínimo tem que ser o **sustento financeiro.** Se sentir **útil para a sociedade e para você mesmo.** Você não pode ficar o dia inteiro sem fazer nada, você tem que ser **produtivo, útil, se sentir ativa.**

PRÉ-INDICADORES:
47) Muita gente consegue fazer intercâmbio, muita gente tem inglês 48) O perfil que as empresas procuram hoje em dia, eles têm 49) Têm vários diferenciais 50) E são boas alunas também todas 51) Querendo ou não, a gente também é uma parte privilegiada da população 52) Colégio Bandeirantes, Agostiniano, Rio Branco
Querendo ou não, muita gente consegue fazer intercâmbio, muita gente tem inglês e quem não tiver vai ficar um pouquinho abaixo, sabe. Não, que não vai ter também essas possibilidades. Talvez não seja um emprego tão generoso, né. Mas desempregado, difícil.
Vou voltar para o inglês , que querendo ou não é essencial, eu também estou programando um intercâmbio , que querendo ou não nas empresas grandes eles querem essa vivência, essa experiência de ficar um pouco independente.
Eu conheço pelo que aprendi da Administração, o perfil que as empresas procuram hoje em dia, eles têm. (refere-se aos alunos da PUC de classe social privilegiada) A maioria já tem intercâmbio, já têm vários diferenciais. E são boas alunas também, todas.
Mas não pretendo ser daquelas pessoas que andam de helicóptero , que todas as férias de final de ano têm que ir para um país diferente ou chegar a esse ponto, mas só melhorar um pouco (refere-se aos colegas da faculdade).
Porque nós temos um padrão de vida bom, a gente nunca vai querer piorar. A gente está sempre pensando para frente e querendo ou não a gente também é uma parte privilegiada da população.
E quando a pessoa vai ver lá que escola você estudou? E. E. Domingos L. Então esse E. E. já mata, Escola Estadual.
É, mas mesmo no futuro, quando eu tiver PUC. Ah, legal, você tem PUC, mas eu tenho PUC e Colégio Bandeirantes, Agostiniano, Rio Branco.

PRÉ-INDICADORES:
53) Diploma 54) Reconhecimento Profissional 55) Ser bom profissional 56) Família 57) Amigos 58) Qualidade de vida 59) Feliz 60) Equilíbrio 61) Trabalhar em uma empresa ótima 62) Trabalhar em um lugar legal 63) Vida afetiva
Eu ter meu diploma na mão , se Deus quiser, sem DP nenhuma, ter reconhecimento profissional e também ganhar meu dinheirinho , que é bom. E que pelo tamanho, não é pouco (risos).
Minha família, namorado , tipo ficar bem feliz com tudo isto. Buscar o equilíbrio , por isso o símbolo, entre o profissional e o pessoal. Juntar tudo o que eu quero e levar isso comigo pela vida afora.
O que eu quero, assim, que eu tenho certeza é que eu quero constituir uma família . Isso não é só porque eu não sou aquela pessoa que... Ah, quero ficar sozinha, não. Eu acho importante você ter alguém, sabe. Você conseguir ter um apoio. Você precisa de família, não é só você, né?
Constituir uma família, boa qualidade de vida, não perder o contato com ninguém , que é uma coisa que eu preservo muito. Amigos, família.
Eu numa empresa boa, cargo legal, cargo alto , não precisar ficar ouvindo ordem de ninguém, Certa liberdade . Ter uma família, filhos , educar bem para despoluir muito das futilidades que o mundo hoje oferece. Educação que o meu pai me deu. Cortar videogame, passeios, o pai manda. Dar limites, ter respeito.
Fiz o meu caminho para chegar ao meu objetivo, sei lá, presidente de uma empresa ou um cargo executivo legal.

Trabalhar no Mofarrej. Se eu for trabalhar em empresa ótima não vou reclamar. Eu sempre quis fazer hotelaria, várias pessoas da minha família fizeram.
Futuro ? Mesma coisa. Família, trabalhar em lugar legal, ter um padrão de vida como eu tenho hoje, ou melhor , talvez fazer outro curso de música, mais para frente.
Aí, eu pretendo trabalhar em um Banco ou em uma empresa grande, assim , que me reconheça profissionalmente, que eu tenha sucesso e várias oportunidades também .
Aí que fui meio influenciada por ser um mercado mais amplo, tal... é isso mesmo, no futuro também espero estar bem acompanhada como as meninas. Trabalhar em uma grande empresa e ter muito contato com os amigos e com a família .
Trabalhar em um hotel na beira da praia. Fazer Administração de Empresas e depois me especializar em Hotelaria e trabalhar pelo mundo.
Eu fiz Administração porque eu queria Hotelaria também. Só que trabalhar em hotel , ou com RH ou com eventos , ou coisa tipo assim (risos).
Aí eu pretendo trabalhar, isso aí é o meu futuro, né. Tipo eu não me vejo estressada . Eu quero, por exemplo, morar na praia , estar bem acompanhada também (risos). A praia me deixa em paz, um lugar que me sinta bem, relaxada e eu quero me sentir realizada , tipo abrir um negócio que mostre que eu seja reconhecida e minhas competências sejam reconhecidas [...] e um lugar que dê dinheiro , também.
Com uma vida afetiva boa .

PRÉ-INDICADORES:
64) Procura da vida boa 65) Padrão de vida 66) Classe média 67) Correr atrás 68) Busca total pelo dinheiro
Porque tudo, agora, querendo ou não, é na base da procura do dinheiro , na procura da vida boa . Todo mundo tá procurando isso agora.
Não, eu acho que não, porque além de eu gostar de Marketing, eu gosto de ganhar dinheiro . Então, entendeu? Eu não estou falando isso de uma forma soberba. É que eu cansei de várias vezes ser privado de algumas coisas por falta de dinheiro. Então eu não gostaria de ter essas privações novamente. Então eu não pretendo ser rico, entendeu. Eu pretendo ser classe média , mais ou menos assim. Um salário que dê para eu ter um carro ou dois na garagem, meus filhos poderem estudar em escola particular, fazerem curso de inglês, poder ir para a praia. Sei lá, uma vida razoável , bem maior do padrão que vivo hoje em dia.
No meu futuro , eu não sei onde eu quero trabalhar ao certo, né. Eu acho que numa empresa grande , não sei se Hotel, Banco... que meu trabalho seja reconhecido e que com o maior reconhecimento do meu trabalho, eu consiga ter uma vida boa , tenha dinheiro .
Então você tem que ir atrás , que eu vou ter que correr para conseguir, entendeu.
Mas, é o que eu falei, tem que correr atrás e não ficar acomodado.
Porque nós temos um padrão de vida bom , a gente nunca vai querer piorar. A gente está sempre pensando para frente, e querendo ou não a gente também é uma parte privilegiada da população .
Olha, eu sou muito ligada a coisa material e a dinheiro .
Eu acho que é aquela busca total pelo dinheiro e você não vê chance nenhuma no que você realmente gosta de fazer, entendeu.
Não digo ganhando uma fortuna, rios de dinheiro . Mas tem aquela coisa do dinheiro .

PRÉ-INDICADORES:
69) Entrei pelo PROUNI 70) Fiz a Prova do ENEM 71) Minha nota ficava mais próxima de ADM aqui na PUC 72) Pela dificuldade que estou tendo em acompanhar o curso 73) Quando você não tem opção nenhuma, como é o meu caso 74) O aluno da PUC pode se dar o luxo de ter bom emprego 75) Outros nem tanto, vai depender do mercado, como é o meu caso 76) Estou falando do aluno olhando de fora
Não queria, foi sem querer que entrei, porque é assim... Eu sou de família humilde e entrei pelo PROUNI . É, falo que foi sem querer porque quando fiz a prova do ENEM , eu fiz não porque eu queria, eu fiz porque uma vizinha minha falou faz...
Só que na hora de fazer o PROUNI , minha nota ficava mais próxima de ADM aqui na PUC do que de Direito. Então coloquei esse curso para poder mudar depois . Descobri que não podia mudar, então estou aqui meio que na marra , né. Tem que aprender, sei lá.
Quando você não tem opção nenhuma como é meu caso , eu não podia exigir do mercado uma área que necessitasse de uma formação específica, eu tenho que aceitar o que foi proposto.
Me chamam de V. Me habituei, já. Não sou eu que me apelidei. (sic) Me apelidaram. (R. faz referência ao seu apelido, que recebeu na faculdade e que é o nome da empresa em que trabalha) Trabalho na V. É uma referência . Como é um trabalho braçal, ficou uma referência.
Não, se eu soubesse o que aconteceu, que eu teria dificuldade, com o risco de pegar DP. Eu teria escolhido um curso que talvez fosse a minha cara, para não ter problemas com notas , enfim. É só por isso mesmo, por causa da dificuldade que eu pensei, pela dificuldade que eu estou tendo em acompanhar , por eu não conseguir, eu não estou tendo aquele prazer suficiente para motivar a estudar e superar as dificuldades . Acho que as dificuldades a gente supera quando a gente está a fim de dar continuidade, a gente tem que ... se é o que eu gosto, a gente se mata e vence , entendeu?
Eu acho que quando sair daqui, por mais pessimista que seja, eu acho que o aluno da PUC hoje pode se dar o luxo de saber que vai ter um bom emprego. Outros nem tanto, vai depender do mercado, como é o meu caso .
Estou falando do aluno olhando de fora.

PRÉ-INDICADORES:
77) Eu quero comprar um carro, fazer plástica 78) Eu queria pôr silicone. 79) Eu quero fazer isso e aquilo 80) Eu quero uma república
Eu quero comprar carro, eu quero fazer plástica (risos). Eu quero fazer muita coisa. Mas de onde eu vou tirar tanto dinheiro? Aí eu fico calculando.
Eu queria pôr silicone , que eu acho o máximo (risos). Só que aí já vai muito dinheiro. Meu pai acha fútil. Ele não quer pagar. Então, eu vou ter que pagar .
Eu quero fazer isso. Eu quero fazer aquilo.
Eu quero uma república.

PRÉ-INDICADORES:
81) Eu nunca me imagino não tendo sucesso 82) Para ter reconhecimento os outros precisam ver 83) Para você se destacar vai pegando de tudo um pouco 84) Pessoa que é uma referência. É uma pessoa que ganha bem 85) Pessoa bem-sucedida
Eu imagino o sucesso . E a primeira coisa que me vem, eu nunca me imagino não tendo sucesso .

Eu vou tá sempre tendo que me renovar e me **destacar** em relação aos outros. Eu acho que esse destaque a gente só vai conseguindo vivendo, porque é assim, **para você se destacar, você vai pegando de tudo um pouco** para você conseguir formar uma coisa, entendeu que depois **no final vai dar uma coisa muito boa, que sou eu.**

Acho que **reconhecimento**, para ser reconhecido, os outros precisam ver. Só que para você **ter reconhecimento**, os outros precisam enxergar isso também. Eu acho que o **reconhecimento**, além de você ver que você se **destacou**, você conseguiu **se superar**, fazer algo a mais. Você precisa também que os outros vejam. É como um estímulo para você, continuar evoluindo.

Eu acho que o sucesso está muito ligado com os outros. Você não vai ter muito sucesso sozinha. Para você ter sucesso, os outros precisam saber, entendeu?

Então para mim uma pessoa bem-sucedida é assim, além dela... não te digo que ela vai ter prazer no que ela faz, mas te digo que ela vai ter um cargo importante, sabe. Um trabalho que ela consiga ter um bom retorno em termos de lucro e **bem-sucedida**, que **tenha sucesso** naquilo que ela faça. Mas ter sucesso não significa que ela tenha prazer.

também quer que as pessoas que te cerquem sejam bonitas. Eu quero namorar uma pessoa bonita. Todo mundo quer pessoas bonitas à sua volta e no trabalho também. Quer tirar uma foto para por no orkut. Aí tem lá a galera, todo mundo bonito assim. Chama atenção. Você vê que nem (sic) Malhação. **Malhação está mais perto da nossa realidade**, uma novela de pessoas pré-universitárias. **Todo mundo bonito lá**. Você quer viver como eles. Uma galera legal, com roupa da moda, todo mundo desencanado e bonito. Automaticamente **você compra aquela idéia**. Então você só vai estar se sentindo em um ambiente legal se você tiver uma turma igual àquela. Isso em qualquer meio de comunicação. Aí você acaba pegando um certo **preconceito de pessoas que não sejam tão bonitas assim**. Deixa te explorar. Eu tive sorte sempre, todos os meus amigos são pessoas bem afeiçoadas (sic) assim, a maioria deles. A gente se conheceu quando era criança ainda. Ninguém sabia se no futuro ia ser bonito ou feio. Mas eu sei ver as pessoas pelo que elas são assim. Eu estou lá no trabalho ou no orkut, essas coisas, sei lá, tenho lá vários tipos, que eu sei lá, sou meio desencanado dessa parte de beleza.

Ela não é a mais importante, mas ela é como se fosse um diferencial. Assim, como eles

<p>É que, por exemplo, há cinco anos atrás, se eu pensasse no futuro eu ia pensar algo totalmente diferente. Eu ia pensar que eu ia ter uma namorada e que é... sei lá, sexo depois do casamento, e nunca chegar perto de drogas, respeitar o meu pai e fazer a faculdade de Publicidade. Sei lá, de lá para cá muita coisa mudou. Quase nenhuma dessas coisas eu consegui atingir, entendeu. Então, eu não penso como o futuro vai ser, porque eu vou pensar de acordo com o que eu acredito que seja certo hoje, o jeito que eu quero ser no futuro.</p>
<p>Eu sei o que eu quero no meu futuro, de acordo com os meus valores de hoje em dia. Agora, como vou chegar lá, não sei. Foi como eu falei, a tecnologia muda, tudo muda. Por exemplo, pessoas de dez anos atrás jamais pensariam que no futuro as crianças iriam querer trabalhar como webdesigner, que nessa época quase ninguém ligava para sites e não existiam muitos sites. Hoje é uma coisa muito presente. Tem gente que quer trabalhar nessa área .</p>
<p>Reflexão constante vem da cobrança... pressão interna vem da faculdade... você olha, pessoa conseguiu tal coisa, é o meio que você está você quer ver o resultado do que você está fazendo , se vai dar certo na sua vida. Correr atrás para ver se você vai conseguir, não penso num futuro longe, eu penso em algo imediato.</p>
<p>Em casa não falo muito, mas na faculdade tem umas palestras que fazem com que a gente fique pensando. Eu tenho que pensar na minha carreira, eu tenho que pensar no meu futuro. Mas ultimamente não tenho pensado muito, não tenho feito muitos planos. Mas não tem muita coisa que eu pense sobre o futuro, não.</p>
<p>Eu planejo metas, no futuro eu vejo metas a serem atingidas, mas não como ele vai ser antes de chegar lá. Não como eu vou construir.</p>
<p>Futuro – sei lá!!!!!!</p>

Após a organização e sistematização dos pré-indicadores, passamos para a apresentação dos quadros de indicadores. Cabe reiterar que os indicadores são formulados a partir da aglutinação dos pré-indicadores de acordo com o critério de “similaridade, pela complementaridade ou pela contraposição”. (Aguiar e Ozella, 2006:230)

PRÉ-INDICADORES	INDICADORES
<p>1)Fui influenciada pelo meu pai 2) Na minha família, fui meio que influenciada 3) Começaram a falar na minha cabeça 4) Uma vizinha minha falou</p>	<p>1) A influência da família e de outras pessoas significativas no processo de escolha</p>
<p>5) Tanta dúvida do que fazer 6)Por não saber o que queria 7) Mas por eu ser bem indecisa 8) Por eliminação 9)Foi sem querer que entrei aqui 10) Pensar melhor 11) Decidi de última hora</p>	<p>2) Conflito, dúvidas, falta de clareza e indecisão na escolha profissional.</p>

12) Descobrir em mim mesma o que eu gosto 13) Eu não consigo descobrir 14) A minha vocação está mais para a área do marketing 15) Um pouco mais voltado para o que eu tenho aptidão 16) Eu não desisti dessa possibilidade	3) Desejo de descoberta da vocação e da aptidão
17) Pressão da pessoa 18) Pressão da sociedade 19) Essa pressão não me deixa escolher 20) A pressão já restringe 21) Abrir mão de muita coisa que a gente gosta 22) O mundo pede que a gente faça isso	4) Sociedade que pressiona a uma escolha sem liberdade e sem prazer
22) Medo de que eu não consiga fazer o que eu goste 23) Preferiria fazer uma coisa com prazer 24) Fazer por dinheiro 25) Vai ter uma área que eu vou gostar 26) E não daria para fazer o que gosta 27) Fazer alguma coisa que dá dinheiro e dá prazer 28) Isso é bem real 29) Fazer o que gosta depois	5) A difícil realidade em conciliar algo que dê dinheiro e dê prazer
30) Administração 31) Mercado amplo 32) Vários caminhos 33) Leque muito grande 34) Muita oportunidade	6) A administração como possibilidade de inserção no mercado de trabalho
35) Difícil ingressar 36) Não tem isso e aquilo 37) Não tem oportunidade 38) Está cada vez mais competitivo 39) Atualização 40) Empreendedor por necessidade ou abrindo seu próprio negócio 41) Eu não tenho inglês fluente 42) O mercado está se fechando	7) Realidade e exigências do mercado de trabalho
43) Trabalho 44) Sustento 45) Independência 46) Necessidade	8) Os significados do trabalho
53) Diploma 54) Reconhecimento Profissional 55) Ser bom profissional 56) Família 57) Amigos 58) Qualidade de vida 59) Feliz 60) Equilíbrio 61) Trabalhar em uma empresa ótima 62) Trabalhar em um lugar legal 63) Vida afetiva	9) Desejos de futuro: reconhecimento, qualidade de vida e vida afetiva boa.
81) Eu nunca me imagino não tendo sucesso 82) Para ter reconhecimento os outros precisam ver 83) Para você se destacar vai pegando de tudo um pouco 84) Pessoa que é uma referência, é uma pessoa que ganha bem 85) Pessoa bem-sucedida	10) A pessoa bem-sucedida tem destaque, reconhecimento, ganha bem e é uma referência.
64) Procura da vida boa 65) Padrão de vida 66) Classe média 67) Correr atrás 68) Busca total pelo dinheiro	11) Pressão social por um padrão de vida
77) Eu quero comprar um carro, fazer plástica 78) Eu queria por silicone. 79) Eu quero fazer isso e aquilo 80) Eu quero uma república	12) Desejos de consumo e de independência

<p>47)Muita gente consegue fazer intercâmbio, muita gente tem inglês 48)o perfil que as empresas procuram hoje em dia, eles têm 49) têm vários diferenciais 50) E são boas alunas também todas 51) querendo ou não a gente também é uma parte privilegiada da população 52) Colégio Bandeirantes, Agostiniano e Rio Branco.</p>	<p>13) Aluno PUC-SP: corresponde ao perfil de mercado</p>
<p>69)Entrei pelo Prouni 70) Fiz a Prova do ENEM 71) Minha nota ficava mais próxima de ADM aqui na PUC 72) Pela dificuldade que estou tendo em acompanhar o curso 73) Quando você não tem opção nenhuma, como é o meu caso 74) O aluno da PUC pode se dar o luxo de ter bom emprego 75) Outros nem tanto, vai depender do mercado, como é o meu caso 76) Estou falando do aluno olhando de fora</p>	<p>14) Aluno Prouni: dificuldades com o curso e de legitimar o seu espaço como aluno da PUC-SP</p>
<p>86) PUC é um nome forte 87) Uma boa faculdade 88) A PUC é uma referência 89) Aluno da PUC 90) É um diferencial 91)Tem muito destaque</p>	<p>15) A importância do diploma da PUC-SP</p>
<p>92) Malhação 93) Todo mundo bonito lá 94) Você compra aquela idéia 95) Preconceito de pessoas que não sejam tão bonitas assim 96) Eles pedem a beleza 97) A aparência virou um cartão de visita 98) Valores meio idiotas 99) No geral as pessoas são muito fúteis 100) Cultura muito individualista</p>	<p>16) Individualismo e beleza : sociedade narcisista</p>
<p>101) Cobrança por futuro 102) Pensar no futuro 103) Sou cheia de fazer planos 104) Sempre faço e mudo 105)Difícil se imaginar no futuro 106) Muita coisa mudou 107) Como eu vou construir 108) Futuro, sei lá</p>	<p>17) Dificuldades de reflexão e representação sobre o futuro.</p>

De posse de um quadro amplo de indicadores, formulados através da aglutinação dos pré-indicadores, passamos para a terceira etapa do processo. Através da articulação desses indicadores, de acordo com o critério de similaridade, contraposição ou complementaridade, chegamos aos núcleos de significação, já devidamente nomeados, conforme apresentamos no quadro abaixo.

INDICADORES	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
1) A influência da família e de outras pessoas significativas no processo de escolha	1) A escolha de um curso baseada na falta de clareza, indecisão e possibilidade de inserção.
2) Conflitos, dúvidas, falta de clareza e indecisão na escolha profissional	
3) Desejo de descoberta da vocação e da aptidão	
4) Sociedade que pressiona a uma escolha sem liberdade e sem prazer	
5) A difícil realidade em conciliar algo que dê dinheiro e dê prazer	
6) A administração como possibilidade de inserção no mercado de trabalho	
7) Realidade e exigências do mercado de trabalho	2) O diploma como salvaguarda para o desemprego
13) Aluno PUC-SP: corresponde ao perfil de mercado exigido	
10) A pessoa bem-sucedida tem destaque, reconhecimento e é uma referência	
11) A importância do diploma da PUC- SP	
14) Aluno Prouni: dificuldades com o curso e de ocupar o seu espaço como aluno da Universidade	3) As diferentes realidades: aluno Prouni e aluna PUC-SP
10) A pessoa bem-sucedida tem destaque, reconhecimento e é uma referência	
16) Individualismo e beleza: sociedade narcisista	
11) Pressão social por um padrão de vida	
13) Aluno PUC-SP: corresponde ao perfil de mercado exigido	
15) A importância do diploma da PUC-SP	
9) Desejos de futuro: reconhecimento, qualidade de vida, sucesso e vida afetiva boa	4) Desejos de futuro e a não idealização deste: uma dor a ser evitada
8) Os significados do trabalho	
11) Pressão social por um padrão de vida	
17) Dificuldades de reflexão e representação sobre o futuro	

Passamos agora para a análise propriamente dita.

IV.2 - Análise dos Núcleos de Significação

IV.2.1- A escolha de um curso baseada na falta de clareza, indecisão e possibilidade de inserção.

Configuramos esse núcleo de significação baseado nas falas dos jovens pesquisados a respeito do processo de escolha profissional vivido por eles, considerando que esse foi um

conteúdo que emergiu das falas dos alunos com tanta intensidade e frequência que, apesar de nosso foco de pesquisa não se centralizar na problemática da escolha, tornou-se premente uma análise, que tornasse possível maior aproximação dos sentidos que os alunos têm sobre seu projeto de futuro profissional.

A influência da família e de outras pessoas significativas no processo de escolha profissional nos revela o momento inicial do grupo, quando a tônica das apresentações e verbalizações esteve fortemente ancorada na questão da escolha já efetuada e das influências, implícitas ou explícitas, que sofreram nesse momento/processo. Assim, na fala de uma aluna: “Querendo ou não *a família influencia bastante*. Eles já sabem o que é melhor para a gente”, a família aparece como uma instituição que assume uma função auxiliadora/orientadora no processo de escolha do jovem. É como se o jovem, pela confiança, ou mesmo pela qualidade do vínculo estabelecido, validasse todo e qualquer apoio, confiando na experiência vivida e adquirida pelo familiar como uma sabedoria inquestionável, um guia que aponta os caminhos a serem percorridos. Apóiam-se nisso, como uma possibilidade de garantia de menor risco ou maior previsibilidade de acerto.

A influência não aparece como sendo prerrogativa somente da família nuclear, mas também dos tios e outros parentes: “*Cinco tios meus são administradores e alguns trabalham em Banco e na parte financeira de supermercado*. Meu pai é engenheiro. Trabalha na área técnica e administrativa”. Evidencia-se, a partir disso, um fazer referenciado no fazer dos seus familiares.

Verificamos nas falas das alunas que a presença do pai na relação com a escolha é predominante: “Meu nome é D. Eu *fui influenciada pelo meu pai*, porque ele já é administrador”. “Eu sou a S. Fiz dois anos de cursinho. [...] Na verdade, eu queria USP. Estou aqui não porque eu queira, mas porque acabei não passando, daí não ia ficar insistindo. Eu queria fazer Psicologia primeiro, *mas fui influenciada pelo meu pai*.” E, na

fala do aluno, verificamos a influência sofrida por pessoas externas à família: “É , falo que foi sem querer, porque quando fiz a prova do ENEM, eu fiz não porque eu queria, eu fiz porque *uma vizinha* minha falou: faz”.

A ajuda do pai, da mãe e de outras pessoas, como co-autores do seu processo de escolha, faz com que esses jovens tenham a sensação de que não foram autores de suas próprias escolhas ou mesmo a percepção de uma não-escolha, conforme nos apontaram nas falas acima.

Podemos verificar, por meio dos discursos, que é na família que o jovem tende a buscar o primeiro apoio, pois esta se apresenta como provedora de estrutura emocional, afetiva, na transmissão de valores, atitudes e padrão socioeconômico. Ele a vê como um substrato importante em seu projeto de vida e concomitantemente em seu projeto de futuro profissional.

Conforme já falamos anteriormente, e de acordo com a abordagem adotada, a sócio-histórica, compreendemos o indivíduo em relação com a sociedade em um movimento dialético e dinâmico, sendo por esta constituído e constituindo-a ao mesmo tempo. É dentro dessa perspectiva que entendemos o processo de escolha profissional dos jovens, pois segundo os autores da teoria sócio-histórica, “será na vivência da dialética constante da subjetivação e objetivação que o indivíduo irá se constituindo, constituindo também suas formas de pensar, sentir e agir, além de expressar nesse processo suas formas de escolher”. (Aguar, Bock, Ozella, 2001:163)

Portanto, o processo de escolha está intimamente relacionado com os sentidos subjetivos do sujeito, que são ao mesmo tempo únicos e singulares, mas construídos historicamente e constituídos através de múltiplas determinações.

Aguiar (2006), em seu artigo sobre a escolha, afirma que “o sujeito escolhe e que este processo é multideterminado e emocionado”. Para a autora, “a determinação é entendida como elemento essencial e constitutivo do ser e não como relação causa e efeito” (p.15).

A importância dada às influências recebidas da família, amigos e de outras pessoas aponta para certo desconhecimento de si, de suas necessidades e desejos, como também um encobertamento dessas necessidades. Dessa maneira, os jovens, nossos sujeitos, desconsideram suas necessidades historicamente construídas e legitimam suas escolhas apoiados nas necessidades significadas por essas pessoas. Suas necessidades configuram-se para si como esvaziadas e confusas, uma vez que não conseguem ainda nomear suas necessidades e motivos, imprescindíveis à ação da escolha. Assim, o jovem escolhe, mas sem consciência das reais determinações que constituem sua escolha, conforme nos revela esta aluna:

“[...] e porque eu não sabia o que eu queria . Eu pensava... eu sempre pensei na área da saúde: Fisioterapia, Nutrição. Aí eu resolvi fazer cursinho para pensar melhor. Aí no fim do ano, eu pensei assim: *Ah, vou prestar uma da área da saúde e uma de humanas*. Aí eu falei: ADM. Aí, *eu nem pensava em fazer ADM*. Já estava matriculada no curso de Fisioterapia, aí eu passei na PUC. Daí eu comecei a pensar: não vou fazer na PUC, que já estou matriculada, mas aí as pessoas começaram a falar na minha cabeça: - faz ADM. Já estava matriculada em Fisioterapia na UNICID. Aí falaram: não, faz ADM e *começaram a me influenciar*, dizendo que é um mercado maior, *já que eu tenho tanta dúvida do que fazer*, é melhor começar com ADM, aí eu tô aqui.”

Mesmo diante de uma vivência de sofrimento, indecisão, dúvida e confusão, isso não significa que o jovem não fez uma escolha, pois conforme nos elucida Aguiar (2006):

“Segundo Vygotski (1991), o que mais caracteriza o domínio da própria conduta humana é a escolha, e esta é a essência do ato volitivo. Para o autor, falar de escolha significa falar de um processo complexo e fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Assim, coerentes com as proposições do autor, que afirma que a compreensão do homem se dá pela busca da gênese social do individual, se quisermos apreender o processo de escolha, temos que focar as mediações sociais e históricas constitutivas de tal processo e observar como o sujeito configura tais

determinações. A discussão sobre escolha só pode ser enfrentada se situada na trama de um debate que considere o histórico, o social, o ideológico e o subjetivo, como elementos, ao mesmo tempo, diferenciados e inseparáveis”. (p.14)

Ainda de acordo com Aguiar, “as escolhas, assim entendidas, mesmo que com qualidades e com formas diferentes, sempre acontecem”(p.14). O que as diferencia, o que as dimensiona e que dão o tom do processo é a qualidade dessas escolhas: “*Foi por eliminação.* Comecei eliminando Física, Engenharia. Aí, fui eliminando e fiquei entre ADM, Direito e Arquitetura. Daí, como é uma área mais ampla, eu optei pela Administração mesmo.” Podemos verificar através dessa fala, que a escolha

Ainda referente à fala destacada acima, percebemos que a aluna justifica-se quanto ao processo pelo qual tem de passar, ou seja, o da escolha profissional, como uma pessoa indecisa, mas que faz uma opção. O “ser indecisa” revela uma naturalização de que o processo de escolha é um problema, que é um problema do sujeito, portanto individual, é do jovem que tem problemas nessa esfera decisional. E em outra fala também encontramos a expressão dessa naturalização como um problema privado, particular, deslocado da realidade social e de suas determinações: “Eu estava pensando em fazer Biologia, mas aí acabei conversando com meu pai. Ele fez Engenharia. Tenho dois irmãos, um fez Engenharia, outro fez Administração. *Mas eu realmente sou daquele tipo de pessoa que não sabia exatamente o que queria, que falam assim, cabe no meu caso* e acabei vindo para Administração, que é bem amplo e você ainda pode escolher a área que você quer”.

“Pensava Direito ou Arquitetura. *Decidi de última hora*. Em outubro do ano passado. É a área do meu pai, Administrador”. Conforme esse relato verbal, percebemos mais uma vez que os jovens dificilmente se dão conta dos parâmetros/ determinações que constituem seu processo de escolha. A despeito de não termos investigado como foi feita a construção da escolha profissional, sua dimensão histórica e como essa necessidade configurou-se para eles, já que esse não é o foco de nossa pesquisa, tivemos acesso, através de seus relatos e falas, aos fragmentos de momentos de decisão, de dúvidas, angústias e questionamentos, os quais puderam revelar o quanto esses jovens estão atravessados pelo imediatismo da escolha.

Os jovens necessitam, precisam de respostas rápidas, anseiam por elas, como forma de corresponder ao imediatismo a que estão submetidos e que atravessa vários de seus aspectos da vida. Tolerar a incerteza das coisas não formatadas e não delimitadas traz sofrimento, angústia. E diante da pressão por uma decisão imediata fazem opções na tentativa de livrar-se do problema que os incomoda. Faz-se necessário nesse momento resgatar o que foi tratado anteriormente neste trabalho sobre o que a ideologia do mercado e do consumo reproduz, as

complexas características da sociedade contemporânea, e o caráter indutor e supridor que o funcionamento do capitalismo impulsiona, questões essas que, dentre outras, incidem de maneira importante na estruturação da subjetividade dos jovens e que afetam suas maneiras de ser, sentir e agir.

O imediatismo advém da vivência de fluidez, descontinuidade e superficialidade que a nova economia nos impõe. Dessa forma, tanto quanto o conhecimento, as produções culturais e a educação viraram objetos de consumo e mercadorias a serem consumidas e “a ação de escolher se tornou, na sociedade contemporânea, um valor em si mesmo” (Novaes, 2003: 109), uma vez que estamos em um mundo onde a mudança se tornou fator decisivo.

Os jovens sentem a demanda pela escolha como um imperativo a ser cumprido na medida em que se apropriam de tais exigências feitas pela sociedade, pelos pais, e por eles mesmos. Eles sentem a responsabilidade de definir sua identidade profissional na mesma proporção em que a urgência para resultados imediatos, produtividade e lucratividade é colocada em nossa realidade. Realidade esta que também determina histórico-socialmente o período de escolha do jovem, qual seja, após o término do ensino médio.

Mesmo desconhecendo essa determinação, não tendo consciência desse processo, o jovem, principalmente o de classe econômica privilegiada, tem usado como artefato o cursinho pré-vestibular como uma maneira de postergar esse processo, conforme nos aponta uma aluna: “Eu fiz um ano de cursinho depois do colégio e *porque eu não sabia o que eu queria*. Eu pensava... eu sempre pensei na área da saúde: Fisioterapia, Nutrição. Aí eu resolvi *fazer cursinho para pensar melhor*”. Mas do mesmo modo, o espaço de tempo outorgado para o cursinho representa para os jovens a possibilidade de amadurecimento emocional e social e a liberdade de tempo para que a escolha ocorra sem pressão, pois segundo análises bastante difundidas, a permanência dos jovens em seus lares, com suas

famílias, têm sido cada vez maior. Esse fator ocorre principalmente, devido às transformações no mundo do trabalho e nas possibilidades de inserção no mercado.

Os jovens da pesquisa reproduzem, em suas falas, o que o senso comum profere sobre a vocação. Anseiam por descobrir em si mesmo o que gostam, o que desejam, apontando para a idéia de que cada pessoa tem sua inclinação para um determinado tipo de atividade, resta descobri-la. Referem-se aos seus desejos de descoberta da vocação e da aptidão: “Agora eu acho que essa pressão não me deixa escolher, *descobrir em mim mesma* o que eu gosto, *eu não consigo descobrir*”. “Mas talvez um dia *eu me descubra* para fazer outra faculdade, eu não desisti dessa *possibilidade*, mas eu acho que consigo ser feliz na Administração”.

Ao mesmo tempo que esse relato nos traz a idéia de uma procura pela vocação como algo intrínseco ao sujeito, inato, ainda não descoberto, também revela sofrimento, anseio de aproximação de seu desejo. É um relato de alguém que conhece seu desejo, anseia por este e tem, como conseqüência, frustração por não encontrar esse bálsamo que trará sua realização, sua conquista no sentido mais pleno, a felicidade.

Esclarecemos que não compartilhamos com o conceito de vocação como algo preestabelecido desde sempre, pois essa definição não leva em consideração a construção histórica do sujeito e da realidade que está implicada nesse processo.

“Mas mesmo que eu tivesse alguma coisa, uma profissão que eu realmente gostaria muito de seguir. Eu não sei se eu conseguiria *escolher* por ela, porque eu indiretamente *sinto muita pressão*, de que eu preciso ganhar dinheiro. Eu não sei por quê”.

Na afirmação acima, percebemos que o entrave para a escolha não se dá somente por não poder “descobrir o que se gosta”, mas que a possibilidade desse descobrir está atravessado pelas condições da realidade social, compreendida pelo jovem como um impeditivo para a aproximação de seu desejo.

A pressão que o jovem sente vem de todos os lados: “Da *sociedade, da pessoa, de você mesmo* porque você acha que tem que manter o que tem ou até melhorar o seu *padrão de vida*”.

Diante da infinidade de pressões a que está submetido – necessidade de sobrevivência, necessidade de inserção no mercado, pressão por uma atividade profissional que tenha reconhecimento e status, alto grau de exigência e competitividade e pressão por padrão de vida - o jovem vive a sensação de sucumbir diante da realidade que o cerca, ocupando um lugar de sujeito-sujeitado ao movimento desta, carregando consigo um sentimento de impotência e desconsiderando sobremaneira a relação dialética ao se perceber como mero reflexo da sociedade, pois não se vê como um sujeito ativo, gestor da transformação social: “Eu acho assim, que a gente vai ter que *abrir mão* de muita coisa que a gente gosta, porque *o mundo pede* que a gente faça isso”. Essa expressão nos revela o pessimismo e a sujeição do jovem frente a uma realidade ameaçadora e cruel.

Sociedade que pressiona a uma escolha sem liberdade e sem prazer reflete e sintetiza a vivência do jovem submetido a uma pressão social que o impele a escolher entre o prazer e o dinheiro. Assim, ele se vê diante de um dilema de ter que fazer o que gosta, mas sente a pressão pelo dinheiro. E assume essa pressão para s

dinheiro. Mas eu acho que *isso é bem real*". A expressão dessa aluna nos mostra a difícil realidade em conciliar algo que dê dinheiro e dê prazer.

Em suas falas apresentam ressentimento e conformismo: "Tudo bem, você pode não estar na carreira que você ame de paixão. Mas *algum prazer* no que você está fazendo você precisa achar. *Alguma coisa boa* ela tem para te oferecer. *De tudo você pode tirar uma coisa boa*". "Mas eu acho que consigo ser *feliz* na Administração. *Eu vou gostando*, eu vou vendo na prática. *Vai ter uma área que eu vou gostar*". As afirmações acima nos revelam o otimismo velado dos jovens ancorados na adaptação, acomodação e ajustamento frente à realidade escolhida. Ao mesmo tempo que têm essa acomodação, têm insegurança por precisarem se apoiar em uma ilusão para apostar num futuro prazeroso em contraposição à demonstração de falta de prazer que relatam vivenciar agora, flagrante na fala de uma aluna: "Mas eu também preferiria não estar na Administração e *fazer uma coisa com prazer*". Seus projetos ficam norteados por essa realidade, em compasso de espera por uma resposta, a obtenção do prazer.

E a obtenção do prazer que pode deprender do momento fica muitas vezes relegada à própria sorte: "Eu tive *sorte* de fazer um curso que não era o que eu pretendia, mas eu aprendi a gostar". Por meio dessa fala podemos compreender que o fantasma da opção errada se dilui, e o desejo de permanência no curso tem seu lugar assegurado.

A administração, como possibilidade de inserção no mercado de trabalho para esses jovens, está significada tanto pela questão do prazer/ausência de prazer, fazer por dinheiro/fazer o que se gosta, abrir mão de seu sonho, de seus desejos em prol da gratificação financeira, como também pela ilusão de um mercado amplo, generalista, com muitas oportunidades e várias opções oferecidas pela área.

"E acabei vindo para *Administração*, que é bem amplo e você ainda pode escolher a área que você quer." A afirmação dessa aluna nos traz a idéia de desejo mesclado com

ingenuidade, pois se apropria da idéia de que, feita uma primeira opção, o caminho a ser trilhado é mais acessível e com mais possibilidades de escolha real. Apresenta certa dose de ilusão na medida em que crê poder escolher livremente “a área que quer”.

É através dessa fala, nomeada pela aluna como aquela em que tem interesse: “*Administração* você tem *vários ramos*, você vai para o RH. Você pode fazer *alguma coisa ligada com o que você goste*”, que percebemos o quanto sua escolha está ancorada em um futuro imaginário com várias opções, onde aparecem novamente a ilusão e a ingenuidade como substratos importantes para pensar no futuro.

Podemos notar então que o que norteia a escolha profissional desses jovens é a promessa de inserção no mercado de trabalho, onde “unir o útil ao agradável” aparece como uma probabilidade: “Fazer alguma coisa que *dá dinheiro e dá prazer* e *ADM tem um leque muito grande* para isso, porque você pode ir para o RH, Marketing que tem um pouco a ver com Publicidade, que é *a área que eu quero seguir*”. Essa fala nos mostra a tentativa de resgate do desejo, como também o resgate de seus antigos interesses e habilidades, pois essa questão é apontada pelo aluno quando se refere à área de Publicidade e o uso da parte criativa, a qual afirma fazer bem, ter habilidade: “O que eu queria fazer mesmo era Publicidade. Pensei em Publicidade porque na V. [empresa que trabalha], quando estou no ócio, *eu fico criando* figura, logotipo para a empresa e eu *faço direito, faço bem quando faço isso*, entendeu?”.

Mais uma vez podemos analisar a qualidade da escolha desses alunos, que utilizam como critério predominante as oportunidades de trabalho, apropriam-se do funcionamento de nossa sociedade, da nova ordem econômica instituída sem crítica, abdicando de seus sonhos e desejos ou muitas vezes relegando-os a um segundo plano, conforme nos indica a fala dessa aluna: “Você faz Administração. Você tem um tempo razoavelmente bom *e aí você faz o que você gosta depois*”.

Depreendemos do conteúdo desse núcleo que pensar uma escolha é pensar em seu futuro, pois segundo Velho (2004:24), “a noção de que os indivíduos escolhem ou podem escolher é a base, o ponto de partida para se pensar em projeto”.

De olho no futuro, de olho no mercado, é como se o curso de Administração pudesse ser visto como algo que suavizasse o temor dos jovens perante o duro cenário atual, de escassez de empregos, precarização e desemprego. É como se enfrentar a inserção no mercado de trabalho fosse mais fácil através de uma profissão supostamente mais rentável, profissão essa que se enquadra no rol das “profissões do mercado”, como assim são chamados os cursos mais procurados no momento, Administração, Direito, Informática e outras profissões tidas como mais lucrativas e seguras.

IV.2.2- O diploma como salvaguarda para o desemprego

Ao entrar em uma universidade, o aluno busca sentido e continuidade para a sua trajetória de vida, especificamente sua trajetória profissional. O lugar que ocupa agora, de estudante universitário, a despeito da caótica ampliação e conseqüente desvalorização e massificação que o ensino superior sofreu a partir da década de 90, traz-lhe status e prestígio, principalmente por se tratar de uma universidade com a qualidade de ensino, sólida formação e reconhecimento social de que dispõe a PUC-SP.

Ao construir o histórico das universidades em sua pesquisa sobre evasão universitária, Lehman (2005), relata que: “as novas universidades surgiram de forma marcante a partir do final da década de 1980. Sendo que na cidade de São Paulo de 1988 à 1997 houve um crescimento de 250%, totalizando 15 universidades e em 2000 esse número foi ampliado para 20 instituições universitárias”. A autora baseia-se no crescimento educacional universitário em São Paulo, pois segundo ela “a situação do município é o reflexo do que acontece no Brasil”. E complementa com dados do Brasil, onde “o crescimento expressivo deu-se de 1985 a 1990, havendo nesse período de 5 anos um crescimento de 100%. Entre 1990 e 1998 foram

criadas mais 36 universidades particulares, ou seja, entre 1985 e 1998 havia o total de 56 universidades privadas, um salto quantitativo de 280%”. (p.23)

Marcio Pochmann (2004:218) nos afirma a importância da capacitação profissional quando diz: “a maior parte dos jovens procura hoje perseguir o ciclo educacional, postergando o ingresso no mercado de trabalho para depois dos 20 anos, quando se encontra mais preparada para disputar as melhores oportunidades de trabalho e renda”.

A universidade, hoje, como qualquer outro campo da educação formal, está sendo impelida a assumir uma dupla função: a de educar e a de qualificar os profissionais para sua inserção no mercado de trabalho. E os jovens, ao procurar um curso superior, aderem a essa concepção ideológica da qualificação profissional, ao nos apontar que suas motivações e razões para seus estudos estão cada vez mais relacionadas à sua inclusão no sistema econômico. Essa demanda pela qualificação permanente, como já citamos anteriormente, são respostas ou soluções que o capitalismo dá ao desemprego, e aqueles que estão em busca de uma vaga no mercado de trabalho não passam incólumes a esse discurso.

Além do meio acadêmico/educacional, a ilusão da qualificação é também fortemente difundida pela mídia e pelo discurso empresarial ao indivíduo. Conforme nos aponta Heloani e Piolli (2005:207) “a questão da educação aparece, com frequência, ao lado da idéia de aquisição de competências que foram disseminadas pelos esquemas de avaliações individualizadas no âmbito das empresas e de seus novos instrumentos de gestão de pessoas”.

A realidade e as exigências do mercado de trabalho trazem angústia e ansiedade para os jovens, tal como podemos observar em suas falas: “Cada vez mais está ficando mais *difícil ingressar* no mercado de trabalho”. “Acho que está ficando cada vez mais *competitivo* o mercado hoje” “*Você não tem isso, não tem aquilo*. O que eles querem também, além da *experiência*, eles *querem também muita coisa*”.

Esses jovens se deparam com as barreiras que podem vir a enfrentar, mas, por serem alunos que estão no início do curso universitário e, portanto, ainda distantes de se inserirem no mercado de trabalho, traduzem pouco essas dificuldades futuras para o presente, na medida em que as generalizam e muitas vezes não conseguem nomeá-las, tal como nos desvelam suas falas acima.

Por outro lado, outros jovens nomeiam suas demandas de qualificação: “Querem *inglês, informática*. Tem gente que já tem, mas quem não tem já fica para trás” “Querendo ou não, *muita gente consegue fazer intercâmbio, muita gente tem inglês* e quem não tiver vai ficar um pouquinho abaixo, sabe”.

Mesmo nomeando-as e relacionando-as com sua área de trabalho, a administração, sabem que a qualificação é um imperativo a enfrentar, algo que a realidade naturalizou. E sem o conhecimento de seu caráter histórico e político, os jovens não a questionam e não têm consciência do quanto esse imperativo responde ideologicamente às demandas das forças produtivas que regem nosso mercado.

Mais uma vez, vale ressaltar que os jovens têm noção da infinitude da demanda de conhecimento e de atualização a que estão sujeitos: “***O mercado está fechando***. Antigamente bastava só ter faculdade, você tinha um emprego bom. Hoje não, você tem que ter faculdade, a melhor. Quanto melhor a faculdade, mais chance de emprego. Agora chegou ao ponto de ter duas faculdades. Faculdade e uma pós. Logo, logo, você vai ter que ter faculdade, pós e doutorado, e daqui a pouco MBA. Aí vai chegar a um ponto que você vai desistir. Aí vai para o meio da floresta e pronto, aqui tem fogo e água”. Nessa busca desmedida e exaustiva pela formação permanente permeiam sentimentos de pessimismo e descrédito ao se perceberem sempre aquém do que é exigido pelo mercado.

De acordo com Heloani e Piolli, essas tendências educacionais “não nos permitem dizer que existem elementos que comprovem o discurso da “valorização da educação”, ou

seja, de que a elevação da escolaridade possa contribuir diretamente para a melhoria dos rendimentos ou mesmo que venha a garantir a empregabilidade dos trabalhadores” (2005:208). Mesmo assim, ocorre um círculo vicioso, pois não se assegura garantia para o mercado, mas quem não se atualiza também está fadado ao anonimato e à exclusão: “Você tem que estar se *atualizando*, tem que estar estudando. Algo *positivo* para você. Mas também pode ser algo *negativo*, porque você *precisa de atualização* e se você estiver um pouco *desatualizado* você perde a sua vaga”.

Adquirir cada vez mais competências, estar cada vez mais apto para responder às forças do mercado, faz com que esses alunos também se preocupem, além da competência técnica exigida, com as competências atitudinais: boa comunicação (falar em público), bom relacionamento interpessoal, espírito de empreendedorismo, capacidade para o trabalho em equipe, aptidão para liderança, marketing pessoal e persuasão, sendo estas últimas, a persuasão e o marketing pessoal, habilidades intensamente valorizadas no mercado de trabalho, já que são idealizadas como sendo as habilidades que pertencem ao profissional bem-sucedido.

“Agora a maior parte *não tem oportunidade*. Vai da *sorte*.” Essa frase ilustra bem a questão da escassez de empregos na era globalizada, onde o indivíduo se depara com as limitações do mercado e suas especificidades. Até algumas décadas atrás, havia uma maior sincronia entre a formação educacional ou universitária e as demandas do mercado. De acordo com Dubar (2001), ocorria uma passagem pré-programada e a categoria inserção não era historicamente pertinente. Assim, nas palavras do autor:

“O *dever de inserir-se* na tentativa de encontrar trabalho, uma vez finda a escola ou a universidade, não é de modo algum um dado natural que tenha sempre existido. Ao contrário, é uma exigência relativamente recente, na França, como alhures. Mesmo a palavra inserção (tanto quanto transição, empregada em outras realidades) é utilizada nesse sentido há pouco tempo, o mesmo acontecendo com a inserção dos jovens que só se tornou um problema social e um objeto de políticas, na França, há não mais que um quarto de século aproximadamente” (Dubar, 2001:112 apud Guimarães, 2005:154)

Essa realidade se modifica e a inserção aleatória (palavras de Dubar), outro produto histórico, assume o lugar da inserção que ocorria naturalmente.

“Outra coisa também é que cada vez mais não tem mais aquele funcionário que tem sua *carteira assinada* ou sempre tem que estar se tornando um *empreendedor por necessidade* ou abrindo um negócio próprio para ter seu *emprego*.” Através dessa expressão um tanto confusa verificamos que a idéia da precarização, mesmo que conhecida de modo superficial, encontra-se presente. O empreendedorismo, outro credo ideológico, que “vende” ao indivíduo a idéia de que pode ter o seu próprio negócio, está a serviço de mais uma ilusão disseminada ao trabalhador que não tem seu lugar assegurado no mercado.

E a realidade que se impõe, a realidade a ser enfrentada, é a da competitividade:

“Ah, então eu vou evoluir nesse inglês para poder ter uma *competição, para conseguir ganhar*”. A competitividade já se faz perceber, mesmo que de maneira mais insidiosa, sobre os estudantes. Os estilos de vida competitivos e o apelo ao sucesso econômico traduzem a realidade que lhes é impingida, ou mesmo duramente determinada.

As imagens publicitárias que fazem parte de nosso cotidiano, com seus efeitos de sedução e persuasão, detalhadamente estudados para atingir o comportamento do consumidor, corroboram o sucesso. São comerciais que prometem poder, status, triunfo individual, beleza, realização pessoal e profissional ao indivíduo, ou qualquer outro bem simbólico que seja conveniente vender.

Podemos citar como exemplo de propaganda na mídia, os anúncios publicitários de muitas universidades que tentam seduzir os jovens com o slogan de que ele pode ser um vencedor. O que se vende através do discurso ideológico do vencedor é o conhecimento, que se transformou em um valor de nossa época, uma mercadoria, que, se consumida leva ao topo, ao tão almejado sucesso financeiro.

Em uma combinação entre desejo, insegurança, dúvida, falta de orientação e um rosto que sinaliza uma eterna interrogação, falta de projeto e da direção a seguir, uma universidade veicula um anúncio que mostra uma moça com todos esses requisitos citados acima, no metrô. Ela põe-se a refletir e articula frases como: “não dá mais para esperar, eu sei que preciso entrar em uma faculdade ainda esse ano, vai ser bom para mim. Será que eu consigo?” [...] Nesse momento aproxima-se dela uma pessoa mais velha, mais experiente e conhecida no meio esportivo por ter adquirido reconhecimento e destaque como técnico da seleção brasileira de vôlei. E com uma postura de vencedor, ou seja, alguém com voz firme, decidida, segura, punhos e mãos cerradas e com olhar de determinação, lhe diz: “Você está louca? Está pensando o quê da vida? Você é uma batalhadora, uma vencedora. Você nasceu para vencer. Vai estudar sim. Vai passar de ano. Vai entrar na universidade. Vai vencer na vida”. Nesse momento outra voz profere mais dizeres apoiados na motivação como forma de seduzir os jovens, tais como: “Se você entende tudo isso, você também é da geração X, que é aquela que tem meta, tem sonho, tem ideal, que quer entrar na faculdade para crescer na vida e vencer na carreira. [...]”.

São ilusões a serviço somente do marketing, da venda, e do tão acirrado mercado de ensino superior privado, visto que, obviamente, seu intuito é conquistar futuros consumidores de seu produto, muitas vezes de qualidade duvidosa, cujo ensino desconsidera totalmente a realidade em que nos encontramos, de forte restrição do mercado de trabalho.

O que se espera então do indivíduo nessa ideologia neoliberal é que ele se torne um profissional bem-sucedido e que por isso obtenha uma avaliação positiva de seus pares: “Acho que *reconhecimento*, para ser reconhecido, os outros precisam ver. Só que para você *ter reconhecimento*, os outros precisam enxergar isso também. Eu acho que o *reconhecimento*, além de você ver que você se *destacou*, você conseguiu *se superar*, fazer algo a mais. Você precisa também que os outros vejam. É como um estímulo para você continuar evoluindo.”

“Eu acho que *o sucesso está muito ligado aos outros*. Você não vai ter muito sucesso sozinha. Para você ter sucesso, os outros precisam saber, entendeu? Vemos que tal ideologia desvaloriza a importância da realização/satisfação interna do sujeito na medida em que o reconhecimento depende do outro, precisa ser referendado por este. É quase que atrelar o estar no mundo a essa dependência do outro, pois o indivíduo hoje é reconhecido pela posição social de sua atividade profissional.

A ideologia do sucesso está impregnada no comportamento e em suas aspirações, pois na fala dessa aluna, essa ideologia constitui sua maneira de ser, de pensar e de sentir, como também constitui a maneira como se projeta no futuro, ou seja, tendo sucesso. Nega o “não alcançar sucesso”, pois esse representa quase um não pertencimento ao mundo em que vive: “Eu imagino o *sucesso*. E a primeira coisa que me vem, eu nunca me imagino não tendo *sucesso*”.

O destaque, o reconhecimento e a superação em relação aos outros são palavras frequentes: “Eu vou tá sempre tendo que me renovar e me *destacar* em relação aos outros. Eu acho que esse destaque a gente só vai conseguindo vivendo, porque é assim, *para você se destacar, você vai pegando de tudo um pouco* para você conseguir formar uma coisa, entendeu? Que depois *no final vai dar uma coisa muito boa, que sou eu*”. Na expressão dessa aluna, podemos verificar que ela vai se constituindo de coisas boas, mesmo que não saiba quais são, pois são genéricas, intangíveis, mas sabe o que deseja e o que visualiza para si: “ser uma coisa boa”, aquela que é sempre a superação do outro, que é melhor que o outro. E o outro que povoa sua mente existe para ser superado, ultrapassado e deixado para trás. Em nenhum momento, ele aparece como parceiro, como alguém que se pode trocar, que se pode aprender, com que se pode contar. Superar o outro, chegar lá e vencer, são expressões de valores e estilos de vida do sujeito deste momento, que assume um conjunto de pressupostos estereotipados e idealizados para nortear seus projetos de futuro. Vemos que há para o sujeito

uma contradição na relação com esse “outro”, pois ao mesmo tempo que ele precisa desse outro para ser o “expectador” de seu sucesso, que o reconheça nesse papel, esse outro também é alguém para ser deixado para trás, ou melhor, é um outro que sempre serve para ser usado em benefício próprio, reforçando a constante volta para si, o individualismo.

Mas o que é uma pessoa bem-sucedida para esses jovens?

“Uma *pessoa boa naquilo que ela faz*, indiscutível e ela prova que é boa. Uma pessoa *competente*”. “Uma pessoa que é uma *referência* no meio em que ela trabalha e uma pessoa que *ganha bem* na profissão que exerce, entendeu. Porque toda profissão existe o mínimo e máximo que você deve ganhar depois de formado. Ela está perto do máximo ali.” Mostrar competência naquilo que faz, ganhar bem e tornar-se uma referência faz parte da imagem do profissional bem-sucedido.

Por outro lado, ser bem-sucedido e ter sucesso não significa satisfação interna: “E *bem-sucedida*, que tenha *sucesso* naquilo que ela faça. Mas ter sucesso não significa que *ela tenha prazer*”. Mais uma vez aparece em suas falas o temor de não ter prazer, aparece a impossibilidade de conciliar realização pessoal com a vida profissional, conciliar prazer e trabalho em que ganhe dinheiro.

Mas mesmo temendo o “não prazer” no futuro, os jovens, sujeitos de nossa pesquisa, apostam no diploma universitário como a via pela qual irão obter sua ascensão social. “Eu imagino o sucesso, porque se eu estou aqui é porque eu acredito, entendeu. *Eu acredito no nome*. Eu não tô fazendo *PUC* porque eu não acredito. Eu tô fazendo aqui porque é um curso diferente. Tem essa coisa mais humana, entendeu. Quem está fazendo Administração agora na PUC, eu acho que tem muito *destaque*”. “Eu acho assim, que no final, quando estiver no finalzinho, quando já estiver formada, a gente vai ter muita oportunidade. Querendo ou não, sabe, aquela coisa. *Uma boa faculdade, tem nome*. Sabe, não adianta só ter o nome da faculdade, entendeu. Mas querendo ou não, já é *um diferencial*”.

A valorização do diploma torna-se uma condição essencial, já que o conhecimento é visto como a mola propulsora na conquista de seu projeto de futuro profissional.

Nos discursos dos nossos alunos, percebemos que o diploma da PUC-SP está a serviço de assegurar-lhes um posto de trabalho no mercado, uma salvação para a incerteza do futuro ou mesmo para a possibilidade do desemprego. “[...] porque se eu falar o aluno da *PUC*, estou falando dos alunos em geral. “O *aluno da PUC*, ele pode sair sabendo que vai ter um emprego” “*Nenhuma empresa fecha a porta para a PUC* assim. Qualquer uma que tiver um número assim, que só quero essa faculdade, a PUC vai estar ali no meio. *A PUC é uma referência*, entendeu?”.

Percebemos pelos seus discursos de valorização do diploma que essa imagem otimista de apego ao prestígio da universidade, essa ilusão, está a serviço de um mecanismo que os defende, que os protege do fantasma do desemprego. Assim, negam o problema e este passa a não fazer parte de suas aflições, diferentemente de todos aqueles que se angustiam com o problema do desemprego e que dependem do emprego ou trabalho como meio de subsistência. É como se a ilusão da obtenção do diploma em uma instituição reconhecida os deixasse muito próximos da concretização de seus desejos de futuro profissional.

Podemos então verificar como seus projetos de futuro estão atravessados por uma ideologia neoliberal que prega que só têm lugar os vencedores. Uma sociedade que restringe o lugar das pessoas em uma dualidade: ou se tem sucesso, ou se tem fracasso. O fracasso nessa realidade é visto como estritamente pessoal, é culpa do indivíduo que não conseguiu superar suas dificuldades ou mesmo não possui as competências necessárias que o mercado exige. Portanto, podemos afirmar que a ideologia é um dos determinantes fundamentais no processo de constituição do jovem na sociedade.

IV.2.3- As diferentes realidades: aluno Prouni e alunas PUC-SP

Nossa intenção com esse núcleo de significação é traçar um paralelo entre nossos sujeitos, aluno Prouni e alunas PUC-SP, que se encontram, no momento, diante da mesma realidade, ou seja, alunos de Administração da PUC-SP e suas significações frente a esse contexto, que se configura como constitutivo de suas subjetividades e de seus projetos de futuro.

Para melhor compreensão desse processo de constituição recorreremos ao material da pesquisa obtido, que nos ilustra as diferentes realidades de nossos sujeitos.

O indicador que trata do aluno Prouni nos mostra, mesmo que de forma superficial, uma vez que não tínhamos a pretensão de desvelar toda a construção de sua trajetória anterior, a maneira como esse aluno chegou à referida universidade, o que já nos desvenda sutilezas de sua forma de pensar, sentir e agir.

“Não queria, foi sem querer que entrei, porque é assim [...] Eu sou de família humilde e *entrei pelo Prouni*. Quando você *não tem opção nenhuma como é meu caso*, eu não podia exigir do mercado uma área que necessitasse de uma formação específica, eu tenho que aceitar o que foi proposto.” O aluno mostra-se como um sujeito conformado com a sua situação, quase como se não tivesse possibilidades de escolha perante as escassas oportunidades que lhes são oferecidas.

O lugar que ocupa não lhe é legítimo, não lhe pertence, causa-lhe certo estranhamento: “Eu acho que quando sair daqui, por mais pessimista que seja, *eu acho que o aluno da PUC* hoje pode se dar o luxo de saber que vai ter um bom emprego. Outros nem tanto, vai depender do mercado, como é o meu caso”. Ao se expressar, notamos na fala de R. uma contradição, pois o aluno a que se refere não é ele. O aluno a que se refere é o que tem o perfil aluno PUC-SP, que possui uma condição socioeconômica favorecida, conforme ele mesmo explicita: “*Estou falando do aluno olhando de fora*”. Ou seja, o aluno de uma universidade

particular, com mensalidades caras a que só uma pequena parcela da população tem acesso. E mais do que isso, revela um estilo de vida: “Eu conheço, pelo que aprendi da Administração, *o perfil que as empresas procuram hoje em dia, eles têm*. A maioria já tem intercâmbio, *já têm vários diferenciais*. E são boas alunas também, todas”. Essa frase também expressa o quanto sua condição de vida, sua história de vida se torna determinante no lugar que ocupa na sociedade hoje e que ocupará em sua perspectiva futura.

Ao falar de si, também expressa o estilo dos seus colegas: “Mas não pretendo ser daquelas pessoas que andam de helicóptero e que todas as férias de final de ano têm que ir para um país diferente ou chegar a esse ponto, mas só melhorar um pouco”.

A fala desta aluna igualmente explicita o perfil dos alunos PUC-SP não bolsistas. Aqui estão expressos alguns dos requisitos tão difundidos pelo mercado, principalmente no que diz respeito à carreira de administração de empresas: “Vou voltar para o *inglês*, que querendo ou não é essencial, eu também *estou programando um intercâmbio*, que querendo ou não nas empresas grandes eles querem essa vivência, essa experiência de ficar um pouco independente”.

Diferentemente das possibilidades dessa aluna, o aluno Prouni, visualizando o lugar que lhe cabe na estrutura econômica de empregos, sente-se em desvantagem em inúmeras posições: quanto ao seu capital cultural social, que dificulta sua aprendizagem no curso de Administração, quanto a sua condição socioeconômica não favorecedora de desenvolvimento de competências tais como curso de línguas, informática, intercâmbio, como também crescimento cultural: “Não, se eu soubesse o que aconteceu, que eu teria dificuldade, com o risco de pegar DP. Eu teria escolhido um curso que talvez fosse a minha cara para *não ter problemas com notas*, enfim. É só por isso mesmo, por causa da dificuldade que eu pensei, *pela dificuldade que eu estou tendo em acompanhar* [o curso], por eu não conseguir, *eu não estou tendo aquele prazer suficiente para motivar a estudar e superar as dificuldades*. Acho

que as dificuldades a gente supera quando a gente está a fim de dar continuidade, a gente tem que... *se é o que eu gosto a gente se mata e vence*, entendeu?”. Através dessa fala, percebemos o quanto R. idealiza que se tivesse feito outra opção, onde ter prazer em “fazer o que se gosta”, seria uma fonte de motivação para suplantar as dificuldades com mais facilidade. Ele não consegue discriminar e até demonstra certa ingenuidade em achar que as dificuldades que está tendo em acompanhar o curso estão no próprio curso e não em suas condições socioeconômicas, educacionais e culturais que o constituíram até o momento. Dessa forma, ele não se apropria da complexidade da situação e das mediações que a constituem.

Ao assumir a posição “*se é o que eu gosto a gente se mata e vence*”, R. nos revela uma percepção ideologizada de si mesmo. Essa visão ideológica está em consonância com a visão liberal de homem, pois conforme nos aponta Bock (1999): “nesta concepção há, efetivamente, a crença de que a vontade é suficiente [...]” (p.12). “[...]e está afinada com a idéia do Barão de Münchhausen: o homem e suas ações dependem do próprio homem, de seu esforço e vontade” (p.14) Assim, R. se apropria dessa significação social, fruto de uma concepção neoliberal, como se essa condição de esforço e vontade fossem suficientes para superar suas dificuldades. E ao idealizar um outro curso na própria PUC, que fosse “sua cara”, ele trata esse outro curso qual um estímulo que pudesse sobrepor a toda base material que o constitui, como se tivesse o poder de anular todas as outras determinações históricas (aluno de escola pública, sem intercâmbio nem inglês, etc.). Dessa forma, acaba se descolando um pouco de suas condições materiais de vida, esquecendo que essa marca social, econômica e cultural o acompanha. Não estamos querendo dizer com isso que o indivíduo não se desenvolve e que está predestinado a permanecer sempre em sua condição de origem, mas no discurso e comportamento de R. percebemos que essa é uma marca que o constituiu, e o

constitui em sua vivência atual e em suas relações sociais. Uma marca que para ele ecoa como intransponível e determinante em sua vida.

Os significados sociais nos apontam valores e padrões, ou seja, estão sempre ligados a uma situação no mundo social, portanto são históricos, são instituídos e têm certo movimento. Em seu artigo sobre Psicologia, Ives Clot (2006) recorre a Bakhtin para a discussão sobre a teoria da significação em Vigotski e Leontiev. Para Clot, os significados sociais são equivalentes aos gêneros do discurso “que são as falas sociais em uso numa situação, que nos são quase dados, assim como nos é dada a língua materna. Os gêneros organizam nossa fala, assim como as formas gramaticais [...],um gênero está sempre ligado a uma situação no mundo social” (2006:223/224). E é através da apropriação dos significados que o sujeito conceitua sua visão de mundo e constrói sua realidade social, como também por esta é construído. Os significados para ele implicam um inacabamento, na medida em que os sujeitos colocam algo seu e implicam também uma “arena de conflitos” para a significação das palavras, já que essas, apesar de serem unas, são também conflituosas, dinâmicas, históricas e constituídas em espaços específicos. Assim, “a palavra escreve Bakhtin, não esquece nunca seu trajeto, não pode se desembaraçar inteiramente dos contextos concretos de que faz parte”.

Dessa forma, os significados e sentidos que R. nos revela a partir de suas vivências levam a marca das situações particulares que os constituem, ou seja, se formam a partir de um gênero de discurso. Através do relato sobre sua condição socioeconômica desfavorável, a qual traz em suas contradições constitutivas significações carregadas de valores, vemos que R. se apropria dos gêneros de discurso para constituir seu modo de ser. Esse processo é que vai gestar os sentimentos que R. nos revela, sentimentos de inferioridade e desvalia, por não possuir uma boa formação educacional: “Não sei, mas eu não tenho inglês. Eu comecei agora na faculdade. Minha mãe tinha uma cabeça meio assim (mostra com as mãos paralelas ao

rosto, dando a entender que a mãe tinha uma visão muito fechada, restrita das coisas). Ela achava que o inglês era supérfluo, era coisa fútil. Aí eu fui fazer agora. Não adianta agora, eu no segundo ano da faculdade ter um estágio bom, que eu não tenho inglês fluente ou pelo menos intermediário. Até lá eu ainda não vou ter [...]”. Podemos analisar que as palavras “curso de inglês” foram significadas pela sua mãe diferentemente de como foram significadas por ele. O próprio significado social do que é estudar inglês surge para ele de outra forma, em outro contexto, em outro “gênero de discurso” muito diferente da mãe. E vai desse modo, também adquirir outro sentido. Fica evidente pelo relato de R. o quanto fazer inglês não fazia parte de seu contexto sociocultural. Porém, agora, em outro momento de sua vida e em contato com contextos diferentes do seu de origem, os significados sociais de fazer um curso de inglês são apropriados por ele com toda força, carregados dos valores das classes médias e altas.

R., em sua história, circula tanto por grupos sociais com maior poder aquisitivo como com menor poder aquisitivo, e assim por espaços que produzem significações diferentes. Essa condição é constitutiva de sua subjetividade, dos sentidos que vai produzir.

Os significados sociais do que é fazer um curso de inglês são diferentes nos dois grupos. Ele vai formar seus sentidos a partir de sua subjetividade historicamente constituída, que seguramente contém esses elementos. Torna-se importante destacar, aqui, que os significados são a matéria prima para a constituição dos sentidos que, por sua vez, vão constituir significados.

Portanto, depreendemos que os significados sociais são as mediações particulares que vão sendo apropriadas pelos sujeitos, na atividade social. Elas têm caráter social, genérico, instituído, mas se particularizam nas condições concretas de vida, em grupos sociais específicos.

R. ainda nos revela sentimentos de descrédito quanto à possibilidade de reverter sua situação: “E quando a pessoa vai ver lá, (e pergunta) que escola você estudou? E. E. Domnigos L. *Então esse E. E já mata, escola estadual*”. E R. entra em desvantagem competitiva quando diz: “É, mas mesmo no futuro, quando eu tiver PUC. Ah, legal, você tem PUC, mas eu tenho PUC e *Colégio Bandeirantes, Agostiniano, Rio Branco*”. Nesse sentido, R. se vê fadado, pela sua condição de origem, a ocupar definitivamente espaços inferiores na escala de trabalho. Apesar do ressentimento que apresenta ao falar sobre isso, também se resigna a isso.

Por outro lado, R. tira proveito desse papel em suas relações sociais e no espaço que ocupa na PUC, pois ao se apresentar como um despossuído, que vem de família humilde, um “coitado” que recebeu a dádiva de estudar em uma universidade reconhecida, ele se apropria desse papel de desvantagem para obter destaque na universidade, para obter vantagem, conforme verificamos em sua fala: “Me chamam de V. Me habituei, já. Não sou eu que me apelidei (sic). Me apelidaram. (R. refere-se à seu apelido, que recebeu na faculdade e que é o nome da empresa em que trabalha) Trabalho na V. *É uma referência. Como é um trabalho braçal, ficou uma referência*”.

Podemos apreender através das manifestações de sua subjetividade, a que tivemos acesso por meio de seus discursos, o quanto essa subjetividade é contraditória e o quanto os sentidos gestados são constituídos por tais contradições. Isto se evidencia, pois, ao mesmo tempo que R. se apropria de suas determinações de maneira crítica e clareza (sua desvantagem), ele também é atravessado pelos princípios neoliberais do esforço próprio e da motivação interna como salvadoras. Portanto, os sentidos que ele vai atribuir ao futuro vão ser atravessados por essa contradição. Assim, ele projeta seu futuro como alguém deliberadamente em desvantagem, apropriando-se disso quase como uma verdade absoluta,

como uma dificuldade não passível de ser transponível. E é assim que ele significa, é assim que ele transforma em pessoal esses significados sociais.

Entendemos essa transformação do social em pessoal seguindo a linha de pensamento de Yves Clot (2006), segundo o qual:

“o desenvolvimento psicológico não é apenas a internalização dos instrumentos sociais, dado que é, ao mesmo tempo, externalização do pensamento pessoal vivo. O conceito de apropriação dá conta, de maneira adequada, desse processo, freqüentemente mal descrito pela noção de interiorização. O que o sujeito aprende só é verdadeiramente apropriado por ele quando o objeto da aprendizagem é subvertido, a fim de se tornar um meio a serviço de sua atividade vital: os instrumentos sociais são apropriados por ele, quando são apropriados para ele”. (p.221)

Constatamos, então, que os alunos se apropriam da realidade de maneira diferente, dependendo de suas histórias de vida e do contexto no qual estão inseridos, constituindo em próprios os modos de pensar, sentir e agir de seu meio social.

Já as alunas PUC-SP apresentam uma realidade diferente de R., ilustrada nas seguintes falas: “Porque nós temos um padrão de vida bom, a gente nunca vai querer piorar. A gente está sempre pensando para frente e *querendo ou não a gente também é uma parte privilegiada da população.*” “Futuro? Mesma coisa. Família, trabalhar em *lugar legal, ter um padrão de vida como eu tenho hoje, ou melhor* [...]”. Percebemos aqui também um movimento similar ao de R ou seja, o quanto suas condições de vida dão sentido às suas aspirações de futuro. Para essas alunas, a pretensão quanto à perspectiva futura foca-se na “manutenção de seus privilégios e de seu padrão de vida familiar, coisa que segundo a ideologia só pode ser obtida de forma individual” (Bock, 2002:165). Pelas suas falas podemos apreender o que desejam, mas também apreender seus temores de não conseguir alcançar o padrão almejado, pois de acordo com autores que se dedicam ao estudo de economia, trabalho e renda, os jovens não estão conseguindo atingir o padrão financeiro de seus pais. Sendo assim, de acordo com Pochmann (2004:223), “Na maior parte das vezes, os jovens não conseguem obter condições de vida e trabalho superiores à de seus pais, mesmo possuindo

níveis de escolaridade e formação profissional superiores. Quando muito, registra-se imobilidade social, mas a regressão intergeracional no trabalho está se tornando comum, sobretudo no rendimento”.

O dinheiro é uma palavra recorrente no discurso dos jovens. Seu modo de vida atual está profundamente atravessado pelos significados sociais que imperam na sociedade, quais sejam, os valores de dinheiro, status, reconhecimento e poder: “No meu futuro, eu não sei onde eu quero trabalhar ao certo, né. Eu acho que numa empresa grande, não sei se hotel, banco... que meu trabalho seja reconhecido e que com o maior reconhecimento do meu trabalho, eu consiga ter *uma vida boa, tenha dinheiro*”.

“Porque tudo agora, querendo ou não é na base da *procura do dinheiro*, na *procura da vida boa*. Todo mundo tá procurando isso, agora”. Constatamos por meio da afirmação dessa aluna que o que os jovens anseiam hoje em dia é ganhar dinheiro, distinguindo-se historicamente de outras gerações, como por exemplo, a geração dos anos 60, que valorizava a revolução sexual, a liberdade e a contracultura, que tinha como ideal contestar o mundo, preocupando-se com a qualidade de vida em oposição ao acúmulo de bens materiais.

“Olha, eu sou muito *ligada a coisa material e a dinheiro*”. Percebemos por essa afirmação que a forma como nosso sujeito se constitui na sociedade contemporânea é mediada pelo apego ao materialismo, e o consumismo, por sua vez, é a via de acesso aos bens materiais. O sentido que ela (a aluna) dá ao trabalho relaciona-se cada vez mais à sua disposição em aumentar seu poder aquisitivo, logo, mais consumo, logo possibilidade de realização de desejos: “*Eu quero* comprar carro, *eu quero* fazer plástica (aluna ri). Mas de onde eu vou tirar tanto dinheiro? Aí eu fico calculando [...] Eu queria pôr silicone, que eu acho o máximo (risos). Só que aí já vai muito dinheiro. Meu pai acha fútil. Ele não quer pagar. *Então, eu vou ter que pagar*”.

O consumo tem como substrato o prazer em possuir objetos. Nessa busca pelo prazer, pela satisfação de desejos, o que se espera é a realização, a satisfação pessoal, em suma, a busca da felicidade. Conforme nos aponta Costa (2004:84), “são nossos ideais de felicidade que nos empurram para a aquisição permanente de objetos que, ao ser adquiridos, já portam o signo da obsolescência”.

De acordo com Costa (2004) “[...] a atitude consumista não depende do nível de renda. É uma atitude diante da vida, e, por conseguinte, diante dos objetos que se pode possuir”. E os objetos de consumo hierarquizam o indivíduo em sua escala social, pois “o aparato de objetos caros e elegantes é o signo, por excelência, da distinção social de seus possuidores” (p.80/84). Já Kehl (2004) assinala que “a associação entre juventude e consumo favoreceu o florescimento de uma cultura adolescente altamente hedonista”.

A busca do prazer através do consumo é volátil, visto que as necessidades se configuram em um movimento passageiro, de sensação imediata. Desse modo, os jovens ambicionam tudo o que é necessário para prover seus desejos e se sujeitam ao imperativo do mercado, sem perceber que o estão reproduzindo, em uma profusão de desejos sem fim, alimentados pela própria sociedade e pela mídia: “*Eu quero* fazer muita coisa. *Eu quero* fazer isso. *Eu quero* fazer aquilo”. Nessa fala, fica caracterizado o desejo, o desejo voltado para si, mesmo que seja um desejo ainda não conhecido, não construído. É essa realidade social e histórica na qual o sujeito está inserido que respalda o individualismo, a pensar em si em detrimento do coletivo.

“É que as pessoas hoje em dia têm uns *valores meio idiotas* até. Não sei. Homem só preocupado com futebol, com time. Só sabem falar sobre isso. Mulher só sabe falar de roupa, de moda. As pessoas, elas dão prioridade a umas coisas muito idiotas assim, elas esquecem da realidade. O que eu vejo que *no geral as pessoas são muito fúteis*”. Apesar do tom crítico que essa aluna se utiliza ao questionar a realidade em que vive e que a constitui, de mostrar

consciência perante os valores superficiais que a sociedade induz, ela igualmente revela uma contradição, pois ao mesmo tempo que a critica, ela a adota como modelo para si (quero isso, quero aquilo).

Já para R., suas significações acerca dos valores da sociedade diferem das significações citadas pela aluna. Suas críticas são mais aguçadas e profundas sobre a realidade em que vive e que o constitui: “Isso vem da própria sociedade, porque assim, como você quer se casar como uma pessoa bonita, *você também quer que as pessoas que te cercem sejam bonitas*. Eu quero namorar uma pessoa bonita. Todo mundo quer pessoas bonitas a sua volta e no trabalho também. Quer tirar uma foto para por no orkut. Aí tem lá a galera, todo mundo bonito assim. Chama atenção. Você vê, que nem Malhação. *MfMcfHw□□e□b-SxegNâÉx g“ó-âH-N*

“A juventude não é uma idade e sim uma estética da vida cotidiana”[...] Hoje a juventude é mais prestigiosa do que nunca , como convém às culturas que passaram pela desestabilização dos princípios hierárquicos. A infância já não proporciona uma base adequada para as ilusões de felicidade, supressão tranquilizadora da sexualidade ou inocência. A categoria de “jovem”, por sua vez, garante um outro set de ilusões com a vantagem de trazer à cena a sexualidade e ao mesmo tempo, desvencilhar-se mais livremente de suas obrigações adultas [...] Assim, a juventude é um território onde todos querem viver indefinidamente.” (p. 36/39)

Através das falas dessa aluna apreendemos outra contradição que a sociedade impõe aos indivíduos: “Então você tem que *ir atrás*, que eu vou *ter que correr* para conseguir, entendeu”. “Mas, é o que eu falei, tem que *correr atrás* e não ficar acomodado”. A expressão “correr atrás” sintetiza toda a ansiedade a que ess

buscar espaços para reflexões e pensar sobre a construção desse futuro não é tarefa fácil. Olhar para o futuro para questioná-lo, antecipá-lo, fazer planos e projetos para alcançá-lo ainda não constitui parte do processo. Não demonstram mobilização em direção à concretização de tais sonhos, somente os expressam.

Cabe ressaltar, porém, que quando questionados sobre seu futuro profissional, os alunos não se limitaram a responder somente sobre o profissional, pois na sua visão de futuro, em seus desejos, o pessoal e o profissional estão intimamente entrelaçados.

Aqui novamente aparecem significações de futuro fortemente ancoradas no desejo de ganhar dinheiro, ter reconhecimento e sucesso: “Eu ter meu *diploma na mão*, se Deus quiser, sem DP nenhuma, ter *reconhecimento profissional* e também *ganhar meu dinheirinho*, que é bom. E que pelo tamanho, não é pouco”. “Não digo ganhando uma fortuna, rios de *dinheiro*. Mas tem aquela coisa do *dinheiro*”. “Aí, eu pretendo trabalhar em um *banco* ou em *uma empresa grande* assim, que me reconheça profissionalmente, que eu tenha *sucesso e* várias *oportunidades* também”. Um outro desejo recorrente que aparece nas falas de alguns jovens pesquisados é o desejo de trabalhar em empresas grandes, sinônimo de estabilidade, boa remuneração e continuidade.

Em seus trabalhos, eles não ambicionam somente a boa remuneração, almejam também profissões com status e poder, tal como presidente ou outros cargos valorizados na empresa, configurando dessa maneira uma estetização do trabalho: “Fiz o meu caminho para chegar ao meu objetivo, sei lá, presidente de uma empresa ou um cargo executivo legal”. “Eu numa *empresa boa, cargo legal, cargo alto* [...]” “Trabalhar no Mofarrej. Se eu for trabalhar em *uma empresa ótima* não vou reclamar. Eu sempre quis fazer hotelaria, varias pessoas da minha família fizeram”.

Segundo Bauman (1999 apud Guimarães, 2005), é dessa forma que a “estética do consumo”, a qual gratifica a intensidade e a diversidade das experiências, as ocupacionais

entre elas, passa a substituir a ética do trabalho, que dá sentido a atividade econômica e a satisfação por ela gerada. Assim, “o trabalho (subjetivamente) atraente, passa a ser aquele capaz de produzir não a mera satisfação (ética) pelo dever cumprido, mas a almejada gratificação (estética) pelo desempenho de atividades interessantes e refinadas”. (p.156) E de acordo com Guimarães (2005:157): os significados do trabalho para os jovens “anteciparia um porvir em que a estetização do trabalho daria o tom à orientação das condutas na vida ocupacional, servindo de métrica para a valorização das atividades laborais”.

Conforme seus relatos verbais nos apontam, o sentido de futuro para esses jovens está pouco delimitado, pouco delineado em suas mentes. Suas falas são genéricas: “Trabalhar em um *hotel* na beira da praia. Fazer Administração de Empresas e depois me especializar em Hotelaria e trabalhar pelo mundo”. “Eu fiz Administração porque eu queria Hotelaria também. Só que trabalhar em *hotel*, ou com *RH* ou com *eventos* ou *coisa tipo assim*”. (risos) “Aí eu pretendo trabalhar, isso aí é o meu futuro, né. *Tipo eu não me vejo estressada*. Eu quero, por exemplo, morar na *praia*, estar bem acompanhada também”. (risos) “A praia me deixa em paz, um lugar que me *sinta bem, relaxada* e eu quero me sentir *realizada*, tipo abrir um negócio que mostre que eu seja *reconhecida* e minhas *competências sejam reconhecidas* [...] e um lugar que *dê dinheiro* também”. Em um futuro em longo prazo anseiam por coisas que lhes tragam prazer: praia, viagens, bom padrão de vida, equilíbrio. No entanto, não demonstram os meios como pretendem realizar tais desejos, mesmo que denunciem sutilmente que é com o dinheiro que conquistarão o que querem. Só que o dinheiro se consegue através do trabalho, um aspecto importante negado em suas falas.

Quanto ao sentido que atribuem ao trabalho, novamente suas falas são genéricas, estereotipadas e superficiais: “*Trabalho* vai ser o meu *sustento*, tentar *não depender* do meu pai e *reconhecimento*”. “Eu acho que *trabalhar* é uma *necessidade* para sobreviver”. “O mínimo tem que ser o *sustento financeiro*. Se sentir *útil para a sociedade e para você*

mesmo. Você não pode ficar o dia inteiro sem fazer nada, você tem que ser *produtivo, útil, se sentir ativa*". Por intermédio de suas falas, percebemos o quanto o trabalho configura-se para eles esvaziado de sentido. Essa forma nos revela quase uma indiferença, ou mesmo, uma falta de importância afetiva em relação a este. Parece que, para eles, a noção de trabalho configura-se como uma apropriação do que é dito socialmente, uma repetição simplesmente, mas sem uma apropriação que se tenha tornado "para eles", sem o tom afetivo que lhes cabe imprimir neste. É como uma fala vazia, onde não se imprime o colorido próprio, sua marca própria. No trajeto que visualizam em sua mente, do que visam para si, eles desconsideram o meio e almejam somente o fim, ou seja, seus ganhos individuais. E o trabalho nesse contexto é apenas o instrumento para consegui-los. Podemos então considerar que esses são os sentidos subjetivos que atribuem ao trabalho.

Podemos deduzir ainda o quanto a significação do trabalho é para eles reeditada, reiterada, reproduzida, sem que expressem uma construção nova de sentido. Sabemos que o sentido é gerado/constituído pelo indivíduo na sua vida, na sua atividade. Dessa forma, parece que nossos sujeitos ainda não constituíram as condições subjetivas e objetivas de produzir um sentido que traga o novo.

Aliar sucesso profissional com satisfação na vida pessoal são preocupações desveladas pelos alunos: "Minha *família, namorado*, tipo ficar bem *feliz* com tudo isto. Buscar o *equilíbrio*, por isso o símbolo, entre o profissional e o pessoal. Juntar tudo o que eu quero e levar isso comigo". Suas intenções, seus desejos focam-se na possibilidade de integração desses dois aspectos.

Faz-se necessário, neste momento, recorrer à base teórica que orienta nosso trabalho, a sócio-histórica, para apreendermos novamente os conceitos de necessidades, motivos e suas relações com os sonhos (palavra essa utilizada por nossos sujeitos), conceitos esses tão importantes quando se trata de projetos de futuro.

Percebemos, em nossa análise, que em alguns momentos os jovens expressam sonhos mais articulados, mais delineados. Sonhos constituídos a partir das significações sociais, datadas, com cunho de classe, cultural e histórica. No entanto, em outros momentos esses sonhos são muito fluidos, e já não se constituem em sonhos e sim em necessidades, que segundo Aguiar (2006), estas se configuram em um estado de carência, que mobilizam o sujeito, com vistas a sua satisfação e que ainda não dirigem seu comportamento, mas que sem dúvida se constituem na atividade histórica do sujeito, nas relações com a história humana. “Esse processo, de ação do sujeito no mundo a partir das suas necessidades, só vai se completar quando o sujeito significar algo do mundo social como possível de satisfazer suas necessidades. Nesse momento, tal objeto/fato/pessoa vai ser significado e vivido como algo que impulsiona e direciona, sendo denominado de motivo para ação do sujeito na direção da satisfação de suas necessidades” (Aguiar, 2006:16). Sendo assim, como nossos sujeitos, mesmo que ainda de forma insipiente e fluida, têm noção de suas necessidades, mas ainda não conhecem o motivo (o que só é possível no embate com a realidade social), a tarefa de construir, apontar claramente os projetos de futuro torna-se difícil, como também o é a mobilização em direção a estes.

Na realidade, as necessidades vividas por eles ainda estão se delineando, são necessidades constituídas por valores e expectativas, muitas vezes contraditórios, que depreendem da realidade social, elementos que serão significados como sendo capazes de satisfazê-las e assim configurar seus sonhos e as formas de realizá-los.

É interessante notar como alguns elementos aparecem claramente como sendo capazes de atender tais sonhos, capazes de atender tais necessidades, tal como o dinheiro, o reconhecimento e o sucesso. Até pelo fato de os sonhos não aparecerem bem delineados de início, esses ingredientes mostram-se fundamentais e parecem configurar como fundantes das suas necessidades e das formas de satisfazê-las.

“Constituir uma *família, boa qualidade de vida, não perder o contato com ninguém*, que é uma coisa que eu preservo muito. *Amigos, família*”. “Aí que fui meio influenciada por ser um mercado mais amplo, tal... é isso mesmo, *no futuro também espero estar bem acompanhada* [...]

contemporânea, como também o quanto R. reproduz o estilo de vida de sua família, de sua educação: estilo autoritário, machista e conservador.

R. mostra-se confuso perante os estilos de vida opostos com os quais convive no curso: o seu, de origem familiar simples e o de muitos estudantes da PUC, classe média alta: “Eu acho que perder valores porque tem gente [...] Porque *eu tenho medo* de chegar num ponto [...] Então eu não quero ganhar muito, muito mais dinheiro. Só que eu tenho medo, por exemplo, que até o quinto ano *as pessoas me influenciem a mostrar como é bom ganhar dinheiro*, então começar a *entrar dinheiro e você querer sempre mais*, entendeu?” Teme que sua história de vida possa ser atravessada por um contexto social determinadamente mais poderoso que sua base sólida de origem pode suportar. Teme perder o controle de sua vida.

“E, mas às vezes, *de repente nem influenciem, mas eu mesmo conforme vou ganhar dinheiro*, sabe para quem ganha mais e mais, e *começar a partir para a pilantragem*, ter problemas com impostos, essas coisas. Ou então coisas que não são ilegais, mas que eu não ache legal”. É isso que assusta R. em seu futuro: tornar-se uma pessoa sem lealdade e individualista, ou seja, colocar seus interesses acima de tudo, acima da ética, do respeito, da integridade e da honestidade.

Mesmo o jovem temendo a incógnita de seu futuro, apreendemos através de seus relatos que os valores que orientam seu projeto são outros. Provavelmente as necessidades que o mobilizam também são outras, gerando outros motivos, ou seja, aqueles aspectos que serão significados como possíveis de satisfazer.

Pensar no futuro, fazer planos, em certa medida traz descrédito, pois conforme nos aponta R: “É que, por exemplo, há cinco anos atrás, se eu pensasse no *futuro* eu ia pensar algo totalmente diferente. Eu ia pensar que eu ia ter uma namorada e que é [...] sei lá, sexo depois do casamento e nunca chegar perto de drogas, respeitar o meu pai e fazer a faculdade de Publicidade. *Sei lá, de lá para cá muita coisa mudou*. Quase nenhuma dessas coisas eu

consegui atingir, entendeu. Então, eu não penso como o *futuro* vai ser, porque *eu vou pensar de acordo com o que eu acredito que seja certo hoje*, o jeito que eu quero ser no *futuro*". O confrontar-se com o incerto, com o fugidio, com o volátil que permeiam nossa realidade e o fato de a vida apresentar uma quebra em sua linearidade, já não dão base para a construção de projetos de futuro.

Assim, de acordo com Velho (2004)

“Coloca-se como problema a relação entre projetos individuais e os círculos sociais em que o agente se inclui ou participa. A idéia central é que, primeiramente, reconhece-se não existir um projeto individual “puro”, sem referência ao outro e ao social. Os projetos são elaborados e construídos em função de experiências sócio-culturais, de um código, de vivências e interações interpretadas. [...] De qualquer forma, o projeto não é um fenômeno puramente interno, subjetivo. Formula-se e é elaborado dentro de um campo de possibilidades, circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos da própria noção de indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes”. (p.26/27)

E o contexto histórico em que vivemos dificulta a idealização e possibilidades de construção de seus projetos de futuro: “Sei lá, quando *penso no futuro* não penso só o futuro do R. penso no futuro do mundo de uma vez, *me imagino uma peça nesse futuro*. Penso muito nas coisas que vou ter no futuro, porque *tecnologia muda*, muda tudo. É *difícil se imaginar no futuro* (sic), como se, aí tento não pensar muito. Deixo *o meu sonho levar o futuro como se fosse hoje*, aí eu tento. Tento não focalizar muito, porque *o futuro muda muito rápido*. Imagino como gostaria que fosse”.

Dessa forma, planejar o futuro a longo prazo torna-se ameaçador, como nos explicita Sennett (2005):

Como decidimos o que tem valor duradouro em nós numa sociedade impaciente, que se concentra no momento imediato? Como se podem buscar metas de longo prazo numa sociedade dedicada ao curto prazo? Como se podem manter lealdade e compromissos mútuos em instituições que vivem se desfazendo ou sendo continuamente reprojatadas? (p.10)

Nesse mundo mutante, de rápidas transformações no mercado de trabalho, questionar-se sobre a sobrevivência de seu projeto de futuro profissional traz sofrimento, incerteza,

confusão e desorientação: “Eu sei o que eu quero no meu futuro, de acordo com os meus valores de hoje em dia. *Agora, como vou chegar lá, não sei.* Foi como eu falei, *a tecnologia muda, tudo muda.* Por exemplo, pessoas de dez anos atrás jamais pensariam que no futuro as crianças iriam querer trabalhar como *webdesigner*, que nessa época quase ninguém ligava para sites e não existiam muitos sites. *Hoje é uma coisa muito presente.* Tem gente que quer trabalhar nessa área”. Vemos aqui, novamente, um sujeito contraditório, pois ao mesmo tempo que afirma que sabe o que quer para si no futuro, sua fala seguinte acaba anulando essa afirmação, mostrando sua confusão, insegurança e falta de modelos e projetos, com os quais possa se apoiar e contar. Seu projeto acaba não se desenvolvendo por conta da ação de forças que constroem e se desconstroem a todo o momento, conforme ele nos aponta nas mudanças que ocorrem com as profissões. Assim, constatamos que o sujeito para acompanhar esse processo de transformação necessita construir projetos mais abertos e flexíveis, atrelados ao funcionamento da sociedade.

“*Reflexão constante* (sobre o futuro) vem da cobrança [...] *pressão interna* vem da faculdade [...] você olha que a pessoa conseguiu tal coisa, é o meio em que você está. Você quer ver o resultado do que você está fazendo, se vai dar certo na sua vida. Correr atrás para ver se você vai conseguir, não penso num *futuro longe*, eu penso em *algo imediato*”. Entendemos que viver no imediato, quase que somente no presente, equivale, para nossos sujeitos, à negação de uma situação, ou seja, não pensar no futuro. Uma alternativa visualizada como possível, uma vez que estar em estado de contínua vulnerabilidade e ansiedade pelo que vai ou pode acontecer faz com que a pessoa fique mais voltada para sua vivência imediata do que para o futuro.

“Em casa não falo muito (sobre o futuro), mas na *faculdade tem umas palestras* que fazem com que a gente fique *pensando*. Eu *tenho que pensar na minha carreira, eu tenho que pensar no meu futuro*. Mas ultimamente *não tenho pensado muito, não tenho feito*

muitos planos. Mas uma coisa é certa, que eu quero uma família, que eu quero estar bem no emprego. Mas *não tem muita coisa que eu pense sobre o futuro, não*". As palestras ou a cobrança por ter de pensar na carreira ainda não ecoam fortemente para eles, uma vez que a referência ao futuro torna-se algo dolorido e difícil de entrar em contato. Dessa forma, o que vivenciam é uma ambigüidade entre um mundo externo que os pressiona a ter metas, a pensar, a refletir e um mundo interno permeado de sentimentos de temor, resultado do confronto com um futuro incerto, o que traz desesperança e descrença.

Configuram-se, desse modo, como impossibilitados para a ação: "Eu *planejo metas*, no futuro eu vejo metas a serem atingidas, mas não como ele vai ser antes de chegar lá. Não como eu vou *construir*". Construir um projeto, traçar metas e eleger ações que darão o mote do que será feito para atingir tais objetivos configura-se como distante, como algo menos importante.

Sendo assim, as palavras de Barbier (1994:52 apud Machado, 2000:10) referendam a importância do ato na construção do projeto: "o projeto não é uma simples representação do futuro, do amanhã, do possível, de uma idéia; é o futuro a fazer, um amanhã a concretizar, um possível a transformar em real, uma idéia a transformar em acto."

"*Futuro – sei lá!!!!!!*" Essa frase ilustra o processo de pensar, sentir e agir dos jovens perante a reflexão de seus projetos de futuro profissional, qual seja, um mix de sentimentos de negação, descaso, medo, descompromisso e desilusão.

Considerando as mediações sociais e históricas como constitutivas de seus projetos de futuro e destacando o momento histórico atual, assustador e ameaçador, constatamos que as aspirações dos jovens estão empobrecidas e incipientes, seus sonhos fragilmente delineados, uma vez que se mostram fortemente atrelados a um reajuste entre suas aspirações e as necessidades concretas, seja de sobrevivência ou de sujeição aos ganhos financeiros unicamente.

V- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tivemos como compromisso em nossa pesquisa investigar quais os sentidos que os jovens estudantes atribuem aos seus projetos de futuro profissional, bem como desvendar os elementos que os compõem e seus determinantes.

Isto posto, tecemos algumas considerações a partir dos conceitos teóricos tratados em nossos capítulos e da análise que empreendemos por meio do conteúdo obtido do grupo focal e das entrevistas com os alunos.

Assumimos como ponto de partida em nosso trabalho a relação, essencial e constitutiva, que há entre a nossa sociedade, de intensa mutação, avanço tecnológico, processo de globalização da economia, flexibilização do trabalho e cultura do descartável e o modo de pensar, sentir e agir do indivíduo. Através das falas de nossos sujeitos pudemos apreender nitidamente o quanto suas falas estão impregnadas ideologicamente dos imperativos da sociedade, atestando que tais características estão constituindo suas subjetividades e concomitantemente seu modo de projetar o futuro.

Nosso estudo aponta o quanto as escolhas profissionais efetuadas, escolhas que consideramos como um dos elementos constitutivos dos projetos de futuro profissional, são também elucidativas de suas subjetividades. A análise das escolhas de nossos sujeitos nos mostrou que eles escolhem, mas escolhem desconhecendo suas reais necessidades historicamente construídas, ou melhor, são afetados por tais necessidades, mas não obrigatoriamente conseguem se apropriar afetiva e cognitivamente de forma clara e totalizante das mesmas. As necessidades, como definidas anteriormente, são fluidas, estados dinâmicos que, muitas vezes, se mantêm, por determinado tempo, inconscientes, o que, segundo Petrovcki (1989:33), pode ser entendido como “[...] reflexo incompleto, insuficientemente adequado, do mundo, no cérebro”. E parecem ainda desconhecer os inúmeros determinantes da escolha. Assim, apropriam-se de pressões que vêm de todos os lados, da família, dos

amigos, da escola, da sociedade e não se dão conta do quanto estão reproduzindo, sem crítica e sem consciência, essas pressões vividas. Não percebem o quanto sucumbem a isso e o quanto essa vivência os constitui. Constatamos escolhas pautadas no imediatismo, na falta de informações, na escolha da universidade e não do curso, na escolha feita por eliminação de outros cursos simplesmente, escolhas baseadas predominantemente no mercado de trabalho ou escolhas ancoradas no desejo do outro, uma vez que seus desejos e necessidades não se revelam facilmente.

Nossa análise evidencia que são inúmeras as significações sociais que se apresentam como base para a constituição das perspectivas de futuro dos jovens, significações estas que são históricas, datadas, com cunho de classe e que dão o substrato, que se configuram como a matéria-prima dos sentidos que os jovens atribuem aos seus projetos. Em nosso processo de pesquisa, podemos dizer que o “ganhar dinheiro” configura-se como uma das significações centrais, fundantes dos sentidos atribuídos pelos jovens aos projetos. A imagem do profissional bem-sucedido e seu corolário amplamente difundido de sucesso, reconhecimento, status, competência e salários supervalorizados também estão impregnados nas suas aspirações e nos seus modos de pensar, sentir e agir, em suma, em suas subjetividades.

A ideologia neoliberal prega que os indivíduos devem comprar os sonhos ideologicamente impostos para serem consumidos, o sonho do homem bem-sucedido, disseminado para ser consumido e que impinge, deste modo, essa significação social a ser apropriada. Nossos sujeitos, por apresentarem perfis e estilos de vida diferentes, apresentam também maneiras diferentes de se apropriar do significado do sucesso, relativizando-o e significando-o de acordo com suas vivências, histórias de vida, como também valores e expectativas geradas a partir do contexto em que vivem. De qualquer forma, verificamos que seus projetos de futuro profissional estão atravessados por essa ideologia que incute que só têm lugar os vencedores.

Pudemos ainda constatar que o credo ideológico da qualificação profissional, apropriado pelos nossos sujeitos como um imperativo a cumprir, é significado como regra naturalizada e interiorizada pelo indivíduo, como um desejo seu, tal como se tivesse ocorrido um movimento de subversão, como se fosse uma necessidade sua e não algo construído para responder às restrições do mercado de trabalho. Tais qualificações acabam permeando o imaginário dos jovens e ocupando um lugar demasiadamente importante em seus projetos de futuro profissional. Ora são nomeadas por esses, ora não são nomeadas, ora são mais conhecidas, ora menos conhecidas e, dessa forma, se apropriam indiscriminadamente, comprando a idéia de que precisam desenvolvê-las a qualquer custo, mesmo que essas não sejam as habilidades e competências que lhes cabem na ocupação escolhida/preendida.

É no contexto de intensa competitividade e seletividade do mercado que o diploma da PUC configura-se para eles como salvação para seu futuro. Crêem ilusoriamente que seu lugar no mercado de trabalho estará assegurado através do diploma de uma universidade reconhecida pelo mercado.

Segundo Ferry (2004:14) “[...] o que sobra é o fato que as ilusões do êxito social, as fantasias que circundam o self-made-man e as douraduras do poder são tão influentes hoje, que parecem ocupar todo o espaço a ponto de cegar o horizonte”. Pouco espaço sobra para projetos que levem em conta a apropriação de suas reais necessidades sócio-historicamente constituídas, que possa levá-los a um projeto de futuro mais próximo de seus desejos, que leve em conta seus interesses, seu modo de ser, seus valores, enfim, o estilo de vida que os deixará mais satisfeitos, mais plenos e mais felizes.

Podemos constatar que reservam um lugar privilegiado para a família, significando-a como seu porto seguro, contando com seu suporte afetivo e financeiro. Os valores que cultivam são tradicionais: almejam em seu futuro constituir sua própria família, ter amigos, vida afetiva boa e emprego. Esses são seus desejos e sonhos mais bem delineados. Mas,

quando se trata de futuro profissional, seus sonhos estão fragilmente delimitados e apresentam-se bastante fluidos. Suas necessidades ainda estão se delineando. Atrelam suas necessidades às condições materiais que almejam, querem preservar seus estilos e modos de vida, ou até melhorá-los. Porém, não visualizam os meios para realizar tais desejos, desconsiderando sobremaneira o trabalho como tal possibilidade.

O trabalho, para esses jovens, apresenta-se esvaziado de sentido, sobretudo sem colorido próprio e sem conotação afetiva. Nem sequer demonstram imprimir nele sua própria marca, nem ao menos imprimir o novo.

Contudo, apesar da falta de prazer que atribuem ao trabalho, o que anseiam em seus projetos de futuro é uma integração de seu estilo de vida, anseiam por uma distribuição equitativa entre suas necessidades afetivas, de bem-estar, de convívio e sua carreira profissional. Esse é o ideal de projeto de futuro, que não dá destaque somente para o profissional, mas também concede importância às outras esferas da vida.

O futuro profissional caracteriza-se para eles em um “sei lá”, um não pensar, um não elaborar, não planejar. Vivem no presente, no imediato, no desejo constante de aproveitar a vida, que também implica em não pensar, não refletir, não elaborar planos/projetos. Deprendemos de nossas análises que seus sonhos apresentam-se indiferenciados, quase que numa incapacidade mesmo de se ver no futuro, para além das significações sociais apropriadas do ganhar dinheiro, denotando uma pobreza muito grande em seus sonhos e evidenciando-nos, como consequência, jovens desprovidos de alegria, energia, vigor e motivação. Ser privado de projetar seu futuro, pela incerteza deste, pela perda de previsibilidade em suas vidas e pela descrença resultante das alterações sociais, traz desconforto e dor. Mostram-se, com isso, mais apáticos, vazios e, portanto, mais entristecidos. Pertencem a uma sociedade que não permite e que talvez não crie as condições de reflexão, de oportunidades e de menos alienação. Uma sociedade que induz e reforça o individualismo e

que pouco espaço dá para a elaboração de projetos de futuro que incluam formas coletivas e solidárias de vida.

Pensar no futuro, projetar-se nele, antecipá-lo, faz parte da constituição do humano. Vivemos nosso presente antecipando nosso futuro. Fazer planos, construir estratégias de ação e meios de concretizá-las torna-se essencial na sociedade instável e mutável em que vivemos. Tal como a escolha de uma profissão, o fazer planos e elaborar projetos pessoais tornou-se igualmente um imperativo para conquistar “um lugar ao sol”, um espaço nas atividades ocupacionais, um meio de inserção no tão disputado mercado de trabalho. Está quase se transformando em um valor essencial para quem busca inserção. Contudo, pudemos observar em nossa pesquisa que os jovens não se referem às metas para a conquista de seus projetos, uma vez que, como aludimos acima, os projetos não estão construídos em suas mentes, ou, na melhor das hipóteses, estão pouco delimitados.

Ousamos afirmar que, a despeito da constituição das subjetividades, hoje em dia ocorre uma quase pasteurização das aspirações dos jovens no que se refere aos seus projetos de futuro profissional, não havendo, pelo menos aparentemente, projetos de futuro singularizados. Dessa forma, resta-nos questionar: o que pode inspirar os jovens? O que pode resgatar a criatividade, a fantasia e a idealização, no sentido da construção de um projeto, mais duradouro, mais a longo-prazo e menos calcado em projetos essencialmente monetários?

Chamou-nos a atenção, em nossa pesquisa, o fato de nossos jovens não apontarem saídas, de apresentarem uma sujeição ao fato e à realidade instituída. Diante disso, evidencia-se a necessidade cada vez maior de instituir espaços específicos de suporte para que possam efetuar reflexões, já que diante de nossas constatações eles não possuem tais espaços. Verificamos que necessitam ser acompanhados nas várias etapas de seus projetos profissionais, bem como na consecução deles, em seus confrontos, contradições, angústias e dúvidas que emergem no embate com a nossa realidade contraditória e mutante. A

importância da Orientação Profissional é conhecida, divulgada, atualizada e reeditada de acordo com os movimentos de construção e desconstrução que nossa sociedade impõe, portanto, ela não se encerra no término do ensino médio. É necessário dar continuidade na compreensão da constituição do jovem, uma vez que sociedade e indivíduo não se diluem, um contém o outro e trata-se de um processo, de um movimento, de um contínuo desenvolvimento. Acompanhá-los nessa trajetória, nessa construção de seu futuro é também proporcionar-lhes maior bem-estar, menor probabilidade de desenvolvimento de doenças psicossomáticas, da ocorrência de burn-out precoce e menor índice de evasão. Assim, a implantação de centros de atendimento ao aluno ou mesmo disciplinas de orientação ocuparão um espaço importante para lidar com as ambigüidades dos jovens frente ao futuro que, ora incrédulos, ora iludidos vivem em desafio constante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. “A pesquisa em Psicologia Sócio-Histórica: Contribuições para o debate metodológico”. In BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair. (Orgs.). **Psicologia Sócio-Histórica: Uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira, BOCK, Ana Mercês Bahia, OZELLA, Sérgio. “A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica”. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair. (Orgs.). **Psicologia Sócio-Histórica: Uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira e OZELLA, Sérgio. **Núcleos de Significação como instrumento para apreensão da constituição dos sentidos**. Revista Psicologia Ciência e profissão, Ano 26, nº 2, 2006.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. **A escolha na orientação profissional: contribuições da psicologia sócio-histórica**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação / PUC-SP, São Paulo, 23, 2º sem. de 2006.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira e OZELLA, Sérgio. “O sentido subjetivo atribuído à escolha profissional: um estudo com jovens de camadas populares”. In: OZELLA, Sérgio (Org.). **Adolescências Construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2003.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. São Paulo: Cortez, 2005.

ANTUNES, Ricardo **Os sentidos do trabalho**. Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2001.

BECK, Ulrich. **O que é globalização?** Equívocos do globalismo: respostas à globalização. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BOCK, Ana Mercês Bahia, GONÇALVES, Maria da Graça Marchina, FURTADO, Odair. **Psicologia Sócio- Histórica** (uma perspectiva crítica em psicologia) São Paulo: Cortez, 2001

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Aventuras do Barão de Münchhausen na psicologia**. São Paulo: Educ, Fapesp, Cortez, 1999.

BOCK, Silvio Duarte. **Orientação Profissional: a abordagem sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede; A era da transformação econômica, sociedade e Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CLOT, Yves. "Psicologia". In: BRAIT, Beth (org.) **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, Jurandir Freire. "A juventude como sintoma da cultura" In: NOVAES, R. & VANNUCHI, P. **Juventude e sociedade** – trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

DUARTE, Newton. **Crítica ao fetichismo da individualidade**. São Paulo: Autores Associados, 2004.

FERRY, Luc. **O que é uma vida bem-sucedida?** Rio de Janeiro: Ed. Difel, 2004.

FRIGOTTO, Gaudêncio. "Educação, crise do trabalho assalariado e do desenvolvimento: teorias em conflito". **Educação e crise do trabalho: Perspectivas de final de século**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

FRIGOTTO, Gaudêncio. "Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas". In: NOVAES, R. & VANNUCHI, P. **Juventude e sociedade** – trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

GENTIL, Hélio Salles. (1996) **Individualismo e Modernidade**. ABRAPSO (org.) Psicologia e Sociedade. São Paulo, vol.8,nº 1, Jan-Jun, pp.83-101.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. "Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil?" In: ABRAMO Helena W. & BRANCO Pedro Paulo M. **Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HELD David – MCGREW Anthony. **Prós e contras da Globalização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

HELOANI, Roberto e PIOLLI Evaldo. **A falácia da qualificação: dilemas do (des)emprego dos profissionais de nível superior**. REVISTA USP, São Paulo, n.64, p.201-210, dez/fev 2004-2005.

IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LEHMAN, Yvette Piha. **Estudo sobre a evasão universitária: as mudanças de paradigma na Educação e suas conseqüências**. São Paulo: Tese de Livre-Docência em Psicologia Social, USP, 2005.

MACHADO, Nilson José. **Educação: Projetos e Valores**. São Paulo: Escrituras Editora, 2000

MOLON, Susana Inês. **Subjetividade e Constituição em Vygotski**. São Paulo: EDUC, 2002

NOVAES, Célia Ferreira. **As determinações sociais no problema da escolha profissional: Contradições e angústias nas opções dos jovens das classes sociais de alta renda**. São Paulo, Tese de doutorado, PUC-SP, 2003.

PEREIRA, Maria Gabriela. **O olho do dono engorda o boi**. A construção de sentido das relações de trabalho por adolescentes no mercado profissional. **São Paulo, 2001. Dissertação de mestrado**. PUC-SP

PETROVSKI, A.V.(org) **Psicologia – Coleção Acadêmica**. Editora Edições Progresso, URSS:1989.

PINO, Angel. “A psicologia concreta de Vigotski: implicações para a educação”. In: PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. **Psicologia e Educação**, Revendo contribuições. São Paulo: Educ, 2003.

POCHMANN, Marcio. **A batalha pelo primeiro emprego**. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

POCHMANN, Marcio. “Juventude em busca de novos caminhos no Brasil”. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. **Juventude e sociedade** – trabalho, educação, cultura e participação. Fundação Perseu Abramo: São Paulo, 2004.

REY, Fernando González. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade**, os processos de construção da informação. São Paulo: Thomson Pioneira, 2005.

REY, Fernando González. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia**, caminhos e desafios. São Paulo: Thomson Pioneira, 2002.

REY, Fernando González. **Sujeito e Subjetividade**. São Paulo: Thomson Pioneira, 2003.

SARLO, Beatriz. **Cenas da Vida Pós – Moderna** Intelectuais, Arte e Videocultura na Argentina. Rio de Janeiro: Editora UFRJ-2ªed., 2000.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**, conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 2005.

SINGER, Paul. **Globalização e Desemprego**, diagnóstico e alternativas. São Paulo: Contexto, 2003

SPOSATI, Aldaíza. “Globalização: um novo e velho processo”. In: DOWBOR Ladislau, LANNI Octavio, RESENDE, Paulo A. **Desafios da Globalização**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

TELERMAN, Rosali. **Projetando o futuro**: A “questão feminina” dos 18 aos 21. Tese de doutorado em Ciências Sociais, 2004. PUC-SP.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

VIGOTSKI, Lev Semiónovich. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, Lev Semiónovich. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VIGOTSKI, Lev Semiónovich. **Teoria e Método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreotta: **Escolha de Carreira e Globalização**. São Paulo: Moderna, 2000.

ANEXOS

Grupo focal – Primeiro encontro - 29/09/06

A pesquisadora se apresenta e pede para os componentes do grupo que, antes de se apresentarem, tentem formular em suas mentes uma imagem do seu projeto de futuro profissional.

Passados alguns minutos iniciamos as apresentações.

D - Meu nome é D. Eu fui influenciada pelo meu pai, porque ele já é administrador. Hoje estou trabalhando na empresa dele, que ele começou dois anos atrás. Está bem no início. Tô gostando. Eu tô indo trabalhar com ele, porque ainda não sei todas as áreas que (sic) me identifico. Marketing também gosto... Penso no meu futuro, um mundo com flechas, que indicam mercado de importação e exportação. É uma multinacional. Eu ter meu diploma na mão, se Deus quiser, sem DP nenhuma, ter reconhecimento profissional e também ganhar meu dinheirinho, que é bom. E que pelo tamanho, não é pouco. (risos)

C - (fala baixinho) Deixa um pouco para mim.

FB - Meu nome é F. eu fiz um ano de cursinho porque eu não sabia o que eu queria. Pensei Hotelaria, mas eu pesquisei e resolvi fazer ADM, para eu ter mais base, por ser mais amplo. (futuro) Trabalhar em um hotel na beira da praia. Fazer Administração de Empresas e depois me especializar em Hotelaria e trabalhar pelo mundo.

FN - Meu nome é F.N. Eu sempre quis, na verdade, fazer Engenharia. Aí, eu decidi, no último ano, que iria fazer Administração. Até porque eu sempre quis Engenharia Civil. Aí no último ano eu decidi que iria fazer ou Engenharia de Produção ou Administração. Daí eu decidi fazer Administração aqui na PUC mesmo. Bom, eu não trabalho, assim, que nem a D. Faço só um trabalho voluntário, que também acabei de começar. Para o meu futuro, assim, eu espero... Eu não sei, eu sempre quis trabalhar dentro de um banco, até acho que era por isso que pretendia fazer Engenharia. Meu pai foi engenheiro, meu pai trabalhou em banco. Falam que se você é engenheiro, você consegue facilmente um emprego dentro de um banco... Ah, mas não quero trabalhar na área de Marketing, prefiro trabalhar nas sedes dos bancos. Eu sempre gostei de matemática. A única coisa que eu realmente não vou querer seguir aqui da Administração é Marketing. Mas na parte financeira, eu não sei ainda. É que Marketing depende demais da criatividade da pessoa. É que tem dia que você está totalmente inspirada e dias que você pode estar pior e pra você assim, manter o seu emprego, é muito difícil. Eu não gosto de manter uma coisa que é meio incerta.

C - Eu também não fiz cursinho para entrar. Eu fiz Administração, porque eu queria Hotelaria também. Só que trabalhar em hotel, ou com RH, ou com eventos, ou coisa tipo assim. (risos)

RC – Bom, meu nome é R.C. Eu fiz 6 meses de cursinho junto com o colégio, o terceiro, o ano passado. No começo, eu estava pensando em fazer Biologia, mas aí acabei conversando com meu pai. Ele fez Engenharia. Tem dois irmãos, um fez Engenharia, outro fez Administração. Mas eu realmente sou daquele tipo de pessoa que não sabia exatamente o que queria, que falam assim, cabe no meu caso, e acabei vindo para Administração, que é bem amplo e você ainda pode escolher a área que você quer. Eu estou trabalhando atualmente na PUC Júnior, consultoria de Recursos Humanos e aí o que espero do meu futuro, aí eu pensei os valores que tenho mais na minha vida, eu pensei o profissional. Espero me formar daqui um tempo, ser uma boa profissional e através do meu trabalho, assim viajar pelo mundo. Mas não esquecendo das coisas que gosto realmente de fazer. Eu acho que trabalhar é uma necessidade para sobreviver. Daí eu dou bastante importância para a natureza. A imagem que construí em minha mente: um coqueiro, uma lua, um sol. Eu gosto de estar em contato com as coisas do mundo, diferentes povos, pessoas. Eu gosto bastante de trabalhar com pessoas. Minha família, namorado, tipo ficar bem feliz com tudo isto. Buscar o equilíbrio, por isso o

símbolo, entre o profissional e o pessoal. Juntar tudo o que eu quero e levar isso comigo pela vida afora.

G - Eu sou a G. Fiz dois anos de cursinho. Um com o colégio e o outro, só cursinho. Na verdade, eu queria USP. Estou aqui não porque eu queira... mas porque acabei não passando, daí não ia ficar insistindo. Eu queria fazer Psicologia primeiro, mas fui influenciada pelo meu pai. Ah, estou estagiando agora, em uma consultoria de RH e minha imagem é algum lugar tipo Europa. Quero ir para lá. Eu quero estar bem acompanhada. (risos) Eu quero também um cachorro também, porque eu gosto, gosto de bicho tudo (sic) e quero trabalhar em um Banco... e dinheiro também. (risos)

MF - Meu nome é M.F. Eu fiz um ano de cursinho depois do colégio e porque eu não sabia o que eu queria. Eu pensava... eu sempre pensei na área da saúde: Fisioterapia, Nutrição. Aí eu resolvi fazer cursinho, para pensar melhor. Aí, no fim do ano, eu pensei assim: Ah, vou prestar uma da área da saúde e uma de humanas. Aí eu falei: ADM. Aí, eu nem pensava em fazer ADM. Já estava matriculada no curso de Fisioterapia, aí eu passei na PUC. Daí eu comecei a pensar: não vou fazer na PUC, que já estou matriculada, mas aí as pessoas começaram a falar na minha cabeça: - faz ADM. Já estava matriculada em Fisioterapia na UNICID. Aí falaram: - não, faz ADM e começaram a me influenciar, dizendo que é um mercado maior, já que eu tenho tanta dúvida do que fazer, é melhor começar com ADM, aí eu tô aqui. Aí eu pretendo trabalhar, isso aí é o meu futuro, né. Tipo eu não me vejo estressada. Eu quero, por exemplo, morar na praia, estar bem acompanhada também. (risos)

G - Podemos abrir um negócio?

MF - A praia me deixa em paz, um lugar que (sic) me sinto (sic) bem, relaxada e eu quero me sentir realizada, tipo abrir um negócio que mostre que eu seja reconhecida e minhas competências sejam reconhecidas... e um lugar que dê dinheiro também.

Pesquisadora - Suas competências sejam reconhecidas...

MF - E me realizar ao mesmo tempo. Eu me preocupo com a realização pessoal. Aí é isso.

Pesquisadora - A realização pessoal seria...

MF - Ah, por exemplo, ser feliz no que eu faço, estar relaxada, que o lugar que eu trabalhe não afete minha vida.

P - Meu nome é P. Eu não fiz cursinho para entrar também, e eu não sabia o que eu queria. Aí eu ia fazer um ano de cursinho para pensar, ou estava pensando em fazer intercâmbio ou coisa assim. Aí eu estava conversando com a minha mãe, ela achou que fazer cursinho era perda de tempo e aí ela me sugeriu: - faz Administração porque é um curso muito amplo e eu achei legal a matéria em si, bem ampla, fala de várias coisas. E por eu não saber assim: aí, (Administração) é minha paixão, que eu sinto, sabe que tô meia... Mas estou gostando... Ah, eu não sei... Nossa, eu vou estudar, porque é minha paixão... Aí, eu pretendo trabalhar em um Banco ou em uma empresa grande assim, que me reconheça profissionalmente, que eu tenha sucesso e várias oportunidades também.

MC - Meu nooseçm

meninas. Trabalhar em uma grande empresa e ter muito contato com os amigos e com a família.

R - Me chamam de V. Me habituei já. Não sou eu que me apelidei. (sic) Me apelidaram (R. faz referência a seu apelido, que recebeu na faculdade e que é o nome da empresa em que trabalha). Trabalho na V. É uma referência. Como é um trabalho braçal, ficou uma referência. Eu trabalho na V. e faço estágio na PUC Júnior, na área de Marketing . Entrei na faculdade para fazer ADM, foi sem querer que entrei aqui.

Pesquisadora - Você pode explicar melhor?

R - Não queria. Foi sem querer que entrei, porque é assim... Eu sou de família humilde e entrei pelo Prouni. É, falo que foi sem querer porque quando fiz a prova do ENEM, eu fiz não porque eu queria, eu fiz porque uma vizinha minha falou faz... Aí, pá, beleza, fiz.

Pesquisadora - O que você tinha pensado em fazer?

R - A minha vocação está mais para a área de Marketing, Publicidade. Quando era pequeno pensava em fazer Letras, porque era bom em português. Depois, Arquitetura porque gostava de desenho. Aí, depois, Administração de Empresas, nunca pensei, porque odeio matemática. Aí pensei em Direito. Só que Direito é uma área bem traiçoeira, porque você tem que fazer a prova da OAB, de repente você não passa, é... embaçado. Aí ADM, eu não gosto por causa da matemática. Desde o primeiro contato, não foi (sic) muito um com a cara do outro. Desde quando estava aprendendo a dividir, quando era criança, a gente nunca mais se deu bem. Só que na hora de fazer o Prouni, minha nota ficava mais próxima de ADM, aqui na PUC, do que de Direito. Então coloquei esse curso para poder mudar depois. Descobri que não podia mudar, então estou aqui meio que na marra, né. Tem que aprender, sei lá. A D. (outra componente do grupo focal) na prova de matemática, é ela que me ensina.

Pesquisadora - Você está aqui na marra pelo que diz, mas está gostando?

R - Tô. Aí é que tá. Pensei que ia mudar logo, mas sei lá... comecei a curtir a área mesmo e me vejo como administrador no futuro e não como publicitário ou advogado. Vou seguir na área de Marketing, mesmo em ADM, pelo menos está um pouco voltado para o que eu tenho mais aptidão. Imaginei... Fiz o meu caminho para chegar ao meu objetivo, sei lá, presidente de uma empresa ou um cargo executivo legal e coloco pedras no meio do caminho, trovoadas. Sei lá, dificuldades que vou ter, principalmente pelo fato de não ter influências. Minha família não tem nenhum administrador, não tem ninguém que possa me dar dicas, pelo menos, é eu por mim (sic). Eu sigo os conselhos dos meus pais, do que eles aprenderam com a vida e não com as profissões deles. (futuro) Sei que vou ter dificuldades, principalmente porque é uma área que não fiz cursinho, nem nada. Até perguntei para o professor. Ele me perguntou como é que passei na escola em matemática. Eu falei que eu tinha um comércio, eu era bom em inglês e português, então eu trocava os meus trabalhos. Eu fazia para alguém que era bom em matemática e em troca a pessoa fazia o trabalho de matemática para mim, porque eu nunca pensei em fazer algo que tivesse matemática... Agora estou apanhando... beleza. Opções, né?

Pesquisadora - Vocês me falaram o que levou vocês a fazerem a escolha por Administração, falaram das influências que sofreram, uns falaram mais, outros menos, acredito que receberam incentivos. Agora, eu gostaria de saber se tiveram alguma restrição em relação à Administração?

D - Eu já quis fazer tudo, né. Queria fazer Arquitetura, já passei para Direito, mas meu pai me incentivava assim meio que eu fizesse Medicina e Direito. Mesmo que ele faça Administração, ele não me recomendou, não. Ele não me deu apoio, e era o que eu queria mesmo, né, e no final acabei me identificando bastante.

FN - Não é restrição, porque meus pais sempre falaram que era para eu fazer o que eu quisesse. Só que eu sempre falei que queria Engenharia e a minha mãe sempre gostava da idéia. Daí quando eu falei que ia fazer Administração, ela não deixou de me apoiar, mas pelo fato de eu também ter entrado na faculdade que foi a que meu pai fez, tudo. Minha mãe

preferiria que eu tivesse seguido esse caminho. Mas, eu não sei, não acho que ia me dar tão bem assim.

P - Meu pai também, desde pequenininha, ele fala assim que eu brigo muito, que sou bocuda. Ele fala que eu vejo uma coisa errada, fico questionando, que desde pequenininha, ele fala que eu daria muito bem se fosse juíza, e assim tinha muita vontade de fazer Direito. Eu só não fiz porque tinha que ler muito e eu não gosto. Mas assim, ele me apóia, hoje; mas estava pensando em desistir da faculdade. Ele virou para mim e disse que acha que não é o meu ramo, assim, Administração, mas ele me apóia. Às vezes, eu fico pensando que era uma coisa que eu queria mesmo e assim Administração, que nem ele falou também. Agora eu estou começando a ir bem em matemática porque eu tenho muita dificuldade, e aí eu descartei Direito por causa da leitura e também estou encontrando obstáculos na Administração, às vezes eu penso que se tivesse feito Direito eu estaria mais contente.

MF - Quando falo para as minhas amigas, quando falei que ia fazer ADM... Mas, ADM não é a sua cara, não é o seu jeito. Você tinha que fazer Fisioterapia mesmo. Às vezes fico pensando quando tô... Gosto de Economia e... também é muito fechado ADM, a cabeça... não pega muito criatividade, acho... Será que eu ia estar mais feliz fazendo outra coisa? Fico me imaginado fazendo Fisioterapia. Não consigo me familiarizar mesmo.

I - Minhas amigas falaram que não tem nada a ver. Como eu não gosto de matemática, não tem nada a ver fazer ADM. Tinha que fazer Publicidade, que é mais sua (sic) cara.

FB - Eu queria fazer Turismo também, e aí precisa falar no mínimo espanhol, francês e inglês.

P - Também pensava em fazer Turismo, só que meu tio, ele mora em Portugal e tem uma agência lá de turismo. Ele falou para mim que não é um campo muito bom. Ele acha que no Brasil ainda vai crescer, mas ele não me aconselhou. Eu pensei assim, que hoje Administração precisa de um investimento. Tem muitas empresas. Minha tia, por exemplo é gerente geral do Citibank, eu tenho uma tia que trabalha na Caixa Econômica e tem um cargo alto e um tio no Banco do Brasil. Nenhum deles fala inglês e não atrapalha em nada eles.

RC - Mas no Turismo não é assim. No Turismo seria muito mais importante ter um inglês, um espanhol e um francês, que são as línguas básicas e para eu aprender, como eu não gosto de inglês, eu não tenho facilidade. Eu sei que eu só aprenderia se fosse morar nesses países. Então demoraria muito e isso me desanimou um pouco e eu também mudei de idéia.

FB - Porque eu acho que inglês hoje em dia para as empresas maiores não é nem um pré-requisito, é uma obrigatoriedade. Se você tem inglês e outro que (sic) não tem, é óbvio..

P - Não, eu concordo, assim, mas acho que um ótimo profissional... Por exemplo, minha tia, todos os Bancos que ela passou, ela já trabalhou no Boston também, nos melhores, e assim nunca foi... É lógico que seria melhor se ela soubesse, até como ela sendo gerente... mas se chega algum cliente ela pede para a secretaria dela conversar em inglês. Mas assim, por ela ser uma ótima profissional, nenhum Banco recrimina ela. Você não tem inglês, pelo contrário, chamaram ela. Então eu sei que vai ser importante para mim. Vai ser decisivo em algumas empresas, mas em outras... Talvez se eu conseguisse ser melhor em alguns outros aspectos, talvez isso não me atrapalhe tanto.

FN - Talvez a tia dela entrou no Banco em um período em que o inglês não era tão focado (sic).

Grupo Focal - Segundo encontro - 20/10/06

A pesquisadora retoma o que foi discutido no primeiro encontro e inicia o trabalho.

Pesquisadora - Gostaria que falassem das profissões dos pais de vocês e se possuem parentes com as mesmas profissões que vocês escolheram, a Administração.

MC – Eu tenho o meu primo, praticamente todos os meus tios. Cinco tios meus são administradores e alguns trabalham em Banco, na parte financeira de supermercado e em Banco. Meu pai é engenheiro. Trabalha na área técnica e administrativa. Minha mãe é arquiteta.

C - Meu irmão fez Administração e minha prima também. Só que ela fez voltada para Hotelaria. Eu queria isso também. Aí aconselharam, falaram que era legal fazer Administração antes de Hotelaria. Minha mãe era bancária e meu pai é geólogo.

FB - Meu pai é administrador. Tem uma distribuidora. Mas eu não pretendo trabalhar com ele (ri). Minha mãe é dona de casa. Meus tios trabalham nesse ramo de ótica, que meu pai trabalha. Mas não é um ramo que me atrai, nem um pouco.

D - Meu pai é administrador. Trabalha na área de comércio exterior, importação-exportação e representações. É a área que (sic) eu pretendo trabalhar. Tô ajudando ele já e tô gostando bastante. Pretendo ter experiências em outros lugares. Minha mãe é funcionária pública, é policial. Trabalha no DEIC. Não pretendo nem passar perto. E é isso.

MF – Meu pai é engenheiro civil e trabalha na área. Minha mãe é dona de casa. E da minha família, só meu avô era administrador.

G – Meu pai é engenheiro. Só que ele tem a empresa dele. E minha mãe é bem de vida. Ela fica lá, só em casa e cuidando de todo mundo.

I - Meu pai é administrador e minha mãe é bancária. Meus tios, irmãos do meu pai são todos administradores e as mulheres deles também.

R – Meu pai é líder de setor de uma metalúrgica, é encarregado. E minha mãe é dona de casa. Não tem muitos atrativos assim, mas a área que ele trabalha é legal porque ele trabalha intercalando entre administração e a parte de produção. Então ele é bem multiuso, sabe.

Pesquisadora - Vamos retomar a questão do futuro, mas antes disso gostaria de saber a opinião de vocês sobre a nossa sociedade. Em que medida a sociedade contemporânea pode intervir, interferir, contribuir ou trazer impedimentos para a realização do futuro profissional de vocês?

D - Eu acho que a sociedade de hoje está bem competitiva. As pessoas estão cada vez mais entrando em competição. Cada vez mais está ficando mais difícil ingressar no mercado de trabalho, no mercado mesmo. E sei lá, quem tem aquela pessoa na família, que já tem aquele nível, você já consegue entrar mais fácil no mercado de trabalho e outras pessoas que não têm isso, tem que batalhar cada vez mais. É cada vez mais difícil.

C - acho que está ficando cada vez mais competitivo o mercado hoje.

D – Está difícil. Como tem, assim, várias áreas que você pode escolher, mas, mesmo assim tem competição.

FB - Eu concordo.

Pesquisadora – E aí ? O que vocês acham da idéia da D ?

R - Acho que o mercado está cada vez mais cruel. Vai numa empresa procurar emprego, pedem experiência. Se você tem experiência demais, você é mandado embora quando você tem 40 anos. Levando em conta que se aposenta com 65 anos de idade, com 40 anos as empresas não te querem. O que você vai fazer com esses 25 anos de idade?

Eu acho que a gente, que é universitário, vai ter muito problema. Só vão ter a gente como estagiário, e na hora de efetivar não efetivam porque acham que é pouca experiência que a gente tem. Tem lugar que registra e não querem registrar. Tem empresa, que nem a Credicard, que o cara está lá para servir cafezinho para o chefe, mas não efetivamente para o pessoal da consultoria trabalhar na área. Então, afinal de contas, existe uma estagiária que é bonitinha, que ela pega a vaga do outro que é mais competente porque não tem aquela... (insinua algo na linha da sensualidade).

Pesquisadora - O que as meninas acham?

C - Não tem mais essa.

R - Não, isso é um exemplo. Isso é mais comum em chefe, do que uma chefe pegar um rapaz bonitinho na parte administrativa. Pelo menos chão de fábrica tem. Eu trabalho no mercado faz um tempo e eu vejo como é lá. Pessoal de vendas despreparado, mas simpático, popular. O pessoal avalia que a pessoa vende mais que todo mundo e avalia também a parte técnica para coordenar uma equipe. Eles querem juntar o útil ao agradável, uma pessoa que é legal e saiba trabalhar bem. Estou lá na V. há pouco tempo.

Pesquisadora - Em que área trabalha?

R - Eu trabalho em uma área totalmente nada a ver com o que estou fazendo porque entrei lá antes de entrar aqui. Eu trabalho em Callcenter, em atendimento a pessoa jurídica. Tem pouco a ver com a área que eu faço. Só que tem gente que está lá há dois anos, muito competente, extremamente. Você admira o trabalho. Você pode ter qualquer dúvida, que ele vai saber te responder. Mas é aquela pessoa que não é popular, sabe? Já vi gente lá que está há 6 meses, aí é simpática, se dá bem com todo mundo, pegou um rolê com o supervisor e subiu. Aí tem gente que é competente, umas não. Aí você desacredita um pouco sobre a questão da competência.

Pesquisadora - Vamos então pegar um gancho na questão da competência. Pelo que percebi da fala de R., tem um descrédito grande. Quero saber como vocês olham para isso, para esse mercado, pra essa questão?(silêncio)

Pesquisadora - Será que o que a sociedade pode oferecer é tão pessimista assim? Como a D. falou a questão da competência ou como o R. falou que tem que ser amiguinho, não necessariamente você sobe pela competência. Isso assusta vocês? Como lidam com isso? (nesse momento a pesquisadora teve de fazer várias perguntas, pois o grupo estava em silêncio, sem capacidade imediata de fazer associações)

D - Não, é que também eu acho que ele pode agregar várias coisas positivas. Você tem que estar se atualizando, tem que estar estudando. Algo positivo pra você. Mas também pode ser algo negativo, porque você precisa de atualização,

dificuldade. Tem esse negócio da experiência também para arrumar estágio, que é difícil, e tem outras faculdades também.

Pesquisadora – O que seria então a dificuldade...

G - Não ter experiência, porque para conseguir estágio fica difícil. Foi difícil. Estava desde o começo do ano procurando. Você não tem isso, não tem aquilo. Só que estágio você vai lá para aprender, e daí eles já querem que você tenha experiência, isso e aquilo e bababá...E eu tive sorte de conseguir em um lugar que eles queriam pegar uma pessoa para ser treinada e conseguir subir. Então eu consegui um estágio, só que depois... e agora?

R - Algumas empresas são assim, um pouco burras, pelo seguinte: aquelas que exigem experiência para trabalhar. Só que eu acho muito mais válido você pegar uma pessoa crua, você moldar de acordo com a política da empresa, do que você pegar alguém que já está viciada na política de uma outra empresa e vai chegar lá, provavelmente brigando com todo mundo, achando erros na empresa. Não que sejam erros, mas que ela já está habituada a fazer o serviço de um jeito, que ela não vai se habituar fácil às novas regras, ao novo emprego. Acho muito melhor pegar um jovem que está só com a teoria da faculdade, que você vai moldar do jeito que você quer e tem ali um funcionário de anos, ali.

FB – O que eles querem também, além da experiência, eles querem também muita coisa. Querem inglês, informática. Tem gente que já tem, mas quem não tem já fica para trás.

MF - Eles querem outra língua também.

C – Acho que inglês não é nem requisito.

G – Eles querem uma vivência que a gente não tem como ter agora, entendeu? A gente não tem como ter essa experiência no primeiro ano da faculdade. Eles não podem exigir essa experiência do candidato ao estágio, e a gente acaba perdendo a oportunidade por causa disso. Por exemplo: uma vaga de estágio em um Banco. Eles não vão pegar você que está no primeiro, segundo ano. Eles vão pegar quem está se formando.

Pesquisadora - Eu vou agora retomar uma fala da G, que tocou no assunto do diploma da PUC, e gostaria de saber de vocês se vocês acham que o diploma da PUC pode servir como salvaguarda quanto às incertezas do mercado de trabalho? Como vocês vêem essa questão?

G - Acho que não vai depender só do currículo, do diploma, também tem de correr atrás. Tem que tentar se destacar de alguma maneira ou com cursos, sei lá, com mais línguas, informática. Nem todo mundo tem acesso, né?

C – Depende da sorte, também.

MC - Ah, sim, lógico, aquele quem indica.

C - Tem aquele que não tem emprego. Tem aquele que se formou em uma faculdade rica, não tem nada, e por uma indicação muito boa... Conta muito. Indicação hoje é tudo.

MC - Meus tios falam que você tem uma indicação você já pode ter o seu escritório. É como se fosse uma máfia, entrar(risos). Mas é verdade, se você tem uma indicação de alguém. A gente tava discutindo em casa. Tava (sic) meus primos, meus tios... Eles conhecem várias pessoas de outros empregos. Aí eles empregam. Aí eles te empregam, e aí tá: eles te olham com outros olhos. Não é como entregar o currículo pelo correio, mandar por e-mail. Eles podem descartar. Com a indicação, mesmo você tendo isso, ou tendo mais, vai ser outro olhar.

G – Em Banco é assim. É difícil o acesso ao Banco. Você entra no site, bababá, você clica lá, mas você tendo alguém lá dentro, alguém do RH, é certeza que o currículo é entregue.

I - Hoje em dia tem muito relacionamento, aí a indicação é o relacionamento que funciona.

R – Para mim, eu não tenho uma visão tão otimista quando terminar a faculdade, porque na minha família não tem nenhum administrador, nenhuma pessoa que já está dentro de uma empresa, que possa me encaixar fácil. Até consegue, mas geralmente na linha de produção mesmo. Não sei, mas eu não tenho inglês. Eu comecei agora na faculdade. Minha mãe tinha uma cabeça meio assim (mostra com as mãos paralelas ao rosto, dando a entender que a mãe tinha uma visão muito fechada, restrita das coisas). Ela achava que o inglês era supérfluo, era

coisa fútil. Aí eu fui fazer agora. Não adianta, agora, eu no segundo ano da faculdade ter um estágio bom, que eu não tenho inglês fluente ou pelo menos intermediário. Até lá eu ainda não vou ter. Eu não tenho contato, então tem que ir na raça. E quando a pessoa vai ver lá que escola você estudou? E. E. Domingos L. Então esse E. E já mata, Escola Estadual.

Pesquisadora – Isso agora, mas e no futuro?

R – É, mas mesmo no futuro, quando eu tiver PUC. Ah, legal, você tem PUC, mas eu tenho PUC e Colégio Bandeirantes, Agostiniano, Rio Branco.

C - Agora sim, diferencia o colégio, mas depois de formado, é só PUC.

R – Ah, mas em uma entrevista, se for perguntado, então até pela sua origem, achar que você é uma pessoa humilde, algumas pessoas acham que você vai querer roubar uma caneta porque você é pobre, não tem caneta em casa. Tratam diferente porque eu estudei em Escola Estadual.

C – Acho que vão querer saber seu colégio para saber sua origem, mas não para saber se vai roubar caneta. Se você é bom aluno ou não, você pode estudar em colégio ótimo, que vai muito da pessoa. Ser pobre não é um defeito.

R – Não acho que é um defeito, logicamente que não vou ficar com essa desconfiança toda, mas parece que vão pensar: - olha o pobrezinho que está ganhando dinheiro agora. Tratam diferente porque aqui na faculdade já tem gente que trata assim.

C - Ou não...

R - Mas existe essa possibilidade.

C – Não, podem pensar: - não estudou em colégio particular, mas, na PUC, se esforça, trabalha, olha alguém de valor. Vou contratar.

MC – Acho que depende da empresa também.

R - Então... tô com dificuldade com relação ao mercado hoje em dia por causa do que eu falei. Tem gente que não merece, mas sobe. Então, como não sei se a minha sorte é das melhores na parte administrativa... Não tenho aquele carisma que o chefe quer.

Pesquisadora – Mas a questão do carisma, vamos ver o que as meninas acham dessa questão.

R – Mas tem gente que tem a sorte de nascer com carisma, eu não.

C – Carisma não significa competência.

R – Porém, só tem gente que vê o seu carisma e não vê os seus atributos verdadeiros.

Pesquisadora – Como vocês estão falando em competência e não têm como falar de trabalho, o que assusta vocês em relação a essa questão? Vocês já falaram algumas coisas: carisma, inglês, informática...

C – E se não tiver sorte ...

Pesquisadora – E se não tiver sorte, pessoal ? (silêncio)

Pesquisadora – Realmente, sorte é um fator, têm outros.

R – Postura ajuda. Tem aquela pessoa que não tem um currículo tão bom, mas sabe falar bem, sabe se portar bem, acho que ganha muito ponto.

D – Qualidade

FB – Saber falar, se expor.

Pesquisadora – E como se desenvolve ?

I - Com a educação.

FB – Com a experiência, no dia-a-dia.

MF – Acho que a gente tem que trabalhar. Uma pessoa que tem dificuldade de relacionamento, ela tem que ir trabalhando essa dificuldade no dia-a-dia.

D – Ela tem que ver o ponto que ela não é tão boa assim. Eu não sou tão boa no inglês, então eu vou estudar mais inglês, sabe. Tem que evoluir nas suas... Se você tem deficiência nas suas qualidades, os seus defeitos. Ah, eu sou boa em relação ao grupo, e melhor que ela. Beleza! Então eu tenho esse meu ponto positivo. Então eu não sou tão boa em inglês, que é mais

atribuído (sic) em um mercado de trabalho. Ah, então eu vou evoluir nesse inglês para poder ter uma competição, para conseguir ganhar.

Pesquisadora - Gostaria que vocês falassem, agora, qual a visão que vocês têm da sociedade em que vivemos? (silêncio)

G – Acho que a sociedade está muito padrão. Essa coisa de globalização. Então está tudo muito igual em tudo. Eu não faço Administração porque eu gosto, porque eu acho lindo, maravilhoso. Acho assim, eu gosto, mas não é o que eu queria fazer. Então acho que muitas coisas a gente deixa de fazer ou tem que fazer por causa disso.

I - Para mim também. Queria fazer Publicidade, aí meu pai falou: - vai fazer Administração que o campo é maior, trabalhar em empresa, trabalhar em banco. Publicidade é mais restrito, assim. Por causa disso eu parei e fui fazer Administração.

G – Querendo ou não a família influencia bastante... Ah, porque a gente já tem vivência (refere-se à fala dos pais). Eles já sabem o que é melhor, e a gente escuta, né, porque querendo ou não, nossos pais querem o nosso bem. Eu não fiz Psicologia porque meu pai: - ah, porque o mercado está cheio. Porque tem sempre os outros.

I - Pai não queria Publicidade porque o mercado é restrito e tem muito publicitário. E ADM tem muitas empresas, vários bancos. Achou melhor fazer isso.

G – Não é que tem mercado para tanta gente, querendo ou não o mercado é mais aberto. Psicologia o mercado é mais fechado. Você só vai conseguir trabalhar aqui e ali. Administração você tem vários ramos, você vai para o RH. Você pode fazer alguma coisa ligada com o que você goste. Ai, ia falar outra coisa, esqueci.

FB – Ah, mas você pode trabalhar com publicidade que envolve Marketing também. Administração te leva pra vários caminhos.

G - Você vai olhar lá no jornal de emprego. Administrador tem muita coisa e daí você vai lá, Publicidade, uma ou uma outra, entendeu? E pelo que vejo, é verdade. É bem isso. Muita oportunidade. Mas a gente ainda não está muito bem, que a gente está começando.

Pesquisadora – Então, indo por essa sua linha de raciocínio, tem uma perspectiva positiva?

G – Tem. Eu vejo que tem muitas coisas que eu preciso melhorar, mas eu não me (sic) vejo como impossível. Eu acho que eu consigo.

Pesquisadora – Você vê dificuldades, mas nada que você não possa sobrepor.

G – Eu vejo dificuldades, mas nada que eu não possa lidar.

Pesquisadora – E para vocês, a sociedade...

MF – Eu valorizo mais você fazer o que realmente gosta. Só que, no meu caso, eu não sei o que eu realmente gostaria de fazer. Mas mesmo que eu tivesse alguma coisa, uma profissão que eu realmente gostaria muito de seguir. Eu não sei se eu conseguiria escolher por ela, porque eu indiretamente sinto muita pressão de que eu preciso ganhar dinheiro. Eu não sei porquê.

Pesquisadora – Interessante pontuar isso que você falou, sobre essa pressão que você sente.

MF – Eu sinto que preciso ter alguma coisa, que eu tenha oportunidade melhor.

Pesquisadora – Você consegue identificar de onde vem essa pressão?

MF (ri) Não sei.

Pesquisadora -Alguém poderia ajudá-la?

FB – Da própria sociedade, da família.

C – Da família, eu não sei se influencia.

MC – Da sociedade, da pessoa, de você mesmo (sic), porque você acha que tem que manter o que tem ou até melhorar o seu padrão de vida.

G – A sociedade impõe, mas vai de você sentir essa pressão ou seguir o seu...

MF - Eu acho que essa pressão não me deixa imaginar eu fazendo, por exemplo, imaginar se eu fosse atriz. Sabe, já restringe. Por exemplo, eu gosto de teatro, mas jamais conseguiria

imaginar se eu seguisse. Fazer o que gosta e ganhar dinheiro. Agora, eu acho que essa pressão não me deixa escolher, descobrir em mim mesma o que eu gosto, eu não consigo descobrir.

R - Tem aquela questão de sorte. Você é um bom ator e você tem a sorte de entrar no Big Brother (risos). Sorte, porque tem ator que ganha milhões de dólares, outros que ganham milhões de reais, que ganham com contratos publicitários, tem uns que dão aula de teatro e pá é competente, mas não dá sorte. Agora, a maior parte não tem oportunidade. Vai da sorte.

MF - Às vezes eu fico me imaginando em uma sociedade sem ser muito capitalista, sabe. Sem muita competição. O que que eu estaria fazendo? Acho que não seria Administração. Eu me imagino livre, em paz, fazendo o que eu gosto.

Pesquisadora – Alguém mais tem essa vivência?

FB - Eu estava conversando com o meu irmão e ele me perguntou: você está feliz na Administração? Eu olhei para ele e não respondi.

G. – Indiferente.

FB – Não, não é indiferente. Eu não falei nada. Eu tô mais por não saber, assim, porque eu queria estar fazendo Rádio e TV. Daí eu fiquei imaginando o que vai ser de mim fazendo Rádio e TV, mas por eu ser bem indecisa, eu acabei indo para a Administração. Mas eu também preferiria não estar na Administração e fazer uma coisa com prazer.

Pesquisadora - E como vão canalizar isso?

MF – Eu penso, eu não sei. Eu posso até ser feliz fazendo Administração. Eu acho que não é impossível, porque eu até gosto um pouco. Mas talvez, um dia, eu me descobrir para fazer outra faculdade, eu não desisti dessa possibilidade, mas eu acho que consigo ser feliz na Administração. Eu vou gostando, eu vou vendo na prática. Vai ter uma área que eu vou gostar.

FB – Minha intenção, já que eu faço Administração, é fazer Hotelaria, que é uma área que eu gosto. Descobrir, ter noções.

C – Você faz Administração. Você tem um tempo razoavelmente bom e aí você faz o que você gosta depois.

Pesquisadora – Então a C. falou: - você entra no mercado de trabalho, tem uma posição de vida melhor, e aí digamos, tem mais liberdade...

C – É, porque você está um pouco mais aliviada. Estou mantendo o que eu queria manter.

R – O que eu queria fazer mesmo era Publicidade. Pensei em Publicidade porque na V. (empresa que trabalha), quando estou no ócio, eu fico criando figura, logotipo para a empresa, e eu faço direito, faço bem quando faço isso, entendeu. Só que é uma área muito pequena, como estávamos comentando, você abre o jornal e Publicidade você quase não vê nada, e não daria para fazer o que gosta. Fazer o que gosta não daria pra encher a barriga. Fazer alguma coisa que dá dinheiro e dá prazer, e ADM tem um leque muito grande para isso porque você pode ir para o RH, Marketing, que tem um pouco a ver com Publicidade, que é a área que eu quero seguir. Só que a gente acaba, desculpe o termo, “se prostituindo”, a gente acaba fazendo algo que não gosta para ganhar dinheiro. Então isso é uma coisa que eu penso muito. Até que ponto vale a pena eu me esforçar para ganhar dinheiro? Penso que o ano que vem já ganhei R\$1500,00 em estágio, e quando sair da faculdade R\$4000,00 no emprego, que já é quase o dobro que o meu pai ganha depois de 20 anos de trabalho. Não tem como você ignorar uma coisa dessas. Na minha família não tem ninguém que ganha uma quantia dessas aos 25 anos de idade. Acabo que continuando em ADM.

Pesquisadora - Gostaria de saber qual o sentido do trabalho para vocês?

(silêncio) Quando vocês visualizam o trabalho conseguem visualizar - O que o trabalho representa?

C – Acho que sentir que estou fazendo uma coisa útil, eu ser útil para alguém.

MC – Você ser reconhecido.

C – Fazer algo útil de uma maneira geral, todo mundo trabalhando. Ser útil para mim e para quem está ao meu lado.

FB - Trabalho vai ser o meu sustento, tentar não depender do meu pai, e reconhecimento.

G – Trabalho também vai abrindo várias oportunidades, você vai vendo outro tipo de mundo. Você não fica só no seu mundo. Você aumenta a sua relação com as pessoas. Acho que você vai evoluindo como pessoa. Você vai crescendo, aprendendo a lidar com pessoas, você tem que aprender a lidar com situações... Você aprende a lidar com pessoas, com pessoas diferentes, situações diferentes, você tem que ter jogo de cintura. Lógico que, além de te ajudar no trabalho, vai te ajudar na sua vida, porque você trabalha por estágios também. Você tem que lidar com clientes, você tem que lidar, por exemplo, em uma consultoria, você tem que lidar com consultor, com o humor das pessoas. Tem muitas vezes que ouvir e ficar quieta, tem que se policiar, também. É complicado, você está lá dentro.

I – O mínimo tem que ser o sustento financeiro. Se sentir útil para a sociedade e para você mesmo. Você não pode ficar o dia inteiro sem fazer nada, você tem que ser produtivo, útil, se sentir ativa.

R - Eu acho que o trabalho é o que dignifica a pessoa. Você trabalha e fica uma pessoa mais digna. Mas se você não trabalha, não tem aquela profissão, você não contribui para a sociedade de alguma maneira efetiva. Essas milionárias, essas patricinhas, Paris Hilton, totalmente vadias (risos).

C - Vazias.

R – Vadias, mesmo. Dá nojo, são bilionárias, não trabalham, e o que fazem no seu tempo útil? Criam polêmica. Quem trabalha, ali, mesmo o cara muito rico, ele tem que cumprir horário. Ele trabalha. O que ele tem, ele fez por merecer. Não foi por herança. Acho que trabalhar para se sentir bem consigo mesmo e melhor para a sociedade.

C - Ah, e quem trabalha e tem uma herança, mas trabalha?

MC – Para manter o que você tem.

R – Paris Hilton. Deve ser horrível a profissão dela, tirar foto, andar pelo mundo. É vulgar.

C - É injusto o trabalho das modelos, porque elas ganham milhões em desfile.

R – Elas têm que ganhar dinheiro sim, é legal, mas é muito.

C – De qualquer forma eu acho injusto, porque tem gente que sei lá, se matou de estudar, fez faculdade, um mestrado, um doutorado, um MBA, fez de tudo, não ganha um terço do que uma modelo ganha em um desfile de meia hora, entendeu?

R – Que nem modelo, não é todo mundo que nasce bonita pra caramba e já tem aquilo e usa em benefício próprio. Pode ficar rico? Pode, porque você está divulgando sua imagem para o mundo inteiro. Não tem jeito de não cobrar um dinheiro grande, já que você está divulgando a empresa. Mas acho muito. Tipo o Roberto Carlos, o Ronaldinho Gaúcho, quanto de dinheiro ganham?

G – Falta oportunidade, eu acho que agora na nossa sociedade falta oportunidade para todo mundo. Não que eu não ache que é injusto porque a minha mãe que não faz nada, que... vai de sorte, entendeu? Não acho legal o Ronaldinho, que ganha muitos milhões, meu pai que trabalha que nem um cavalo não ganha quase nada. Não é certo, sabe. Mas vai de cada um. Mas é injusto, um que estuda, faz um monte de coisa, mas não tem oportunidade. Isso que eu acho injusto, ela ter um medo dela não conseguir o que ela fez por merecer.

R – Um gari... exagero.

G – Não teve tanto padrão, quem é modelo ganha muito, porque que um gari ganha pouco, entendeu? Tem essa injustiça pelos valores, eu acho que existe isso.

R – Ela tem que ganhar dinheiro, mas ganha muito.

G - Ganha muito por pouco.

FB – Um professor merece muito mais. Eu acho injusto, que o professor merece muito mais o salário dele do que... porque ele é que forma a cabeça, as opiniões e ela que só desfila e ganha muito mais que ele. São os valores.

G – E aí a sociedade é quem vai ditando os valores, e isso é muito errado.

C - Tipo quem dá duro? Tipo quem é rico e vai conseguir manter um padrão de vida excelente, e o cara que trabalhou, que ele teve um padrão bom, ele tenha conseguido isso trabalhando e foi demitido, e aí ele perde tudo? E ela está lá, rica, com o marido bonitão, rico, milionário, que vai dar tudo para ela.

I - Eu acho muito injusto.

MF – Eu também acho.

R – Igual os jogadores de antigamente, não ganhavam tanto dinheiro e jogavam melhor que os de hoje, e agora eles estão trocando, eles não estão jogando para entreter as pessoas, é só para ganhar dinheiro.

G – E por quê? Porque a sociedade valoriza isso. Está errado. Esses valores que as pessoas estão usando... Elas estão muito fúteis.

Pesquisadora – O que é para vocês o sucesso profissional?

D - Eu conseguir ser reconhecida pelo que eu faço, pelo que eu lutei para ser reconhecida. Ter a minha estabilidade financeira. Uma coisa que eu gosto muito é de ajudar os outros.

MF - Eu acho que o sucesso é você ser reconhecida por você estar feliz assim, você ter alcançado, estar feliz por tudo o que você conquistou e tem feito pela sociedade.

G – Acho que o sucesso é relativo, o sucesso é pessoal, pra mim eu já conquistei..... Qual é a palavra?... O auge de minha carreira para mim pode ser suficiente, entendeu? O sucesso. É, por exemplo, tem muita gente que já se contenta com aquilo, só que para os outros aquilo já é o sucesso. Vai da meta, do que cada um quer atingir, então o que é o sucesso para mim? Para mim é uma coisa e para ela é outra.

Pesquisadora - E para você, como é o sucesso ?

G – É alcançar tudo o que eu quiser, só que agora eu não sei o que é. Aquela realização profissional. Assim, a gente nunca pode parar de crescer, a gente só vai terminar alguma coisa quando a gente morrer. A gente sempre vai querer mais, mais, mais.

C – O que não é ruim.

G - Eu acho que isso até te estimula a correr atrás de alguma coisa. Você precisa de um estímulo. Precisa ter meta. Ah, eu tenho sucesso total. Se a gente pensa nisso, por que vai trabalhar?

Pesquisadora – Mas você pensa nisso, na palavra sucesso? Faz sentido para você?

G – Sim.

Pesquisadora - E vocês, já tinham pensado nisso antes?

MF - Ah, acho que um pouco, não muito.

G – Eu acho que o sucesso está muito ligado com os outros. Você não vai ter muito sucesso sozinha. Para você ter sucesso, os outros precisam saber, entendeu?

Pesquisadora - Então o sucesso depende dos outros?

G – Não, não que dependa dos outros. Mas, por exemplo, você vai ter sucesso quando as pessoas te reconhecerem.

I – É, também depende dos outros.

G – Você vai ter sucesso quando tiver reconhecimento, entendeu? As pessoas meio que têm que te dar valor pelo que você faz. Um exemplo: um médico, ele fez uma descoberta, só que ele só vai ter o sucesso quando todo mundo ficar sabendo, entendeu? Não adianta nada só você ficar sabendo.

I - Eu concordo com o que a M.F. falou. É só você se sentir bem no que está fazendo. O que estou fazendo é algo que está me agradando. O sucesso é o que é melhor para você, para a sua empresa.

R - Eu acho que sucesso para mim está atrelado a prestígio. Prestígio para mim é sucesso, porque prestígio você tem respeito, é quando você vira uma referência. Se você vira uma referência é porque o que você faz é muito bom. O sucesso você realmente só vai alcançar dependendo dos outros, porque o sucesso você só vai alcançar quando você se destaca entre as pessoas. Existe alguém que vai se destacar entre o ruim e o bom ao mesmo tempo.

Pesquisadora - Então, sucesso para você é quem se destaca?

R - Sim, porque sucesso é diferente de satisfação, entendeu? Sucesso é quando tiver prestígio, virar uma referência é quando eu sou bom naquilo mesmo. Isso é sucesso.

Pesquisadora - E você almeja isso para você?

R - É... Não ser o melhor, mas ser um dos melhores.

Pesquisadora - E para as meninas?

C - Você pode ser uma referência independente do seu cargo, eu acho. Por exemplo, você é um funcionário de uma empresa, você vai ser uma referência para o estagiário, e esse funcionário vai ter como referência o gerente e assim por diante.

R - Então você vai ser o melhor se você for o presidente. Você vai ser o melhor no que faz.

Pesquisadora - C. acha que não tem nunca uma única referência.

C - Você nunca tem uma única referência.

MF - Ele falou que não tem a ver com satisfação, mas quando você tem satisfação no que você faz, você alcança o sucesso.

R - Não é exclusivamente satisfação. Tem outros elementos.

MC - Satisfação ajuda bastante.

C - É, é meio difícil você não fazer uma coisa bem feita e você não gostar, entendeu?

Pesquisadora - Tem pressão por sucesso?

C - Tem pressão porque a gente sempre quer dar certo. Você sempre quer ter sucesso. Não quero daqui a dez anos estar decadente.

MC - Não sinto essa pressão.

R - Tem pressão por produtividade no trabalho.

G - Eles (a empresa) não estão preocupados com o sucesso da gente, estão preocupados com o sucesso da empresa. Vamos nos desenvolver para nos tornarmos uma multinacional. Estão preocupados com as metas deles.

D - Meu pai perdeu o emprego há dois anos atrás e montou uma empresa. Eu estou lutando mais pelo sucesso da empresa, e conseqüentemente eu alcanço o meu sucesso. Então, eu tenho essa vontade de querer dar certo.

Pesquisadora - Sucesso ou fracasso, o que associam?

D - Eu acho que é uma conseqüência daquilo que você está lutando para conseguir; o seu sucesso, vem como conseqüência. Tipo, se você não deu certo, não luta pelo seu sucesso, você conseqüentemente vai ter o fracasso.

G - E que você tenta alcançar o sucesso em algumas partes e você se perde, ao invés de alcançar o sucesso você alcança o fracasso. Vem o fracasso.

I - No teu objetivo, ou você chega ao sucesso ou você chega ao fracasso. É um ou outro.

C - Eu não concordo, porque eu acho que tem que ser mais neutro, tipo eu queria ser presidente, eu cheguei a ser gerente, eu fracassei? Não acho. Sucesso para mim seria conseguir ser presidente, mas não consegui. Consegui ser gerente, não acho que é um fracasso.

G - Não, eu acho que é quando você tentou fazer alguma coisa e de repente você fracassa. Por exemplo, a gente tinha que fazer um trabalho de Psicologia e a gente foi em uma empresa de Marketing, daí tavam falando que você faz lá uma nova propaganda, o sucesso era alcançar isso e aquilo. Daí você fez achando que ia sair, que ia dar certinho, lindo, maravilhoso, foi para o ar e deu tudo errado.

I - Ou o cliente não aprova...

G – Não, até o cliente aprovou, mas quando você foi ver, não que foi um fracasso, mas deu errado, porque você estava esperando uma coisa e deu outra. Fugiu de seu alcance.

C – Ator que estava fazendo sucesso e de repente sumiu, fracassou.

G - Acho que a sociedade tem uma expectativa de sucesso, se você não alcança você é um fracassado, mas é relativo de cada um.

Pesquisadora – Gostaria agora de retomar com vocês as imagens que puderam construir rapidamente no nosso primeiro encontro. Como vêem o futuro de vocês?

G - Mudei de idéia. Não é que agora, como eu estou estagiando, dá para ter uma noção mais ou menos de como que é. (G. refere-se a seu estágio) Então, na minha empresa não emenda feriado, tem que ficar indo. Ah, eu não gostei, e banco é o mesmo esquema. Daí tem seus benefícios, o banco, só que eu também não quero abrir mão de outros. Eu quero procurar em uma empresa, em uma indústria. Em uma empresa maior, que dê para aproveitar a minha vida, porque eu não quero só ficar trabalhando, trabalhando, trabalhando. Eu quero ter o meu dia-a-dia. Todo mundo emenda (feriado) e eu tenho que voltar para ficar no escritório fazendo nada? Entendeu?

Pesquisadora – O que mais do futuro?

G – Eu tinha falado de morar fora. Só que eu não sei mais se quero morar fora. Eu sou uma pessoa bem decidida, né? (ri). O que eu quero assim, que eu tenho certeza, é que eu quero constituir uma família. Isso não é só porque eu não sou aquela pessoa que .. Ah, quero ficar sozinha, não. Eu acho importante você ter alguém, sabe. Você conseguir ter um apoio. Você precisa de família, não é só você, né?

Pesquisadora - Isso está dentro dos seus sonhos. Está bem forte?

G – O mais forte. Esse negócio aí de morar fora não sei se é tão forte assim, que nem eu estava falando.

Pesquisadora – Gostaria de saber ainda se vocês têm espaço para pensar sobre o futuro.

MF - Com quem você fala? Como assim?

Pesquisadora - É. Se vocês têm pessoas com quem vocês conversam a respeito, pais, amigos. Se têm algum espaço que é específico para isso?

G – Converso. Mas eu fico mais sozinha, entendeu?

Pesquisadora - Mas você faz essa reflexão?

G – Direto (ri), porque eu não paro. Eu estou sempre pensando em alguma coisa. Eu sou muito cheia de fazer planos, por mais que eu mude. Eu sempre faço, mudo, faço, mudo. Então eu faço e não levo muito adiante, porque eu sempre mudo, que nem agora.

Pesquisadora – Na sua casa tem espaço para conversar?

G – Em casa eu não falo, não.

MF - Em casa não falo muito, mas na faculdade tem umas palestras que fazem com que a gente fique pensando. Eu tenho que pensar na minha carreira, eu tenho que pensar no meu futuro. Mas ultimamente não tenho pensado muito, não tenho feito muitos planos. Mas uma coisa é certa, que eu quero uma família, que eu quero estar bem no emprego. Mas não tem muita coisa que eu pense sobre o futuro, não.

D - Falo mais com o meu pai, com os amigos da faculdade, das palestras.... Sozinha penso bastante também.

G - Reflexão constante vem da cobrança, de uma pressão interna, vem da faculdade... você olha, a pessoa conseguiu tal coisa, é o meio que você está, você quer ver o resultado do que você está fazendo, se vai dar certo na sua vida. Correr atrás para ver se você vai conseguir, não penso num futuro longe, eu penso em algo imediato.

MC - Na escola sempre tive (espaço) com orientador. Tinha um dia de formação de projeto de vida no terceiro ano. Escrever sobre o que vai acontecer de bom no futuro, vai ter contato com as pessoas.

D - Cobrança por futuro veio no terceiro , segundo colegial. É importante planejar.

MC - Não sei onde quero trabalhar, empresa, hotel... No começo vou escolher o que vem primeiro, as oportunidades, e ver se eu gosto.

Pesquisadora – O que mais sobre o futuro?

MC - Futuro – Sei lá.....

C - Trabalhar em hotel..Mofarrej- se eu for trabalhar em empresa ótima, não vou reclamar. Eu sempre quis fazer hotelaria, várias pessoas da minha família fizeram...

Futuro? Mesma coisa: família, trabalhar em lugar legal, ter um padrão de vida como eu tenho hoje - ou melhor- talvez fazer outro curso de música mais para frente.

MC - Constituir uma família, boa qualidade de vida, não perder o contato com ninguém, que é uma coisa que eu preservo muito. Amigos, família.

MF – O que mais espero? Eu quero com certeza fazer outra atividade além do meu trabalho, dança, esporte... e preservo muito manter o contato com as pessoas e com a família também.

R - Sei lá, quando penso no futuro, não penso só o futuro do R. penso no futuro do mundo de uma vez, me imagino uma peça nesse futuro. Penso muito nas coisas que vou ter no futuro, porque tecnologia muda, muda tudo. É difícil se imaginar no futuro, como se, aí tento não pensar muito. Deixo o meu sonho levar o futuro como se fosse hoje, aí eu tento. Tento não focalizar muito, porque o futuro muda muito rápido. Imagino como gostaria que fosse. Eu numa empresa boa, cargo legal, cargo alto, não precisar ficar ouvindo ordem de ninguém, não receber ordem, mas também não ser patrão. Certa liberdade. Ter uma família, filhos, educar bem para despoluir muito das futilidades que o mundo hoje oferece. Educação que o meu pai me deu. Cortar videogame, passeios, o pai manda. Dar limites, ter respeito.

Pesquisadora - E você tem espaços de reflexão sobre o futuro?

R - Espaços para reflexão? No orkut. Minha imaginação é f. Eu faço reflexão o tempo todo. Nunca pedi opinião das pessoas, é como se pensasse mais que as pessoas. Dois pólos ... sempre tive. Sempre pensando nessa coisa de dinheiro... na faculdade ... Tenho um espaço grande dentro de mim, penso no dinheiro, em um trabalho bom, minha imaginação não pára. Essa parte da reflexão, da importância das outras pessoas para mim eu nem sempre levo em consideração, porque o que as pessoas falam para mim é sempre de praxe, são frases feitas que não me satisfazem. Raramente encontro pessoas que pensam mais que eu, que tenham pensado algo além de mim, que vai me agregar coisas novas. Tanto que o que as pessoas falam para mim, eu já pensei. E nessa parte de dois pólos, ao mesmo tempo em que eu penso de maneira materialista, eu acho que eu sei dividir onde estou sendo materialista e onde não estou sendo, onde estou, sei lá... Tem gente que pensa que é ganância, que eu quero ganhar bem no futuro. Mas não é. Eu tenho um pouco de ganância, mas por outro lado, eu tenho necessidade. Eu acho que são dois pólos diferentes.

Pesquisadora – Mais alguma coisa que associam? (silêncio)

Pesquisadora - Tudo o que pensam em relação ao futuro, vocês já me contaram?

Os componentes do grupo afirmam que sim e encerramos o encontro.

Entrevista com R – (sexo masculino) 24/11/06

Pesquisadora - Vamos começar a entrevista retomando uma fala que ocorreu no grupo, mais especificamente sua. Você falou “se prostituir no trabalho para conseguir o que quer”. O que é se prostituir? O que é fazer o que não gosta? Por que isso te incomoda, te assusta?

R - Quando falo prostituir, é o seguinte: - prostituição é quando você faz uma coisa que não necessariamente você gosta, para ganhar dinheiro. Imagino que uma mulher não gosta de se deitar com vários caras por prazer simplesmente. Ela faz aquilo quando é a última opção que ela tem. Então, quando você também trabalha fazendo uma coisa que você não gosta, visando apenas o dinheiro, lucro, é como se você estivesse se prostituindo, porque você está vendendo

o seu corpo para a empresa, os seus serviços para ela simplesmente para ganhar, sem ter prazer naquilo que faz. Meu, todo mundo, a maioria das pessoas, nem todo mundo faz o que gosta. Então não teria lixeiro, não teria carcereiro.

Pesquisadora - Mas nessas profissões, não necessariamente as pessoas não gostam do que fazem, é que são mal remuneradas. Isso me lembra a discussão do grupo sobre as injustiças na remuneração dos profissionais. Diferenças dos salários dos jogadores, das modelos. Bom, vamos voltar à questão do futuro, fazer o que não gosta, o que isso vai comprometer o projeto de futuro?

R - Pode comprometer da seguinte maneira, que eu acho: - por exemplo, eu estava comentando, nem todo mundo faz o que gosta. Isso é óbvio. Eu trabalho no que eu não gosto de fazer, mas eu preciso. Só que quando você faz uma faculdade você escolhe o que você quer fazer. Quando você não tem opção nenhuma, como é meu caso, eu não podia exigir do mercado uma área que necessitasse de uma formação específica, eu tenho que aceitar o que foi proposto. Então, você já vê que você tem a opção e você já se compromete. Na faculdade não. Você tem a opção de escolher o que você quer fazer, e quando você faz uma coisa que alguém pediu e não porque você gosta, eu acho que mais do que a frustração de fazer algo que não te dá prazer é você saber que você teve a chance de fazer o que você gosta mas, por influência de outro, você não fez.

Pesquisadora - Então você acha que você não fez a opção?

R - Não exatamente, porque, assim, eu tive sorte de fazer um curso que não era o que eu pretendia, mas eu aprendi a gostar. Entendeu? Então essa frustração de ser um curso que queria fazer ou não, eu acho que não vai rolar depois de formado.

Pesquisadora - Mas, e agora?

R - Agora eu...talvez...eu tivesse (sic) na opção certa. Se eu voltasse atrás, com certeza eu não teria pego ADM.

Pesquisadora - Não teria?

R - Não, se eu soubesse o que aconteceu, que eu teria dificuldade, com o risco de pegar DP. Eu teria escolhido um curso que talvez fosse a minha cara, para não ter problemas com notas, enfim... É só por isso mesmo, por causa da dificuldade que eu pensei, pela dificuldade que eu estou tendo em acompanhar, por eu não conseguir, eu não estou tendo aquele prazer suficiente para motivar a estudar e superar as dificuldades. Acho que as dificuldades a gente supera quando a gente está a fim de dar continuidade, a gente tem que...Se é o que eu gosto, a gente se mata e vence. Entendeu?

Pesquisadora - Então você tem essa dúvida? Ela está presente?

R - É. É uma espécie de fantasma, entendeu? Eu gosto, estou gostando. Mas parece que sempre tem uma coisa que não anda. Pô, se eu tivesse (sic) em Publicidade e Propaganda, por exemplo, que eu imagino que seria a minha vocação, talvez eu tivesse uma dificuldade mas, com certeza, não daria medo, como das dificuldades que tenho hoje em dia em Adm. Porque daí é uma coisa que eu ia falar, você que foi relaxado, mas é uma coisa que você gosta, eu ia correr atrás.

Pesquisadora - Mas você não acha que está correndo atrás?

R - Acho. Mas pelo seguinte, que nem matemática, que é uma coisa que eu não gosto mesmo, que eu falei que desde que a gente se conheceu, a partir desde (sic) quando aprendi divisão, eu já não gostei de matemática. Então, eu realmente não gosto. Então, eu não tenho aquela vontade de chegar em casa à noite e virar a noite estudando matemática, porque eu vou sentar e não consigo concentrar, que eu não tenho o menor prazer com matemática. Ela não me chama, ela não me prende, entendeu? Em compensação, teve um trabalho de Psicologia que até a gente apresentou ontem, que foi sobre Marketing, e que está mais voltado para a área que eu curto. Meu, o trabalho ficou muito legal, a professora elogiou muito. Ela falou que superou as expectativas, principalmente comparado com o outro seminário que a gente já

tinha feito e tinha ficado bom e esse daí ficou muito melhor. Por quê? Porque eu particularmente me empenhei muito mais. Fui eu que sugeri o tema que a gente apresentou, escolhi né, que ela deu algumas opções. Então, por isso, dá para ver que uma matéria que mexeu um pouco com a área que eu gosto, eu rendi muito bem, e outras que é importante (sic) para a área e eu não gosto, eu estou me dando mal, que é (sic) Economia e Matemática, que são básicas na Adm.

Pesquisadora - Economia você não gosta?

R - Para mim, Economia e Matemática são quase a mesma coisa. Muito cálculo, muita fórmula. Não tem essa coisa de bateu o olho naquela fórmula e puxa, é óbvio que delta só pode representar isso e aquilo, ou é óbvio que x representa um número, como tem gente que já tem essa pegada, de bater o olho e já traz esse conhecimento do colegial. Eu não. Para mim, eu só entendo o que está ali na lousa. Eu não consigo puxar na memória algum elemento que ajude a desenvolver o exercício. É nisso que me perdi.

Pesquisadora - Então você estava me falando que uma das coisas que te prejudica é esse fantasma. Eu queria saber se você, ao olhar lá para frente, não tem estímulo. Na tua fantasia, que você mesmo falou, que se estivesse fazendo publicidade, então aí você estaria visualizando lá na frente e a motivação seria maior.

R - Isso.

Pesquisadora - Você brigaria menos.

R - É porque me motiva em ADM é olhar justamente para frente. Eu acho que quando sair daqui, por mais pessimista que seja, eu acho que o aluno da PUC hoje pode se dar o luxo de saber que vai ter um bom emprego. Outros nem tanto, vai depender do mercado, como é o meu caso.

Pesquisadora - Por que no seu caso? Você não é aluno da PUC?

R - Estou falando do aluno olhando de fora.

Pesquisadora - Você está falando de um outro aluno que não é você.

R - Não, em geral. Quando fala do aluno da PUC, que nem quando professora fala o povo brasileiro. Se eu vou falar do povo brasileiro, eu me refiro ao povo. Parece que eu não sou parte, né. Estou falando do povo como se fosse outra pessoa, porque se eu falar o aluno da PUC, estou falando dos alunos em geral. O aluno da PUC, ele pode sair sabendo que vai ter um emprego. Só que talvez eu seja uma exceção entre os alunos que vai (sic) ter a certeza de um emprego, porque eu não tenho tanto relacionamento com esses empresários. Vou ter que entrar no mercado. E para quem depende do mercado, vai depender da sorte, tudo. Um pouco mais difícil. Só que, mesmo assim, a chance de você ter emprego é boa. Agora, se é um emprego que você vai ganhar milhões ou mil reais por mês é indiferente, mas desempregado acho que não fica. Então isso motiva. Acho que ADM é um campo bom para trabalho. Já Publicidade e Marketing não. Se eu for olhar... eu já faria pensando no presente, eu estou fazendo uma coisa que eu gosto, sem pensar no futuro. Se eu pensar no futuro acho que eu desmotivaria. É engraçado o que eu estou falando. ADM, olhando no presente, eu não gosto. Assim, eu gosto, mas eu tenho dificuldades; olhando para o futuro, já me atrai, porque eu acho que vou ser bem colocado no mercado. Já Publicidade, não. Eu faria no presente por prazer, mas no futuro vendo o mercado como está para Publicidade, já não é muito atrativo.

Pesquisadora - Você está me falando dessas dúvidas de fazer a escolha do curso por mercado de trabalho ou por prazer e já me falou também que dentro da Administração vai conseguir trabalho. Então, o fato de ter todas essas questões, essas dúvidas, isso não vai comprometer seu projeto de futuro?

R - Não, eu acho que não, porque além de eu gostar de Marketing, eu gosto de ganhar dinheiro. Então, entendeu? Eu não estou falando isso de uma forma soberba. É que eu cansei de várias vezes ser privado de algumas coisas por falta de dinheiro. Então eu não gostaria de ter essas privações novamente. Então eu não pretendo ser rico, entendeu. Eu pretendo ser

classe média, mais ou menos assim. Um salário que dê para eu ter um carro ou dois na garagem, meus filhos poderem estudar em escola particular, fazerem curso de inglês, poder ir para a praia. Sei lá, uma vida razoável, bem maior do padrão hoje em dia. Mas não pretendo ser aquelas pessoas que andam de helicóptero, que todas as férias de final de ano têm que ir para um país diferente ou chegar a esse ponto, mas só melhorar um pouco. Entendeu?

Pesquisadora - Sim, esse é o tamanho de sua ambição.

Pesquisadora - Eu vou voltar a uma questão que já discutimos, mas quero escutar sua opinião sobre o que você falou: até que ponto vale a pena se esforçar para ganhar dinheiro? O que te incomoda? (Silêncio)

Pesquisadora - Você falou, no grupo, se você chegar aos 25 anos ganhando 4.500 reais ou 5.000 e que na sua família ninguém ganha essa quantia, já é um sucesso, mas ao mesmo tempo você falou até que ponto vale a pena se esforçar para ganhar dinheiro, tem esse desejo, claro, óbvio de melhorar de vida, de ter um padrão, ótimo. Mas também tem essa questão. O que será que perderia porque você vai ganhar tudo isso. O que te incomoda, o que te assusta?

R - (ri) Eu acho que perder valores porque tem gente... Porque eu tenho medo de chegar num ponto... Hoje em dia, não... Eu tenho uma cabeça firme, nunca liguei muito para ganhar dinheiro, nunca briguei com os meus pais ah, porque não tenho isso, não tenho aquilo, entendeu? Quase não tem esse grilo. Esse fato de querer ganhar dinheiro razoável é pensando no futuro, porque eu já tenho o que eu quero, mas ainda não é suficiente para o que eu precisava. Até para o curso mesmo, eu não tenho inglês, por exemplo. Minha mãe nunca quis pagar um curso para mim. Então eu não quero ganhar muito, muito mais dinheiro. Só que eu tenho medo, por exemplo, que até o quinto ano as pessoas me influenciem a mostrar como é bom ganhar dinheiro, então começar a entrar dinheiro e você querer sempre mais entendeu?

Pesquisadora - Entendi você quer dizer ser influenciado pelo meio?

R - É, mas às vezes, de repente nem influenciem, mas eu mesmo, conforme vou ganhar dinheiro, sabe para quem ganha mais e mais, e começar a partir para a pilantragem, ter problemas com impostos, essas coisas. Ou então coisas que não é ilegal (sic), mas que eu não ache legal.

Pesquisadora - O que, por exemplo?

R - Ok, sabe. Pagar mal seus empregados para lucrar mais sua empresa. Eu gostaria mesmo, eu sou do tipo que se eu estou ganhando dinheiro mais do que eu pensava que ia ganhar, abrir mão de parte do lucro, para garantir que meus empregados vão ganhar bem, que nem hoje em dia as Casas Bahia. Ela é a que melhor paga entre as redes de móveis os funcionários e nem por isso ela é a mais pobre. Pelo contrário, ela é a mais rica, porque o funcionário que recebe bem fica mais motivado. Motivação para pobre é dinheiro no bolso. Você pode dar incentivo para eles. Clube, passeio, alguns benefícios todo fim de mês. Mas o que vai chamar atenção é que você dê dinheiro na mão dele. Então, se eu for ter empregado, eu gostaria de pagar o valor pelo menos um pouco acima da média do mercado. Ser um lugar que as pessoas queiram trabalhar lá, que precise fazer processo seletivo para as pessoas trabalharem, que seja um lugar procurado, sabe.

R - Tem até uma passagem que ocorreu aí, que no T.G.A. (Teoria Geral da Administração) a gente teve um trabalho, que foi abrir uma empresa. Fazer um plano de negócios. Tudo o que precisava para abrir, até como registrar o nome e calcular em quanto tempo ia retornar o investimento. Daí na hora de fazer mão-de-obra, o quanto ia pagar, eu lembro que eu briguei muito com o grupo por causa disso. Eu lembro que eles queriam pagar um salário muito baixo e eu, não pessoal, vamos pagar mais. Ah, mas vai impactar, vai demorar mais para voltar o lucro. Por isso que o mundo está essa m. que está. A pessoa só quer lucrar, e que se danem os pobres, entendeu? Eu trabalhei no clube, e coincidentemente nosso plano de negócio é sobre o society, é mais ou menos parecido, esporte e lazer. Eu trabalhei em clube, e esse salário aí é próximo do que a gente ganhava lá, e não é satisfatório, até por uma questão sindical. Então

vamos pagar um salário que é justo e que não vai empatar tanto no final do mês. Então convenci o pessoal. Geralmente, você pagando bem, você consegue a fidelidade do seu empregado. Até acho que as pessoas hoje em dia, quando são promovidas, a empresa fideliza elas (sic) ao promover: Nossa ela me deu o voto de confiança. Então que quando você é promovido, você ganha mais. Você é promovido a diretor, mas se você descobre uma empresa concorrente, mesmo você sendo chão de fábrica, o cara ganha mais que o coordenador daquela empresa, não quer saber se lá você vai ser coordenador. Você quer abrir mão de um cargo mais alto naquela empresa para ir para outra menor, desde que você tenha mais dinheiro, a pessoa vai. Hoje em dia a fidelidade da empresa é o dinheiro no bolso, entendeu?

Pesquisadora - Vamos voltar um pouco e falar sobre a questão da competência. Algo que você falou: a aparência então é hoje em dia mais importante do que a competência, na sua visão. O que você acha?

R - Acho que depende da empresa. Ela não é a mais importante, mas ela é como se fosse um diferencial. Assim, como eles pedem um curso de inglês, eles pedem também a beleza. Está implícito, entendeu? Não está na cara. Mas com certeza na entrevista você vai ser avaliado, entendeu. Então isso aí conta, mas claro que uma pessoa, por exemplo, numa empresa maior, se você for bonito e realmente não tiver o perfil, eles vão te dispensar, mas em um lugar onde não tem tanta diferença de nível de conhecimento entre os funcionários, então a beleza já faz diferença, sim, no final das contas. Por exemplo, onde eu trabalho. Nem todo mundo lá tem faculdade, ou então estão em áreas diferentes. O que interessa é o que a pessoa produziu na empresa. Se todo mundo teve o mesmo rendimento, está por igual, então vai ter que ter um critério de desempate. Dentro dos critérios de desempate pode entrar a questão da beleza para conquistar uma vaga.

Pesquisadora - E no geral, esquecendo da sua experiência?

R - Eu acho que conta, sim, porque pode ver, você vem para cá, uma pessoa que tem nome diferente chama a atenção, né. Você pode ver, por exemplo, que você vai entrar na empresa e toda assinatura de diretor é diretor Stacowich ou diretor Sitivicius, entendeu? Você quase não vê diretor Silva ou de Souza. Então isso aí influencia. Outra coisa que eu estava avaliando também, a maioria é branco, isso é ilegal, que eu já reparei. Eu já cansei de ver propaganda. Você vai no Pão de Açúcar, está lá a foto da equipe inteira. Eu olho e onde está o negro? Você não acha um. Então, influencia também. Então, aí beleza. Você já passou a questão da origem e da cor, da etnia. Então, se você vai contratar uma secretária, geralmente você vai colocar uma menina bonitinha, toda que chama a atenção. Se você vai a uma reunião e você vai levar sua secretária, alguma coisa, você não vai levar uma baranga, gorda, enorme. Não precisa ser linda, mas uma pessoa apresentável, magra, que chama a atenção. Porque eu acho que algumas pessoas dão a entender que certas pessoas bonitas, bem equilibradas na empresa, eles acham que a empresa tem cacife para isso. Tem suporte para pessoas especiais para trabalhar lá.

Pesquisadora - Então a aparência você falou que é um diferencial. Eu vou falar exagerando um pouco, então é como se ela fosse uma competência necessária...

R - A aparência virou um cartão de visita... Se vira um critério de desempate, ela acaba entrando (como competência), desde que a empresa não fale. Mas a pessoa que está avaliando, ela vai querer agradecer, por exemplo, o chefe dela, chamando pessoas que vão agradá-lo de alguma maneira. Pode ser através da beleza ou não. Mas é, você pega uma pessoa com cara de desleixada, quando a pessoa vê ela, o cliente, vai dar a impressão que ela é desleixada porque a empresa é que é desleixada. Eu não culpo tanto a empresa por causa dessa questão.

Pesquisadora - E de onde vem isso então?

R - Da própria sociedade porque assim como você quer se casar como uma pessoa bonita, você também quer que as pessoas que te cerquem sejam bonitas. Eu quero namorar uma

peessoa bonita. Todo mundo quer pessoas bonitas à sua volta e no trabalho também. Quer tirar uma foto para pôr no orkut. Aí tem lá a galera, todo mundo bonito assim. Chama atenção. Você vê que nem Malhação. Malhação está mais perto da nossa realidade, uma novela de pessoas pré-universitárias. Todo mundo bonito, lá. Você quer viver como eles. Uma galera legal, com roupa da moda, todo mundo desencanado e bonito. Automaticamente você compra aquela idéia. Então você só vai estar se sentir (sic) em um ambiente legal, se você tiver uma turma igual àquela. Isso em qualquer meio de comunicação. Aí você acaba pegando um certo preconceito de pessoas que não sejam tão bonitas assim. Deixa te explorar. Eu tive sorte, sempre todos os meus amigos são pessoas bem afeiçoadas (sic) assim, a maioria deles. A gente se conheceu quando era criança ainda. Ninguém sabia se no futuro ia ser bonito ou feio. Mas eu sei ver as pessoas pelo que elas são, assim. Eu estou lá no trabalho ou no orkut, essas coisas, sei lá, tenho lá vários tipos, que eu sei lá, sou meio desencanado dessa parte de beleza.

Pesquisadora - O orkut, então, ele tem um peso grande nisso. Ele acabou reforçando essa questão.

R - Você pode ver, por exemplo, que meninas gordinhas no orkut, elas nunca mostram uma foto de o corpo inteiro, elas mostram o rosto em dia quando estão maquiadas em uma festa, quando estão toda bonitonas. E sempre em fotos em ângulos diferentes, porque ela sabe que quem vai ver a foto dela já vai olhar para ver como é a pessoa.

Pesquisadora - Voltando novamente para a questão da competência, você tinha falado da pessoa que tem carisma, que não necessariamente a pessoa carismática é competente, mas ela tem o reconhecimento do carisma e isso é que é valorizado hoje em dia.

R - Eu já reparei que nem toda pessoa carismática é legal. Tem gente que é chata, mas todo mundo está em volta. Sabe, pessoa chata, mas que faz comentários legais. Ela não é propriamente uma pessoa agradável. Talvez o gênio forte dela seja atrativo. Então o carisma, como falei do meu irmão, meu irmão é muito carismático. Ele é legal, ele é engraçado, mas passa o aniversário de qualquer pessoa, ele não cumprimenta ninguém, não dá os parabéns a ninguém e não compra o presente para ninguém. E todo mundo faz festa surpresa para ele, e ele não lembra de ninguém, depois. Nem sempre o carisma é recíproco entre as pessoas.

Pesquisadora - Outro aspecto que vocês abordaram quando vocês falaram, deu um aspecto um pouco pessimista ao futuro, que não adianta ficar estudando muito, que também tem essa descrença em relação ao futuro. Tem essa descrença ou não?

R - Até que nem tanto, que a gente pensa nessa questão da beleza e do carisma. Mas não é uma coisa que a gente vai falar, vamos perder o processo seletivo porque não sou carismático, porque têm empresas e empresas. Mas não está tão pessimista assim.

Pesquisadora - Uma coisa que me chamou a atenção e que não apareceu foi a palavra desemprego. E à palavra desemprego, o que você associa?

R - Falta de sorte.

Pesquisadora - E o que mais? (silêncio) Faz sentido a palavra desemprego? Encontrei com vocês no grupo e parece que o desemprego não é um fantasma que ronda vocês. O que você acha?

R - Então falou em desemprego porque é como eu falei, a maioria aqui já está encaminhado e para quem não está encaminhado, como é o meu caso.

Pesquisadora - Como os outros estão encaminhados?

R - Quando terminar a faculdade estão com emprego fixo já. Você acha que vão ficar se matando? Eu conheço, pelo que aprendi da Administração, o perfil que as empresas procuram hoje em dia, eles têm. A maioria já tem intercâmbio, já têm vários diferenciais. E são boas alunas também, todas. Agora, que nem no meu caso, eu sou otimista porque que nem eu falei, vai ser difícil eu conseguir um emprego que eu ganhe bem, isso eu acho difícil mesmo, mas desempregado eu acho que não fico, não. Tem a instituição, a PUC, PUC é um nome forte. O curso aqui também é bem avaliado pelo guia do estudante e têm muitas empresas, têm muitos

escritórios. Quando o pessoal vai para o jornal do desemprego, a gente tá falando de uma forma macro, tem tantos desempregados, mas ninguém fala 40, 50 % dos desempregados, quem é formado pela PUC em Administração. Se você for pesquisar vai cair o número entendeu. E é isso que me deixa mais otimista. No começo do ano, o fundador do SEBRAE dá aula aqui na PUC e outro professor chamou-o para conversar com a gente. E ele explicou que o filho dele é diretor do Bankboston e ele falou que na triagem dos currículos, eles só aceitam de 7 faculdades do Brasil. Entre elas está a PUC-SP, USP, GV, Mackenzie, só as tops. Então isso aí motiva, você saber. Nenhuma empresa fecha a porta para a PUC assim. Qualquer uma que tiver um número, assim, que só quero essa faculdade, a PUC vai estar ali no meio.

Pesquisadora - O que é uma pessoa bem-sucedida?

R - Acho que é uma pessoa satisfeita com o que ela faz. Uma pessoa que é uma referência no meio em que ela trabalha e uma pessoa que ganha bem na profissão que exerce, entendeu. Porque toda profissão existe o mínimo e máximo que você deve ganhar depois de formado. Ela está perto do máximo ali. Eu acho, que assim, se ela não está bem com o que ela faz, ganha um dinheiro legal, e já é bem-sucedida. Mas eu acho que quem faz o que gosta, é referência e ainda mais bem-sucedida, porque é o retorno que está sendo maior ainda.

Pesquisadora – Você fala bastante em referência. A referência é uma coisa importante para você?

R - Eu acho.

Pesquisadora - O que é essa referência... dessa pessoa?

R - Ah, uma referência. Por exemplo, na V. (empresa em que R. trabalha), comparando com meu serviço lá. Eu trabalho com internet, torpedo, SMS. Então, o quanto, o que deve ele fazer para baixar o software no site. Ah, vai em tal caminho e baixa. Você não vai discutir, não deixa eu perguntar para a supervisão. O R. falou, é, entendeu? Não que seja assim lá. Estou só dando um exemplo. Mas estou longe de ser desse jeito. Mas acho que isso é uma referência.

Pesquisadora - Uma pessoa boa no que faz.

R - Uma pessoa boa naquilo que ela faz, indiscutível, e ela prova que é boa. Uma pessoa competente.

Pesquisadora – O que é essa pessoa competente?

R – O nome dela chama. Se você coincidentemente trabalha na área que ela trabalha também, você vê o nome dela e ah, vai ter um workshop com ela. Ah, esse eu vou, entendeu. Nossa, se essa pessoa vai, eu tenho certeza de que vou aprender uma coisa boa. Acho isso uma referência legal. E do emprego, o índice de trabalho, a referência é: esse cara aí tá bem, está satisfeito, provavelmente vai ser o novo presidente ou alguma coisa assim, porque ele é bom mesmo. Não adianta eu querer competir com ele, que ele é melhor que eu. Isso é uma referência.

Pesquisadora - E ser útil? Ser útil para a sociedade?

R - Quando você só suga sem investir, você está sendo inútil teoricamente.

Pesquisadora - O que você está querendo dizer com você só suga sem investir?

R - Se eu estou desempregado e estou só pegando benefício do governo para sobreviver é como se eu fosse inútil, entendeu? Eu não faço nada e ganho. Mas quando você trabalha também, aí não. Você paga imposto, tem dinheiro seu lá. O governo tá só ganhando com você e então ele tá só retribuindo aquilo que você investiu. Então por isso que o emprego dignifica a pessoa. Ela pode falar assim, eu posso reclamar do governo porque eu pago imposto e tenho direito àquilo que ele me prometeu. Agora se você não paga, tipo você não tem investimento algum. Você pode cobrar, porque é um direito de cidadão. Mas você sabe que se você está cobrando de cômodo que você é. Sei lá. Que nem eu to aqui fazendo o Prouni. Ah, mas você está ganhando uma bolsa do governo! Se fosse Escola da Família, eu estaria trabalhando na escola no final de semana em troca de ganhar uma bolsa. Ali é uma troca. Então, se você não

ganha nada, só ganha uma bolsa, e você é inútil, não, porque eu vou devolver para o governo, só que tem um prazo para isso. Um prazo após a faculdade. Não vou devolver em dinheiro, mas eu vou estar no mercado. Já está programado que eu vou devolver para o governo de alguma forma, então por isso que eu não me sinto tão inútil. Eu fiz uma prova, teve todo o processo seletivo e eu lutei. Então na verdade eu vou devolver, retribuindo o esforço que eu fiz para ganhar a bolsa. Na verdade tem alguma troca, porque quando você só faz, só gasta, gasta e nada, você é um inútil, entendeu? Embora, quando você está investindo, ganhando dinheiro, você também pode ser um inútil. Como é o caso das patricinhas, Paris Hilton ou alguma coisa assim. Não faz nada que seja interessante, que angarie um valor para alguém, mas dá retorno. Ela não administra os hotéis dela, não é ela que assina documento, não é ela que dá as ordens de compra ou qual vai ser a cor da toalha. Ela não faz nada, ela só gasta o dinheiro. E promove as inaugurações. O que ela faz? Ela chama a TV. Você pega lá o Reality Show que mostra como é engraçado, ela fazendo os afazeres domésticos. Realmente, para ela é uma atração, entendeu? É algo diferente. Então, para mim é uma pessoa inútil, que não angaria nada. Só polêmicas. Você não ouviu

R - Porque o mercado está muito grande e tem muita gente no mercado. Então o que a empresa faz, começou a ganhar bem, ela manda embora e pega outro e emprega ele.

Pesquisadora - E aí como é que fica a trajetória de carreira?

R - Porque numa empresa como a Price, por exemplo, não é tão fácil achar qualquer puquiano e colocar lá dentro. Não é tão fácil pegar alguém com o perfil que eles querem no mercado assim. Então, eles querem segurar mais, porque se eles mandarem embora vai ser difícil, vai demorar muito para achar uma pessoa igual. Então é uma baita sacanagem, eles brincarem com você. Te empregarem e depois te mandarem embora.

Pesquisadora – Então, o que você quer dizer é que a PUC é uma referência também, e a PUC te leva para essas empresas boas.

R - A PUC é uma referência, entendeu. Que nem (sic) esses dias eu fui na Serasa. A Serasa foi eleita a melhor empresa para trabalhar hoje em dia. A gente estava falando com o trainee e perguntamos a formação dele. Ele está se formando em Administração pela PUC - Minas. Só que os outros quatro trainees que entraram com ele, eram tudo PUC-SP, USP, Mackenzie, FGV. Tudo assim, tudo faculdades que são referência na área. Então, a empresa contratante sabe que não são qualquer um, por isso ela tem que fidelizar e segurar eles. Ela sabe que está contratando bons funcionários. Isso por enquanto, logo, logo, o mercado está tão... Tem uns que é(sic) capaz que nem a USP conseguir mandar pessoas para o mercado.

Pesquisadora - Comente um pouco mais sobre isso.

R - O mercado está fechando. Antigamente bastava só ter faculdade, você tinha um emprego bom. Hoje não, você tem que ter faculdade, a melhor. Quanto melhor a faculdade, mais chance de emprego. Agora chegou ao ponto de ter duas faculdades. Faculdade e uma pós. Logo, logo, você vai ter que ter faculdade, pós e doutorado, e daqui a pouco MBA. Aí vai chegar em um ponto que você vai desistir. Aí vai para o meio da floresta e pronto, aqui tem fogo e água.

Pesquisadora - Mas aí tem uma contradição, porque se por um lado a PUC te leva a empresas boas e o mercado...

R - É o que falei, é que antigamente bastava você entrar em uma faculdade, independente de qual é. Aí chegou o ponto que não basta estar em uma faculdade, você tem que estar em uma faculdade boa. Está nesse ponto. Porém, não basta estar em uma faculdade boa. Tem que ter dois cursos ou pós-graduação. Estão exigindo tanto. Inglês antes era um diferencial e hoje é obrigatório.

Pesquisadora - E o seu futuro em relação a tudo isso que você está falando?

R - Ah, me sinto aliviado, porque então cheguei nesse ponto de pós-graduação e tudo. Quando eu chegar nesse ponto, vou estar empregado. Aí vai da minha direção e do meu emprego para garantir que o que investe, digamos assim, tem uma pós-graduação e chega lá me roubando a vaga. Aí, eu fazendo a minha pós-graduação por conta própria, aí eu faço o meu diferencial. Só preciso arrumar um bom emprego, né?

Pesquisadora - Ser competente, ser incompetente, não adianta, que importa é ter indicação e ter sorte. Isso que vocês falaram é verdadeiro?

R - É. Sorte é competência e oportunidade. Ser competente e tiver oportunidade de mostrar aquilo, você consegue a vaga. Competência você tem, a oportunidade a empresa que dá.

Pesquisadora - E a sorte?

R - A sorte é a junção dos dois. É a sua competência com o que a empresa oferece.

Pesquisadora - E se não tiver sorte então?

R - Você vê lá pessoas formadas fazendo concursos para gari. Será que não foram boas. Não pode ser ...

Pesquisadora - Mas não é o caso de estudantes da PUC?

R - É , eu acho que não. Se tiver é muito difícil. Espero que não.

Entrevista com G. (sexo feminino) 04/12/07

Pesquisadora - Vou retomar algumas coisas que vocês falaram e gostaria de aprofundar. Vocês falaram “o futuro aponta dificuldades e ter que abrir mão de coisas importantes”. Que futuro é esse? De que coisas importantes tem de abrir mão? Isso faz sentido para você?

G – Eu acho que o que a gente quis dizer nesse abrir mão de algumas coisas é que tem muitas coisas que a gente gosta de fazer, só que a gente tem meio que abrir mão, porque não é isso que ... como que se diz... de uma profissão. Ah, eu queria fazer música, só que você não pode, você até pode. Só que você ... Por exemplo, se você for fazer alguma coisa que não seja o que dê dinheiro, por assim dizer. Porque tudo, agora, querendo ou não, é na base da procura do dinheiro, na procura da vida boa. Todo mundo tá procurando isso agora. Eu acho, assim, que a gente vai ter que abrir mão de muita coisa que a gente gosta porque o mundo pede que a gente faça isso. Está entendendo o que eu estou querendo dizer?

Pesquisadora – Sim, claro. Achei interessante uma coisa que você falou agora, que o mundo pede que a gente faça isso. E antes?

G - Eu acho que antigamente não tinha tanto essa cobrança. Eu acho que o padrão de vida era outro, suas necessidades eram outras, também. Não era tanto essa coisa material, essa coisa de dinheiro. Agora, não. Tudo bem que, aí essa tal de globalização. Todo mundo fala, mas querendo ou não, é. Então tá todo mundo muito ligado. Sempre vai ter gente melhor que você. Então você tem que ir atrás, por exemplo, de coisa que você goste, mas não é só do que você goste e que não dê dinheiro. Não, você tem que fazer uma coisa que você goste e também dê dinheiro. Só que muitas vezes o que você gosta não dá dinheiro. Pode até dar, mas os caminhos, assim..., é muito mais difícil você alcançar. As portas não são tão abertas, entendeu? Por isso que eu escolhi Administração porque se eu fosse fazer o que eu gosto... Sabe, eu não sei como seria. Não digo que Administração eu vou ter um grande sucesso, mas sabe, eu acho que as chances são um pouquinho maiores.

Pesquisadora - Administração de empresas e o seu futuro, o que você associa?

G - Como assim? Minha escolha?

Pesquisadora - Não, não é sobre sua escolha. O curso e seu futuro. O que você está fazendo agora e o que você projeta mais para frente? O que vem à sua mente?

G - O sucesso, eu não sei se isso tem a ver.

Pesquisadora - É isso mesmo, o que vem à sua cabeça.

G - Eu imagino o sucesso, porque se eu estou aqui é porque eu acredito, entendeu? Eu acredito no nome. Eu não to fazendo PUC porque eu não acredito. Eu to fazendo aqui porque é um curso diferente. Tem essa coisa mais humana, entendeu? Eu sempre gostei desse lado mais humano, tanto que eu queria fazer Psicologia. Eu queria trabalhar em hospital. Eu acho lindo, maravilhoso. Sabe, eu gosto de mexer com pessoas e eu acho que Administração é um curso que tem mercado e por ele ser tão aberto eu ainda posso ir na área que eu gosto, que é RH, sabe, que você possa lidar com pessoas. É a primeira coisa que me vem, eu nunca me imagino não tendo sucesso. Daí eu acho que é uma coisa que o curso ajuda e que eu vou ter que correr para conseguir, entendeu. Apesar de tudo, eu que tenho que ir atrás, não adianta eu ter só o curso. Eu vou tá sempre tendo que me renovar e me destacar em relação aos outros.

Pesquisadora - E esse destaque, o que é em relação aos outros?

G – Eu acho que esse destaque a gente só vai conseguindo vivendo. Querendo ou não, você vai precisar de estágio, você tem que ter gente influente. Não gente influente, tipo gente boa, gente que entende do assunto, que nem aqui na PUC. Aqui tem professores ótimos, sabe. Principalmente na minha parte na área de humanas, sociologia, psicologia. Esses professores conseguem mudar um pouco, não mudar, mas te dar várias visões. Você vai a uma empresa, você começa a conversar. Ah, eu estou em uma consultoria, você conversa com um consultor e ele vai falando uma coisa que vai te ajudando. Porque é assim, para você se destacar, você

vai pegando de tudo um pouco para você conseguir formar uma coisa, entendeu, que depois no final vai dar uma coisa muito boa, que sou eu. (risos) Acho que de tudo um pouco, você tem que ir pegando, sabe. Dos seus erros você tira experiências, você tira lições disso. Revista também ajuda, tem uns casos. Não sei se respondi... (risos)

Pesquisadora – Respondeu, sim. E eu ia retomar essa questão de se esforçar, correr atrás, mas é bem isso que você acabou de falar.

G - Então você tem que ir muito atrás.

Pesquisadora - E como que é?

G – É, então, falta muita coisa. Eu preciso melhorar ainda meu inglês, eu preciso de tantas coisas... Eu já estou correndo atrás, eu já estou estagiando, foi muito difícil, mas eu vejo como um destaque, porque eu estava no primeiro semestre, consegui arrumar um. Por pior que ele seja, já vejo isso como um salto a mais em relação aos outros, sabe. Porque eu consigo lidar com os clientes, eu vou desenvolvendo a minha fala. Estou desenvolvendo um monte de coisa que antes eu não tinha. Sabe aquele jogo de cintura com gente mais importante que você. Então você vai aprendendo. O que eu estava falando mesmo? Ah, sobre o que estou fazendo. Vou voltar para o inglês, que querendo ou não é essencial, eu também estou programando um intercâmbio, que querendo ou não nas empresas grandes, eles querem essa vivência, essa experiência de ficar um pouco independente. Eu quero uma empresa maior e um estágio que eu realmente aprenda. Não um, onde estou eu não aprendo muito, mas meu salário é bom. Só que eu não quero só essa preocupação por um bom salário. É bom por enquanto, mas eu preciso aprender, né? Porque foi o que eu falei, você tem que ir aprendendo, você tem que conhecer e ver o que é real para você conseguir depois pôr na prática.

G - (pausa) Ah, sempre ficar esperto também para qualquer oportunidade, porque você vê assim, em uma empresa. Eu já percebi que você cresce quando o outro é mandado embora. (risos). Porque eles pegam, você já está na empresa. Ah, não, então você, já que você já está aqui há algum tempo, a gente vai passar, você vai pegar aquele lá, você vai subindo assim. Então são muitos contatos. Querendo ou não, precisa de contatos em uma empresa, precisa de uma relação boa também com as pessoas.

Pesquisadora – Esse é o destaque?

G - Não, destacar não depende do outro. Você tem que se destacar sozinho.

Pesquisador – Mas a outra pessoa não está ali com você?

G - Ah, sim. Mas além de você se destacar, já ajuda quando você conhece alguém. Por exemplo, não é porque você está lá que você faz qualquer coisa, que vão te colocar em um cargo bom. Você tem que ter o destaque e conhecer alguém influente.

Pesquisador - O destaque é você fazer algo em que você aparece, é isso? É nesse sentido ou não?

G - Também. Você consegue também se destacar quando você sai um pouco do comum. Você não fica só naquela coisa do que te mandam fazer. Então, assim, se você conseguir expor suas idéias, você não ficar só no que te pedem, você tem que mostrar sempre um pouquinho mais. Ah, faz aquilo ali. Ah, tá bom. Você faz aquilo lá e se você não achar que está bom, você não precisa entregar aquilo que te pediram. Você pode entregar e mostrar uma outra proposta, um jeito que você viu e que ficou legal. Eu acho que isso faz um pouco a diferença, porque você pode não ser legal ali, só que eles podem ver que você tem habilidade em outra coisa e te encaixar em outro lugar, e assim você vai subindo.

Pesquisadora - Aí vocês também falaram do mercado competitivo. Tem essa fala: “ eu tenho medo de que eu não consiga fazer o que goste”. O que acha dessa fala?

G - Então, eu acho que é por causa da... muitas vezes você está em um lugar e você tem que fazer o que não gosta. Mas não porque você não quer, porque você, como eu posso dizer... estou pensando em alguém. Ela pode estar em um lugar, só que não é porque ela está nesse lugar que ela vai fazer o que ela gosta. Você está trabalhando, no começo você vai ter que

fazer um monte de coisa que você não gosta, porque querendo ou não... só se você for de uma família, tem aquela herança e você já vai ser o dono, sabe. Então é muito difícil, você sempre vai começar fazendo o que não gosta. Vai ter que engolir muito sapo, vai ter que agüentar muita coisa, vai ter que ouvir. Mas nesse caso, eu acho que a pessoa falou que ela tem medo de não poder fazer o que ela gosta, que ela sempre gostou, e tem que fazer uma coisa que ela não gosta e que dê dinheiro. Mas eu acho que isso é bem real.

Pesquisadora - Medo de não conseguir e não ter prazer.

G - Eu acho que é aquela busca total pelo dinheiro, e você não vê chance nenhuma no que você realmente gosta de fazer, entendeu? Mas eu acho que é mais nisso que ela tentou dizer. (Aqui S. está se referindo à fala da amiga que participou do grupo focal)

Pesquisadora - Isso não se aplica a você? Você não tem esse medo?

G - Não é o meu maior medo (ênfase na palavra medo) assim, porque pode até ser que eu venha a fazer uma coisa que eu não goste, mas eu acho que eu nunca vou ficar acomodada de ... ah, não gosto, tudo bem, sabe. Se eu não gosto, eu vou correr atrás para ver outra coisa que eu goste. Se você não gosta, você tem que tentar dar um jeito de correr atrás do que te dá prazer, por exemplo, RH. RH tem vários negócios para você fazer. Eu, por exemplo, não quero ficar fazendo seleção. Eu quero fazer treinamento nas pessoas. Que nem, então, eu acho que você pode sair batalhando para uma coisa que... sabe, sempre tem alguma coisinha, sabe. É impossível você não gostar (pausa). Mas, é o que eu falei, tem que correr atrás e não ficar acomodado. Não dá para ficar parado e se conformar. Tudo bem, você pode não estar na carreira que você ame de paixão. Mas algum prazer no que você está fazendo você precisa achar. Alguma coisa boa ela tem para te oferecer. De tudo você pode tirar uma coisa boa.

Pesquisadora - O que é um futuro prazeroso?

G - Eu acho que é isso. Fazer o que você gosta, conseguir ter aquele reconhecimento que a gente discutiu tudo,... e ainda ganhar um dinheiro. Isso é bom (risos).

Pesquisadora - Esse é o futuro prazeroso?

G - É.

JE (ARCóçü2EtChospisadorü-HvBrúCIdatãVDO-ARCO(AARCO-V)2EiE(ÉCÍDQÉD(AREa(ÉAÍEÁHü(AARÉÉüD-E

trabalho que ela consiga ter um bom retorno em termos de lucro e bem-sucedida, que tenha sucesso naquilo que ela faça. Mas ter sucesso não significa que ela tenha prazer. E bem-sucedida no trabalho e também o lado pessoal. Por exemplo, porque tem muita gente que não consegue ser bem-sucedida pelo pessoal que ela tem. Sei lá, ela pode ser uma pessoa muito negativa. Ela pode não conseguir, e isso atrapalha no desempenho dela. Então eu acho que a vida afetiva dela tem alguma relação. A pessoa bem-sucedida, além dessa coisa material, ela precisa ter também um lado psicológico ...

Pesquisadora – Estruturado?

G - É. Não aquela pessoa que fica toda ...

Pesquisadora – Estável?

G – É. Precisa ter uma coisa equilibrada, sabe.

Pesquisadora - Então o profissional bem-sucedido é equilibrado...

G - Não, equilibrado, não. Ele tem alguma coisa. Não, esses caras são uns malucos (risos).

Pesquisadora - Falta de oportunidade na nossa sociedade.

G - É que eu falei isso no grupo porque é mais ou menos na fase que a gente está e que estou. Falei isso por causa do estágio. Eu acho assim, que no final, quando estiver no finalzinho, quando já estiver formada, a gente vai ter muita oportunidade. Querendo ou não, sabe, aquela coisa. Uma boa faculdade, tem nome. Sabe, não adianta só ter o nome da faculdade, entendeu. Mas querendo ou não já é um diferencial. Mas o que eu quis dizer aí nessa falta de oportunidade é para quem está começando. Ah, eles exigem experiência, só que você acabou de entrar na faculdade e as pessoas já estão exigindo. Mas eu acho que em geral a gente tem bastante oportunidade. Vai ter concorrência com USP, com GV, mas vai ter o nosso diferencial, entendeu? Essa parte humana, linda da PUC, que eu adoro (fala exaltada).

Pesquisadora - E desemprego? A palavra desemprego, então?

G - Ah, desemprego dá um pouco de medo.

Pesquisadora - Mas parece que esse risco não existe. Chamou-me atenção que no grupo não apareceu a palavra desemprego. E se a gente sai daqui, essa é uma das preocupações que existe hoje em dia.

G - Eu acho que tem muito administrador. É o que mais tem. Então, acho que não é muito distante da gente, essa palavra desemprego. Mas, pelo que eu vejo, todo mundo que faz estágio, são poucos os que não são efetivados. Então, você não vai ficar desempregado porque não tem emprego. Você pode ficar desempregado por um deslize, por alguma coisa da empresa, um corte. Mas não é porque não estão precisando de administradores porque querendo ou não, a gente ... Quem está fazendo administração agora na PUC, eu acho que tem muito destaque. E além desse destaque da faculdade, todos estão procurando esse diferencial. Querendo ou não, muita gente consegue fazer intercâmbio, muita gente tem inglês e quem não tiver vai ficar um pouquinho abaixo, sabe. Não que não vai ter também essas possibilidades. Talvez não seja um emprego tão generoso, né. Mas desempregado, difícil. Só se você se esforçar muito, assim, dá medo. Dá medo. Porque querendo ou não, eu planejo. Tenho tudo planejadinho. Tenho um monte de plano.

Pesquisadora - Quais são?

G - Eu quero comprar carro, eu quero fazer plástica (risos). Eu quero fazer muita coisa. Mas de onde eu vou tirar tanto dinheiro? Aí eu fico calculando. Eu quero viajar. Eu quero fazer isso. Eu quero fazer aquilo. Primeiro, eu quero carro, porque é aquela independência. Eu não sou muito presa agora, porque tem ônibus, que é uma maravilha, você tem carona, você tem tudo. Só que é aquela coisa, carona, você fica dependendo dos outros. Ônibus, chuva, aquelas pessoas, eu odeio. E meu pai, sabe, eu não gosto de ficar pedindo para meu pai, pai isso, pai aquilo. Então quero ir para um lugar que eu pegaria o meu carro, só que eu também tenho os meus medos. Também tenho medo de tirar carta, tenho medo de dirigir (risos). Eu também não gosto de algumas coisas. Eu queria pôr silicone que eu acho o máximo (risos). Só que aí

já vai muito dinheiro. Meu pai acha fútil. Ele não quer pagar. Então, eu vou ter que pagar. Que mais? Também quero viajar. Meu sonho é ir para a Alemanha. Quero aprender alemão, que eu acho lindo, maravilhoso. Só que, antes, eu preciso aprender o meu inglês. São essas coisas. E também quando eu tiver me formando eu quero uma república. Sei lá. Eu quero dividir um apartamento, para sair de casa. E o que eu vejo agora, é trabalhar em uma empresa. Não sei. Nestlé, Unilever, sabe, essas...

Pesquisadora - Essas empresas grandes.

G - Você ganha bem e você tem também os seus direitos. Por exemplo, agora você não tem férias, você não tem isso e não tem aquilo. Você não emenda feriado. Por mais que você não faça nada, você não tem uns direitos. Então parece que abusam um pouco da boa vontade, né. Então quero uma empresa que seja mais séria até.

Pesquisadora - Ah, então é por conta dos direitos que você procura uma empresa grande?

G - É. Porque querendo ou não, além de trabalhar, você também precisa se desligar um pouco, curtir sua vida.

Pesquisadora - Vocês comentaram sobre essa questão das empresas não quererem registrar, da insegurança...

G - Prá coisa do desemprego? Estão acabando muito os empregos, estão falando muito disso, que estão acabando os empregos... então, eu acho que tem de ser cada um por si. Tem muita gente que não quer ficar em empresa por causa disso. Você não tem essa estabilidade, você pode ser mandado embora a qualquer momento. Então as pessoas agora estão indo para essa coisa do empreendedorismo. Cada um abre sua coisa, cada um se vira. Acho que daí começa a fazer o que gosta. Não está feliz em uma empresa, sai e vai fazer o que quer. Daí, além dela fazer o que ela gosta e o que sempre quis... Ah, meu sonho é abrir uma lanchonete, eu estava numa empresa, em uma multinacional ganhando um rio de dinheiro. Se você quer e se você vai ficar feliz e ter a sua realização, eu acho que vale a pena você sair. Mas tem aquela coisa do dinheiro (ênfase).

Pesquisadora - Uma fala de vocês: “Errado os valores que as pessoas estão usando. Elas são muito fúteis”. Vocês estavam falando da sociedade, falando das modelos. Tem futilidade em nossa sociedade?

G - Ah, demais. Eu vejo. É que as pessoas hoje em dia têm uns valores meio idiotas até. Não sei. Homem só preocupado com futebol, com time. Só sabem falar sobre isso. Mulher só sabe falar de roupa, de moda. As pessoas, elas dão prioridade a umas coisas muito idiotas, assim, elas esquecem da realidade. O que eu vejo que no geral as pessoas são muito fúteis. Eu acho horrível esse país por causa disso também. O povo não tem memória. Você vê deputado roubando, e o pessoal vai lá e vota. Você vê Maluf roubando, tirando dinheiro, e o cara se reelege, o mais votado. Eu acho isso horrível. Mostra como o país é todo errado. Política toda errada. Eu acho esse país todo errado.

Pesquisadora - Aproveitando que você está falando isso, quando eu perguntei sobre o trabalho vocês também falaram sobre ser útil para a sociedade, sobre se sentir útil para a sociedade. O que você acha?

G - É, então (pausa). É que tem profissões que você é mais útil. Mas na minha profissão, eu não vejo. Eu não vejo utilidade, assim. Você está em uma empresa, tem aquela coisa com o meio ambiente, você tem uma preocupação que não é só você, entendeu. Se você puder ajudar o mundo você não precisa fazer grandes coisas. Você pode fazer coisas pequenas. Você pode, por exemplo, doar sangue. Você pode... Não sei, sabe. Mas são coisas pequenas, que as pessoas acham que são insignificantes e que não ajudam em nada, entendeu. Até a cultura nossa, ela é muito individualista. As pessoas nunca pensam no próximo. Não é como o médico, por exemplo, o médico eu acho aquela opção linda, porque além de você ajudar sabe aquela pessoa, você pode pegar um dia e eu quero ajudar... Sabe, aquelas coisas que de vez

em quando eles fazem: vamos para a África ajudar essas pessoas, isso eu acho lindo. Tem até algumas empresas que ajudam, mas não só aquela ajuda em dinheiro, que eu acho que falta.

Pesquisadora - Mais uma questão: “Sucesso é alcançar tudo o que eu quiser, só que agora eu não sei”.

G - (risos) É, então, é porque agora eu vou mudando. Mas para mim, o meu sucesso está muito relacionado com a minha vida pessoal. Então, além de eu ver uma empresa boa, um trabalho bom. Não digo ganhando uma fortuna, rios de dinheiro, porque no começo é muito difícil. Você tem essa estabilidade só quando você tiver certa idade, certa experiência. Assim, com a família, sabe. Com uma vida afetiva boa. Isso porque você em casa, você leva um pouquinho disso, né, para o seu trabalho.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)